



REVISTA LATINO-AMERICANA DE JORNALISMO
VOL. 8 N.2 | JUL - DEZ 2021 | ISSN 2359-375X
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

REVISTA ÂNCORA

VOLUME 8 - NÚMERO 2

PAUTA LIVRE



REVISTA ÂNCORA

VOLUME 8 - NÚMERO 2

Editores | **Fernando Firmino da SILVA** | **Paula de Souza PAES**



Revista Latino-americana de Jornalismo - ÂNCORA
Volume 8 • Número 2 • jul./dez. 2021

ÂNCORA - Revista Latino-americana de Jornalismo é uma publicação acadêmica semestral, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Jornalismo - PPJ | UFPB. Objetiva o fomento da produção acadêmico-científica na área do jornalismo e suas interfaces no campo comunicacional e em áreas afins. Seu foco de abordagem temática está direcionado para publicações de artigos, relatos profissionais, artigos-resenha e entrevistas que retratem, de forma transdisciplinar, os ambientes, processos, linguagens, tecnologias, produtos e processos do jornalismo. Avaliação CAPES: **Qualis B1** [Educação] e **Qualis B4** [Comunicação e informação]. **As informações, opiniões e conceitos expressos nos artigos, relatos profissionais, resenhas ou entrevistas são de inteira responsabilidade dos autores/autoras.**

A revista eletrônica está disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora>



CATALOGAÇÃO NA FONTE

R454 Revista Latino-americana de Jornalismo - Âncora [recurso eletrônico] – Ano 8, v.8; n.2; (jul/dez. 2021) / João Pessoa: Editora do CCTA, 2021.

189 p

Modo de acesso:

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora>

Semestral.

ISSN: 2359-375X

1. Jornalismo e inclusão. 2. Radiojornalismo 3. Livro Reportagem. 4. Webrádio. 5. Objetividade. 6. Jornalismo Interseccional. 7. Noticiabilidade.

UFPB/BC

CDU: 070



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

EDITORES

Prof. Dr. Fernando Firmino da SILVA
Profª. Drª. Paula de Souza PAES
Universidade Federal da Paraíba | Brasil

EDITOR ADJUNTO

Profª. Drª. Joana Belarmino de SOUSA
Universidade Federal da Paraíba | Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Profª. Drª. Gloria de Lourdes Freire RABAY

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Prof. Dr. Pedro BENEVIDES

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Profª. Drª. Sandra Regina MOURA

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Profª. Drª. Virgínia SÁ BARRETO

Universidade Federal da Paraíba | Brasil

Profª. Drª. Zulmira Silva NÓBREGA

Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Jornalismo - UFPB

• **Capa desta Edição** •

Iaco Lopes Dantas CARTAXO | Jornalismo – UFPB

[DOAJ](#) - Suécia | [Latindex](#) - México | [Crossref](#) - USA/United Kingdom |
[OLCL WorldCat](#) - Estados Unidos | [Elektronische Zeitschriftenbibliothek](#) -
Alemanha | [MIAR](#) - Espanha | [REDIB](#) - Espanha | [DAIJ](#) - Indonésia | [SHERPA/ROMEIO](#) -
Inglaterra | [ResearchBid](#) - Reino Unido | [Eurasian Scientific Journal Index](#) - República do
Cazaquistão | [UNIVERSAL IMPACT FACTOR](#) - Journal Impact Factor | [Crosscheck](#) | [Vérsila](#) -
USA | Brasil | [Directory of Research Journals Indexing](#) - Índia | [Journal TOCS](#) - Reino Unido
||| Brasil |||
[Sumários.org](#) | [Diadorim](#) | [SEER](#) | [IBICT](#) | [REVIScom](#)
[Periódicos UFPB](#) | [LivRe](#) | [Biblioteke Virtual](#) | [Google Acadêmico](#)

DIRETÓRIOS, INDEXADORES E PLATAFORMAS DE AVALIAÇÃO

Programa de Pós-graduação em Jornalismo

Centro de Comunicação, Turismo e Artes | Universidade Federal da Paraíba
Campus Universitário I | Cidade Universitária, 58059-900, João Pessoa – Paraíba
(83) 3260-0000 - Contato: revistaancoraufpb@gmail.com



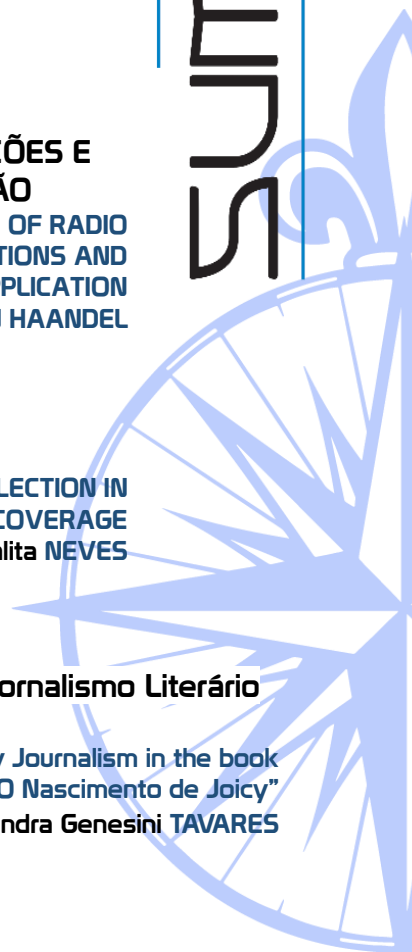
CONSELHO CIENTÍFICO • PEER REVIEW

- Profª. Drª. Adelaide Alves DIAS**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Adilson Vaz CABRAL FILHO**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Adriana Cristina Omena dos SANTOS**
Universidade Federal de Uberlândia | Brasil
- Prof. Dr. Adriano Duarte RODRIGUES**
Universidade Nova de Lisboa | Portugal
- Prof. Dr. Adriano Lopes GOMES**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Afonso de ALBUQUERQUE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. Alexandre Almeida BARBALHO**
Universidade Estadual do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Alfredo VIZEU**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Aline do Amaral Garcia STRELOW**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Álvaro Nunes LARANGEIRA**
Universidade Tuiuti do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Amarildo Batista CARNICEL**
Pontifícia Universidade Católica de Campinas | Brasil
- Profª. Drª Ana Carolina ESCOSTEGUY**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Ana Carolina Rocha Pessoa TEMER**
Universidade Federal de Goiás | Brasil
- Profª. Drª. Ana Lúcia Medeiros BATISTA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. André BRASIL**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. André VILLAS-BOAS**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Andréa França MARTINS**
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Ângela Cristina Salgueiro MARQUES**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Profª. Drª. Anita SIMIS**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Antônio Francisco Ribeiro de FREITAS**
Universidade Federal de Alagoas | Brasil
- Prof. Dr. Antônio FAUSTO NETO**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Prof. Dr. Arlindo Ornelas FIGUEIRA NETO**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Armando Silva TELLEZ**
Universidad Externado de Colombia | Colômbia
- Profª. Drª. Beatriz BECKER**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Bruno CAMPANELLA**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Cárilda EMERIM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Carlos Arcila CALDERÓN**
Universidad de Salamanca | Espanha
- Prof. Dr. Carlos Eduardo FRANCISCATO**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito D'ANDREA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Carlos PERNISA JUNIOR**
Universidade Federal de Juiz de Fora | Brasil
- Profª. Drª. Christa Liselote Berger Ramos KUSCHICK**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Profª. Drª. Claudia Irene de QUADROS**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Cláudio Cardoso de PAIVA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Cosette Espindola de CASTRO**
Universidade Católica de Brasília | Brasil
- Profª. Drª. Cremilda MEDINA**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Danilo ROTHBERG**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Demétrio de Azeredo SOSTER**
Universidade de Santa Cruz do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Denis Porto RENÓ**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho | Brasil
- Profª. Drª. Denise COGO**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Denise da Costa Oliveira SIQUEIRA**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Denise Tavares da SILVA**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Denize Correa ARAÚJO**
Universidade Tuiuti do Paraná | Brasil
- Profª. Drª. Dóris Fagundes HAUSSEN**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Dulcília Helena Schroeder BUITONI**
Faculdade Casper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Edgard Patrício de ALMEIDA FILHO**
Universidade Federal do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Edônio Alves do NASCIMENTO**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Edson Fernando DALMONTE**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Eduardo MEDITSCH**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Eduardo VICENTE**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Edvaldo Pereira LIMA**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Elias Machado GONÇALVES**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Eliseo VERÓN**
In memoriam
- Prof. Dr. Ericson SAINT CLAIR**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Fernanda MARTINELLI**
Universidade de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Albano Maia de Magalhães ILHARCO**
Universidade Católica Portuguesa | Portugal
- Prof. Dr. Fernando Antonio CROCOMO**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Antônio Dias ZAMITH**
Universidade do Porto | Portugal
- Prof. Dr. Fernando Antônio RESENDE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. Fernando Firmino da SILVA**
Universidade Estadual da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Fernando GONÇALVES**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Fernão Vítor Pessoa de Almeida RAMOS**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Prof. Dr. Flávio Antônio Camargo PORCELLO**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Francisco de ASSIS**
Centro Universitário Fiam-Faam | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Gilson Rebouças PÔRTO JÚNIOR**
Universidade Federal do Tocantins | Brasil
- Prof. Dr. Francisco José Castilhos KARAM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Laerte Juvêncio MAGALHÃES**
Universidade Federal do Piauí | Brasil
- Prof. Dr. Francisco Paulo Jamil Almeida MARQUES**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Profª. Drª. Gabriela BORGES**
Universidade Federal de Juiz de Fora | Brasil
- Profª. Drª. Geane Carvalho ALZAMORA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Gerson Luiz MARTINS**
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Gilberto ALEXANDRE SOBRINHO**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Profª. Drª. Giovana Borges MESQUITA**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Graça CALDAS**
Universidade Estadual de Campinas | Brasil
- Profª. Drª. Graziela Soares BIANCHI**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Prof. Dr. Guido Lemos de SOUZA FILHO**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Heitor Costa Lima da ROCHA**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Irene MACHADO**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Profª. Drª. Isabel Ferin CUNHA**
Universidade de Coimbra | Portugal
- Profª. Drª. Jacques Alkalai WAINBERG**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. Jairo FERREIRA**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Prof. Dr. Jesús Miguel Flores VIVAR**
Universidad Complutense de Madrid | Espanha
- Prof. Dr. João Batista de ABREU JUNIOR**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Prof. Dr. João CANAVILHAS**
Universidade Beira do Interior | Portugal
- Prof. Dr. João Carlos MASSAROLO**
Universidade Federal de São Carlos | Brasil
- Prof. Dr. João Guilherme BARONE Reis e Silva**
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil
- Prof. Dr. João SOMMA NETO**
Universidade Federal do Paraná | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Alejandro GONZÁLEZ**
Universidad Nacional Autónoma de México | México
- Prof. Dr. Jorge CARDOSO FILHO**
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Kanehide IJUIM**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Prof. Dr. Jorge Pedro Almeida Silva e SOUSA**
Universidade Fernando Pessoa | Portugal
- Prof. Dr. Jorge Trinidad Ferraz de ABREU**
Universidade de Aveiro | Portugal
- Prof. Dr. José Antônio Marques MOREIRA**
Universidade Aberta (UAb) | Portugal
- Prof. Dr. José Carlos MARQUES**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Josenildo Luiz GUERRA**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Prof. Dr. Luciano de Sousa LACERDA**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Juliana Colussi RIBEIRO**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil

CONSELHO CIENTÍFICO • PEER REVIEW

- Prof. Dr. Juliano Maurício de CARVALHO**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Júlio PINTO**
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais | Brasil
- Prof. Dr. Koldo MESO**
Universidad del País Vasco | Espanha
- Prof. Dr. Lauer Alves Nunes dos SANTOS**
Universidade Federal de Pelotas | Brasil
- Profª. Drª. Lídia Oliveira SILVA**
Universidade de Aveiro | Portugal
- Prof. Dr. Lionel Bossi GARAVAGLIA**
Universidad de Chile | Chile
- Profª. Drª. Lívia Cirne de Azevêdo PEREIRA**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Prof. Dr. Lorenzo Vilches MANTEROLA**
Universidad Autónoma de Barcelona | Espanha
- Profª. Drª. Lorena Peret Teixeira TÁRCIA**
Centro Universitário de Belo Horizonte | Brasil
- Profª. Drª. Lúcia Helena Ventrúsculo POSSARI**
Universidade Federal de Mato Grosso | Brasil
- Profª. Drª. Lúcia SANTA CRUZ**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Luciana MIELNICZUK** *In memoriam*
Universidade Federal de Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Luciane Fassarella AGNEZ**
Instituto de Educação Superior de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Luciano GUIMARÃES**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Luís António Martins SANTOS**
Universidade do Minho | Portugal
- Prof. Dr. Luís Mauro Sá MARTINO**
Faculdade Cásper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Luiz Custódio da SILVA**
Universidade Estadual da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Luiz SIGNATES**
Universidade Federal de Goiás | Brasil
- Profª. Drª. Magnolia Rejane Andrade dos SANTOS**
Universidade Federal de Alagoas | Brasil
- Profª. Drª. Malgorzata KOLANKOWSKA**
Escola Filológica de Wrocław | Polónia
- Profª. Drª. Manuela PENAFRIA**
Universidade da Beira Interior | Portugal
- Profª. Drª. Marcel Vieira Barreto SILVA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo Didimo Souza VIEIRA**
Universidade Federal do Ceará | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo KISCHINHEVSKY**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Marcelo Martínez HERMIDA**
Universidad de Santiago de Compostela | Espanha
- Profª. Drª. Marcia BENETTI**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Márcia Gomes MARQUES**
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Márcia Guena dos SANTOS**
Universidade Estadual da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Márcilia Gomes Costa MENDES**
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Márcio Carneiro dos SANTOS**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Prof. Dr. Márcio Ronaldo Santos FERNANDES**
Universidade Estadual do Centro-Oeste | Brasil
- Prof. Dr. Marco Antonio BONITO**
Universidade Federal do Pampa | Brasil
- Prof. Dr. Marcos AMÉRICO**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Marcos Silva PALACIOS**
Universidade da Beira Interior - Portugal | Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Marcus RAMÚSYO**
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Maria Beatriz COLUCCI**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Profª. Drª. Maria Berenice da Costa MACHADO**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. María Constanza Mujica HOLLEY**
Pontificia Universidad de Chile | Chile
- Profª. Drª. Maria Cristina GOBBI**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Profª. Drª. Maria Elisabete ANTONIOLI**
Escola Superior de Propaganda e Marketing | Brasil
- Profª. Drª. Maria José BALDESSAR**
Universidade Federal de Santa Catarina | Brasil
- Profª. Drª. Maria Lúcia BECKER**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Prof. Dr. Mário CARLÓN**
Universidad de Buenos Aires | Argentina
- Profª. Drª. Marta Regina MAIA**
Universidade Federal de Ouro Preto | Brasil
- Prof. Dr. Mateus Yuri Ribeiro da Silva PASSOS**
Faculdade Cásper Líbero | Brasil
- Prof. Dr. Mauro de Souza VENTURA**
Universidade Estadual Paulista | Brasil
- Prof. Dr. Michele Goulart MASSUCHIN**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Prof. Dr. Michele NEGRINI**
Universidade Federal de Pelotas | Brasil
- Prof. Dr. Miguel WIÑAZKI**
Universidad de San Andrés | Argentina
- Profª. Drª. Mirian Estela Nogueira TAVARES**
Universidade do Algarve | Portugal
- Profª. Drª. Miriam Moema Filgueira PINHEIRO**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Mirna TONUS**
Universidade Federal de Uberlândia | Brasil
- Profª. Drª. Monica MARTINEZ**
Universidade de Sorocaba | Brasil
- Prof. Dr. Muniz SODRÉ**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Natalia Raimondo ANSELMINO**
Universidad Nacional de Rosario | Argentina
- Profª. Drª. Nelia Rodrigues DEL BIANCO**
Universidade de Brasília | Brasil
- Profª. Drª. Patrícia Rebelo da SILVA**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Paulo Eduardo Silva Lins CAJAZEIRA**
Universidade Federal do Cariri | Brasil
- Prof. Dr. Pedro Nunes Filho**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Pollyana Ferrari TEIXEIRA**
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Rafael de Luna FREIRE**
Universidade Federal Fluminense | Brasil
- Profª. Drª. Raquel RECUERO**
Universidade Católica de Pelotas | Brasil
- Profª. Drª. Regina GOMES**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Regiane Miranda de Oliveira NAKAGAWA**
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Ricardo Ferreira FREITAS**
Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Rodrigo do Espírito Santo da CUNHA**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Prof. Dr. Rogério Luiz COVALESKI**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Profª. Drª. Rosana Cabral ZUCOLO**
Centro Universitário Franciscano | Brasil
- Profª. Drª. Rosana de Lima SOARES**
Universidade de São Paulo | Brasil
- Profª. Drª. Rossana Viana GAIA**
Instituto Federal de Alagoas | Brasil
- Prof. Dr. Sebastião Carlos de Morais SQUIRRA**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Sebastião Faustino PEREIRA FILHO**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Sérgio Arruda de MOURA**
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro | Brasil
- Prof. Dr. Sérgio Luiz GADINI**
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil
- Profª. Drª. Silvana LOUZADA**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | Brasil
- Prof. Dr. Silvano Alves Bezerra da SILVA**
Universidade Federal do Maranhão | Brasil
- Profª. Drª. Simone Maria ROCHA**
Universidade Federal de Minas Gerais | Brasil
- Profª. Drª. Sonia Aguiar LOPES**
Universidade Federal de Sergipe | Brasil
- Profª. Drª. Sonia Virginia MOREIRA**
Universidade Estadual do Rio de Janeiro | Brasil
- Profª. Drª. Suely Maria Maux DIAS**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Suzana KILPP**
Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil
- Profª. Drª. Suzana Oliveira BARBOSA**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Profª. Drª. Taciana de Lima BURGOS**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Prof. Dr. Thiago SOARES**
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil
- Prof. Dr. Valdecir BECKER**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Profª. Drª. Valquíria Aparecida Passos KNEIPP**
Universidade Federal do Rio Grande do Norte | Brasil
- Profª. Drª. Veronica STIGGER**
Fundação Armando Álvares Penteado | Brasil
- Profª. Drª. Virginia Pradelina da Silveira FONSECA**
Universidade Federal do Rio Grande do Sul | Brasil
- Profª. Drª. Viviane BORELLI**
Universidade Federal de Santa Maria | Brasil
- Profª. Drª. Zélia Leal ADGHIRINI**
Universidade de Brasília | Brasil
- Prof. Dr. Walter Teixeira LIMA JUNIOR**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Washington José de SOUZA FILHO**
Universidade Federal da Bahia | Brasil
- Prof. Dr. Wellington José de Oliveira PEREIRA**
Universidade Federal da Paraíba | Brasil
- Prof. Dr. Wilson da Costa BUENO**
Universidade Metodista de São Paulo | Brasil
- Prof. Dr. Wilton GARCIA**
Universidade de Sorocaba | Brasil
- Prof. Dr. Yuji GUSHIKEN**
Universidade Federal do Mato Grosso | Brasil

- 10** EDITORIAL
EDITORIAL
Fernando Firmino da SILVA • Paula de Souza PAES
- 13** A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE: ambiguidade e contradição na ideologia do profissionalismo jornalístico
THE NEWS AND THE OBJECTIVITY AND INTERSUBJECTIVITY REFERENCES: ambiguity and contradiction in the ideology of journalistic professionalism
Heitor Costa Lima da ROCHA
- 40** PARA PENSAR UM JORNALISMO INTERSECCIONAL: propostas epistemológicas
THINKING ABOUT AN INTERSECTIONAL JOURNALISM: epistemological proposals
Lucas Santos Carmo CABRAL • Karina Janz WOITOWICZ • Paula Melani ROCHA • Muriel Emídio Pessoa do AMARAL
- 60** A OFERTA E O ENSINO DO JORNALISMO CULTURAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO
THE OFFER AND TEACHING OF CULTURAL JOURNALISM IN THE BRAZILIAN UNIVERSITY CONTEXT
Ana Paula BOURSCHIED • Ícaro Moraes COLELLA
- 82** A IMPORTÂNCIA DA INTERFACE GRÁFICA DO RADIOJORNALISMO DAS WEBRÁDIOS E AS AÇÕES E FENÔMENOS RESULTANTES DE SUA APLICAÇÃO
THE IMPORTANCE OF THE GRAPHIC INTERFACE OF RADIO JOURNALISM IN WEBRADIOS AND THE ACTIONS AND PHENOMENA RESULTING FROM ITS APPLICATION
Johan Cavalcanti VAN HAANDEL
- 104** NOTICIABILIDADE, VALOR-NOTÍCIA E SELEÇÃO NOTICIOSA NA COBERTURA FUTEBOLÍSTICA
NEWSWORTHINESS, NEWS VALUES AND NEWS SELECTION IN SOCCER JOURNALISTIC COVERAGE
Thalita NEVES
- 125** ENTRE A FORMA E A TÉCNICA: elementos do Jornalismo Literário no livro “O nascimento de Joicy”
BETWEEN FORM AND TECHNIQUE: elements of Literary Journalism in the book “O Nascimento de Joicy”
Luiz Felipe ZAGO • Diandra Genesis TAVARES



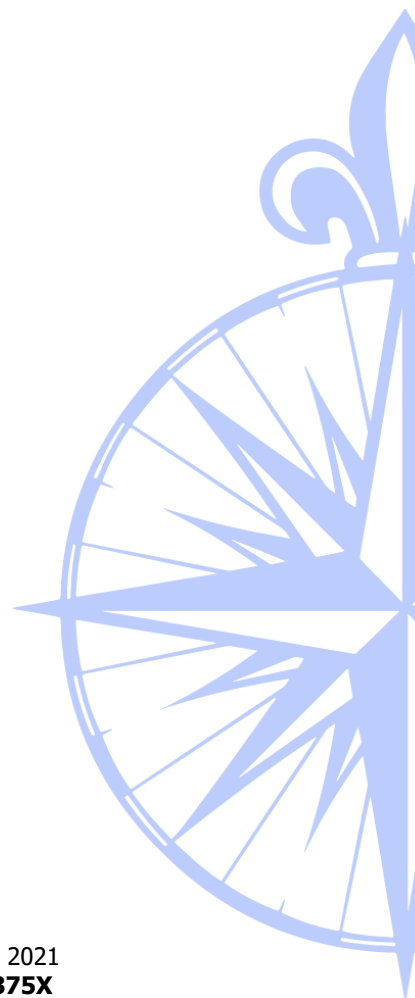
**148 ANÁLISE AUDIOESTRUTURAL DO PODCAST: UMA PROPOSTA
METODOLÓGICA PARA FORMATOS SONOROS**

**PODCAST AUDIOSTRUCTURAL ANALYSIS: A METHODOLOGICAL PROPOSAL
FOR SOUND FORMATS**

Roseane Arcanjo **PINHEIRO** • Izani Pibernat **MUSTAFÁ SOUZA** • Gessiela
Nascimento da **SILVA**

**167 A PESSOA COM DEFICIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA – uma
abordagem do jornalismo inclusivo**

Cilene **VICTOR** • Renata **JULIOTTI**



EDITORIAL

A Revista Latino-americana de Jornalismo – ÂNCORA disponibiliza aos seus leitores o vol. 8, nº 2, de jul.dez. 2021, em fluxo contínuo a partir da seção Pauta Livre. Essa edição é composta por 8 (oito) artigos no escopo do campo do Jornalismo, consolidando discussões relevantes com temáticas como gênero, cobertura esportiva, pandemia, objetividade e subjetividade no jornalismo, entre outras abordagens.

O primeiro artigo da edição, **“A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE: ambiguidade e contradição na ideologia do profissionalismo jornalístico”**, de autoria de Heitor Costa Lima da Rocha, da Universidade Federal de Pernambuco, é uma abordagem teórico-conceitual no campo do jornalismo sobre os conceitos de objetividade e intersubjetividade em relação ao aspecto de produção da notícia. O autor perpassa uma discussão aprofundada sobre a questão, apontando ambiguidade no tocante à construção do profissionalismo jornalístico.

Na mesma linha de discussão epistemológica, **“PARA PENSAR UM JORNALISMO INTERSECCIONAL: propostas epistemológicas”**, assinado por Lucas Santos Carmo Cabral, Karina Janz Woitowicz, Paula Melani Rocha e Muriel Emídio Pessoa do Amaral, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, traz uma reflexão teórica no campo do jornalismo sobre a intersecção discursiva entre Estudos Feministas e de Gênero e as Teorias do Jornalismo, sustentado pelas teses de Genro Filho. Para tal, discute as opressões estruturais e os estereótipos a partir do jornalismo.

EDITORIAL

O terceiro artigo, intitulado "**A OFERTA E O ENSINO DO JORNALISMO CULTURAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO**", de Ana Paula Bourscheid e Ícaro Moraes Colella, da Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo de casos múltiplos que analisa o panorama da disciplina Jornalismo Cultural nos cursos da área. A amostra parte de cursos com conceito 5 no ENADE. O resultado indica que há seis cursos que ofertam a disciplina em faculdades públicas e três em faculdades privadas. O artigo traz a preocupação em se ter a oferta na grade curricular como uma forma de incentivar o cenário cultural no país.

O quarto texto, "**A IMPORTÂNCIA DA INTERFACE GRÁFICA DO RADIOJORNALISMO DAS WEBRÁDIOS E AS AÇÕES E FENÔMENOS RESULTANTES DE SUA APLICAÇÃO**", de Johan Cavalcanti Van Haandel, da Universidade de Aveiro, em Portugal, apresenta uma original discussão sobre a interface gráfica voltada para o radiojornalismo no contexto das webrádios e como esse fator é catalisador do modo em que se visualiza as webrádios a partir não somente do aspecto do áudio, mas ampliando para elementos visuais, multimídia e hipertextuais.

O quinto artigo, intitulado "**NOTICIABILIDADE, VALOR-NOTÍCIA E SELEÇÃO NOTICIOSA NA COBERTURA FUTEBOLÍSTICA**", de Thalita Neves, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, explora as coberturas futebolísticas a partir da especificidade de liberdade editorial na área com formato de construção noticiosa com valores-notícias distintos e específicos como conflito/rivalidade, promovido nas coberturas do futebol. Deste modo, esses valores-notícias estabelecem outra angulação para tais coberturas.

"**ENTRE A FORMA E A TÉCNICA**: elementos do Jornalismo Literário no livro "O nascimento de Joicy", de Luiz Felipe Zago e Diandra

Fernando Firmino · Paula de Souza PAES
EDITORIAL

Genesini Tavares, Universidade de São Paulo e Universidade Luterana do Brasil, respectivamente, é o sexto artigo deste volume. A ênfase do texto é na consideração de que o Jornalismo Literário significa uma “afirmação” de uma forma de escrita. Para tal, os autores exploram a obra “O nascimento de Joicy”, da escritora Fabiana Moraes. A análise identifica a “recusa da objetividade” na construção da narrativa e na relação com a fonte, ou seja, aborda um desdobramento para uma subjetividade como constructo jornalístico.

O sétimo artigo é **“ANÁLISE AUDIOESTRUTURAL DO PODCAST: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA FORMATOS SONOROS”**, das autoras Roseane Arcanjo Pinheiro, Izani Pibernat Mustafá, Gessiela Nascimento da Silva da Universidade Federal do Maranhão. O artigo defende, a partir de pesquisa de teses e dissertações do campo da Comunicação, disponíveis no repositório da CAPES, não trazem uma metodologia específica para as pesquisas de podcasts. Trata-se de uma proposta metodológica chamada “Análise Audioestrutural do Podcast – AAP” como modelo para os estudos do formato.

O oitavo texto, **“A PESSOA COM DEFICIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA: uma abordagem do jornalismo inclusivo”**, de Cilene Victor e Renata Juliotti, da Universidade Metodista de São Paulo, destaca sobre como o jornalismo inclusivo pode contribuir para a atenção voltada para pessoas com deficiência, em especial durante o período de pandemia. A análise é centrada em veículos de referência como Folha de S.Paulo, Estado de S.Paulo, Agência Brasil, Portal G1.

Boa leitura e até o próximo número!

Fernando Firmino da SILVA e Paula de Souza PAES | **Editores**

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE: ambiguidade e contradição na ideologia do profissionalismo jornalístico

THE NEWS AND THE OBJECTIVITY AND INTERSUBJECTIVITY REFERENCES: ambiguity and contradiction in the ideology of journalistic professionalism

Heitor Costa Lima da ROCHA¹
Universidade Federal de Pernambuco | Brasil

Resumo

Este artigo pretende contribuir com o aprofundamento, no estado da arte dos estudos de jornalismo, da controversa questão deontológica da referência à objetividade ou à intersubjetividade na produção da notícia, considerando, especialmente, os fundamentos epistemológicos da polêmica sobre a ideologia do profissionalismo jornalístico. A análise identifica o problema do jornalismo objetivista, conformado pela epistemologia positivista, de distinguir no jornalismo fato de opinião para impor a interpretação da ideologia dominante como sendo a própria realidade, comprometendo a autonomia relativa do jornalista e o pluralismo no debate público ao excluir todas as demais interpretações existentes na sociedade.

Palavras-chave

Discurso jornalístico. Estudos do discurso. Pesquisa em jornalismo.

Abstract

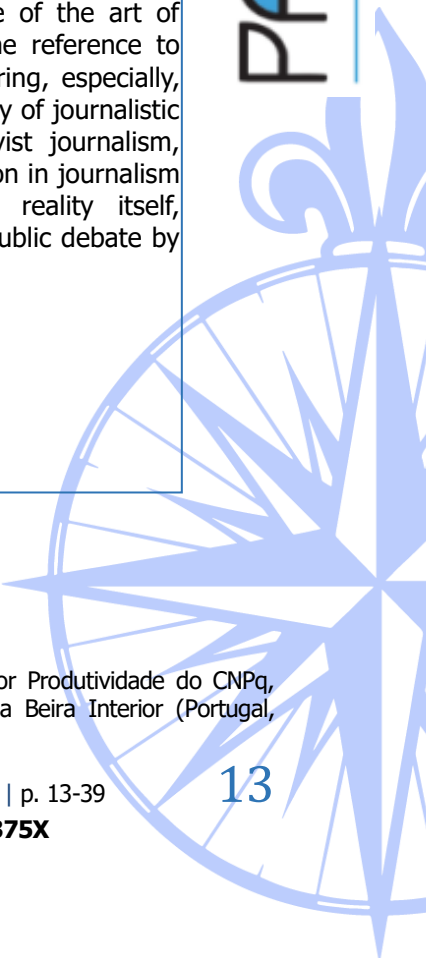
This article intends to contribute to the deepening, in the state of the art of journalism studies, of the controversial deontological issue of the reference to objectivity or intersubjectivity in the production of news, considering, especially, the epistemological foundations of the controversy over the ideology of journalistic professionalism. The analysis identifies the problem of objectivist journalism, shaped by positivist epistemology, of distinguishing fact from opinion in journalism to impose the interpretation of the dominant ideology as reality itself, compromising the journalist's relative autonomy and pluralism in public debate by excluding all other interpretations existing in society.

Keywords

Journalistic discourse. Discourse studies. Journalism research.

RECEBIDO EM 09 DE SET. DE 2021
ACEITO EM 15 DE DEZ. DE 2021

¹ Professor Associado da Universidade Federal de Pernambuco, Pesquisador Produtividade do CNPq, Doutor em Sociologia pela UFPE (2004), Pós-Doutor pela Universidade da Beira Interior (Portugal, 2015). Contato: heitor.rocha@ufpe.br.



Introdução

Subjacente à questão epistemológica da referência jornalística para conhecimento da realidade – nas perspectivas positivista da teoria da verdade como correspondência, pressuposta no conceito de objetividade, e da teoria consensual da verdade, fundada no conceito construtivista de intersubjetividade - e do adequado, ética e ideologicamente, relato a ser construído pela notícia, figura como desafio para o aprofundamento da teoria do jornalismo uma compreensão consistentemente justificada dos papéis a serem desempenhados pelo jornalista, com sua aspiração de autonomia e responsabilidade social, pela organização empresarial e sua política editorial, com as motivações do lucro e influência política, e pelo público cuja autoridade constitui a base da concepção republicana de democracia e seus princípios de soberania popular e auto-organização da sociedade.

Neste contexto, pode-se verificar na literatura referente ao estado da arte nos estudos do jornalismo a ausência de uma discussão aprofundada e sistemática sobre o conflito de interesses ideológicos existente nos veículos de comunicação entre, de um lado, os controladores das ações do investimento de capital no “negócio das notícias” e seus dirigentes de confiança, e, por outro, os jornalistas funcionários nestas organizações empresariais. Assim, algumas questões encontram-se, de forma quase generalizada, sistematicamente esquecidas ou mesmo ocultadas nos estudos em Jornalismo: a divisão social do trabalho na instituição jornalística entre os proprietários e seus dirigentes de confiança, por um lado, e os jornalistas empregados, por outro, com a contradição ideológica de interesses entre estas duas partes (1); a responsabilidade pela definição dos conteúdos como sendo responsabilidade maior ou quase exclusiva dos controladores

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

acionários dos veículos e seus dirigentes e não dos jornalistas como se costuma acreditar (2); e a eventualidade do público exercer autoridade para obrigar os veículos a se alinharem com os interesses da coletividade e o bem comum (3).

A maneira completamente irrefletida ou acrítica com que são tratadas estas questões, estigmatizando as denúncias de manipulação do grande capital, que monopoliza a propriedade da mídia convencional, sobre a produção de notícias como sendo resultado de teorias conspiratórias, é uma postura quase padrão no estado da arte da área, com exceção de poucos autores. Este posicionamento se enquadra no que podemos denominar de um **"tabu ideológico"**, pela proibição a que condena o assunto, a exemplo do que acontece com o que Warren Breed (2016) denomina de **"tabu ético"**, o esforço que os donos de veículos e os seus dirigentes fazem para dissimular a disposição de obrigar os jornalistas funcionários/empregados e se conformarem nos limites da política editorial da organização empresarial.

Segundo Warren Breed, este tabu tem uma significação ética porque está baseado na ameaça de que transpareça para a sociedade e a opinião pública que a direção do veículo censura e oprime os jornalistas para enquadrá-los nos seus pontos de vista, o que acarreta a perda de credibilidade do veículo por atentar contra a norma ética da compreensão compartilhada socialmente de que os meios de comunicação devem defender exclusivamente os interesses da coletividade e não interesses particulares dos grupos que controlam o aparelho de Estado e as corporações do mercado. Esta norma ética é reconhecida pelo público e assumida publicamente pelos veículos como o compromisso exclusivo com a verdade (autocompreensão normativa dos meios de comunicação).

A contradição existente na instituição jornalística (veículos noticiosos privados ou públicos) entre proprietários/dirigentes x jornalistas é, de forma quase unânime, ignorada pela grande maioria dos estudiosos, com poucas

Heitor Costa Lima da ROCHA

exceções como Warren Breed, John Soloski, Herbert Gans e poucos outros, e atinge até autores como Stuart Hall (2016) e outros da Universidade de Birmingham, que reconhecem que o jornalista, em geral, não é o definidor primário do enquadramento da notícia, mas sim as fontes oficiais da estrutura de poder, não vislumbrando, porém, a possibilidade de o jornalista agir na produção noticiosa, como concebe Chaparro (1994), de forma consciente, voluntária e deliberadamente contra-hegemônica quando articula a periferia como iniciativa externa à estrutura de poder. Fundamentado na filosofia pragmática da comunicação, Chaparro (1994, p. 22) salienta que, como todo enunciado é a execução de uma ação social,

“(1) o jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis – portanto, fazeres combinados com intenções. (2) Porque as ações são conscientes, controláveis e intencionadas, cada jornalista é responsável moral pelos seus afazeres. (3) Se uma intenção se refere unicamente à execução de um fazer, então as intenções dos fazeres jornalísticos estão necessariamente vinculados aos motivos éticos próprios do jornalismo”.

Por isso, Chaparro (1994, p. 22) afirma que “a âncora ética do jornalismo, da qual deriva a responsabilidade moral de cada jornalista pelo seu fazer, é o direito individual e universal de investigar, receber e difundir informações e opiniões”. E, assim, o pensador português destaca que, nos processos sociais,

o jornalismo é o elo que cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação. Eis aí o vínculo com o princípio ético universal que deve orientar a moral das ações jornalísticas e em função do qual o jornalista assume a responsabilidade consciente pelos seus afazeres profissionais (CHAPARRO, 1994, p. 23).

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

Neste sentido, diferentemente da concepção epistemológica positivista da objetividade como distinção entre fato e opinião, redutora do estatuto e completamente repressora do papel do jornalista, prescreve que

Sob o ponto de vista ético, a intencionalidade jornalística precisa do *porquê* (motivo), não do *para quê* (propósito). Conectada aos motivos éticos, a intenção controla a utilização das técnicas, inspira a curiosidade, ativa a compreensão, gera critérios valorativos para a apuração, depuração e ordenação das informações e opiniões recolhidas. E dá direção à sensibilidade criativa, na elaboração do relato veraz (CHAPARRO, 1994, p. 120-121).

No entanto, para exemplificação do limite da ação consciente do jornalista na definição dos critérios valorativos de sua apuração, adverte que a expansão da ação comunicativa está na esfera dos interesses do receptor, uma vez que o profissional precisa distinguir a autoridade do público de sua função, pois “denunciar à sociedade o comportamento corrupto e imoral de um presidente da República é dever do jornalismo e do jornalista; derrubá-lo é prerrogativa do povo organizado” (CHAPARRO, 1994, p. 121).

As epistemologias positivista da objetividade e construtivista da intersubjetividade

Na descrição da epistemologia positivista da objetividade, Josenildo Guerra (2008) observa que a objetividade está baseada no reconhecimento pelos jornalistas e a sociedade do *fato real* como objeto da notícia e que abrir mão do conceito significaria abrir mão dos compromissos dele decorrentes, especialmente o dever com a verdade. No entanto, o pesquisador reconhece que a reflexão sobre o problema da objetividade no jornalismo avançou muito pouco.

Segundo Guerra (2008, p. 39), o conhecimento do jornalismo como prática social de mediação toma, portanto, o “*fato real*” como objeto, e a notícia, por consequência, será verdadeira se fiel a ele: “verdade é

Heitor Costa Lima da ROCHA

objetividade, a correspondência entre o que é dito na notícia e o fato noticiado, (...) o jornalista deve produzir seu relato a partir das características do fato, constatadas com base nos parâmetros estabelecidos pela realidade que lhe é própria”.

A objetividade que interessa neste trabalho é aquela que se refere à propriedade que possibilita o conhecimento e o discurso produzidos pelo jornalista serem fiéis ao fato. (...) Significa a correspondência entre o dito pela notícia e o fato real noticiado. É o conceito de verdade, no realismo, fundado sobre o primado do fato, estável, absoluto e disponível, que deve ser conhecido especularmente. (...) objetividade é a qualidade do que é objetivo, objetivo qualifica algo que é relativo ao objeto, objeto é tudo o que é apreendido pelo conhecimento, que não é o sujeito do conhecimento. (...) Em consequência, a notícia objetiva é aquela que é relativa ao fato, ou seja, à realidade que é própria do fato, sem a influência do repórter, o sujeito do conhecimento no jornalismo (GUERRA, 2008, p. 42).

A concepção de objetividade na perspectiva positivista da teoria da correspondência entre a representação e a própria realidade tem a sua propriedade contestada por Eduardo Meditsch (2001), considerando-a um fator de reificação da realidade.

A mais imediata consequência do princípio de realidade orientado pela submissão aos fatos é a aceitação da fatalidade destes. O que é *objetivo*, por definição, situa-se fora do âmbito dos sujeitos; os *dados* da realidade estando lançados, só resta adequar-se a eles. Na percepção dos fatos assim considerados como objetivos, *verdade* e *realidade* não apenas se relacionam por adequação, mas também por identidade: passam a ser uma coisa só. Daí em diante, os fatos ganham vida própria, tornam-se *reificados* (MEDITSCH, 2001, p. 4).

Neste sentido, depois de considerar que o critério de verdade da objetividade é que embasa a reificação dos fatos pela realidade, Meditsch (2001, p. 5) observa que, quando se concebe os fatos como a própria realidade, é possível imaginar que só resta ao jornalista “descrevê-los de

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE

maneira objetiva, anulando toda a intervenção do sujeito no resultado de sua descrição. Esta pretensão, que sustenta o ideal de objetividade no jornalismo, revela-se falaciosa quando se constata que a não-intervenção não passa de uma ilusão”.

Segundo Meditsch, a partir da teoria da argumentação, percebe-se a necessidade de fazer a intersubjetividade substituir a objetividade como critério de aferição de verdade, uma vez que a intersubjetividade é o parâmetro lógico que estabelece e ao mesmo tempo limita a relatividade de todo o conhecimento.

Ao contrário da objetividade, porém, o parâmetro da intersubjetividade não é fixo nem arbitrário. Existem diversos níveis de intersubjetividade - diversos auditórios - que estabelecem diversos parâmetros de validade (como a ideologia, a cultura), alguns mais universais que outros. Em cada auditório, podem coexistir diversos campos de validação de argumentos cujos critérios eventualmente se contradigam (o filosófico e o religioso, as diferentes disciplinas científicas). E tanto estes auditórios quanto estes campos variam no espaço e no tempo, são construções não apenas sociais mas também históricas (MEDITSCH, 2001, p. 9).

Ao tomar o discurso, enquanto uso da linguagem, como forma de interação social, Meditsch observa que a consideração da intersubjetividade propõe uma alteração nos critérios de aferição de verdade no conhecimento: desloca este critério tanto da objetividade ideal quanto da subjetividade, recolocando-o na prática de um mundo interpessoal de interações públicas.

No campo epistemológico, esta concepção dominante do real e do verdadeiro se expressa através de diversas escolas de pensamento cujo ponto de contato são categorias desenvolvidas no âmbito da tradição *positivista*. Da filosofia revolucionária de Saint-Simon que influenciou a obra de Karl Marx, à doutrina conservadora de Auguste Comte que punha freio aos sonhos do proletariado, da visão contestada do funcionalismo nas ciências sociais, à sofisticação teórica do Círculo de Viena, o triunfo do "terceiro estágio intelectual da humanidade" pode ser constatado em todos os campos do saber nos últimos duzentos anos, e na medida mesmo em que o capitalismo se transforma em fenômeno social total, torna-se o principal pilar da ideologia dominante, como filosofia prática que orienta o princípio de realidade dos indivíduos (MEDITSCH, 2001, p.4).

Heitor Costa Lima da **ROCHA**

Nas sociedades ocidentais contemporâneas, na análise de Meditsch (2001, p.3), é possível identificar uma concepção do que é real e verdadeiro fortemente estabelecida, propondo que a realidade é material e constatada através da evidência dos fatos que a compõem, o que implica no entendimento de que o discurso verdadeiro é o que se adequa e não contradiz os fatos da realidade, pois “fatos são observações empiricamente verificáveis, e com fatos não se discute”.

Esta concepção não apenas guia a prática cotidiana do homem comum, como inspira o ideal de objetividade presente tanto na prática dos jornalistas como na dos cientistas - que não são exatamente a mesma. A versatilidade que permite esta abrangência de aplicações práticas, possibilitou também diversos níveis de construção teórica que ajudam a sustentar a concepção: do intuitivo bom senso na vivência cotidiana, passando pelos manuais técnicos de jornalismo, até chegar a elaborados tratados de metodologia da ciência (MEDITSCH, 2001, p. 3-4).

No mesmo sentido, também constata Bakhtin (2006, p. 16-17), que “persiste ainda a concepção positivista do empirismo, que se inclina diante do “fato”, entendido não dialeticamente, mas como algo intangível e imutável.”

A precariedade do paradigma positivista para explicar a realidade e seu conhecimento, conforme argumento categórico do pesquisador, fica evidente quando se constata que

os fatos não são uma realidade exclusivamente objetiva, eles próprios são construções humanas e, como tal, têm um componente subjetivo inseparável. Os fatos referem-se à realidade e, uma vez objetivados, pertencem à realidade, mas não são a realidade mesma. Antes, são um fenômeno circunscrito à prática do conhecimento (MEDITSCH, 2001, p. 8).

Com a preocupação sobre as mudanças ocorridas na epistemologia, Guerra reconhece que os fundamentos teóricos das técnicas e normas éticas, construídas pela tradição jornalística nos últimos duzentos anos, precisam ser aperfeiçoados, para que seja enfrentado o desafio de aprofundar a

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

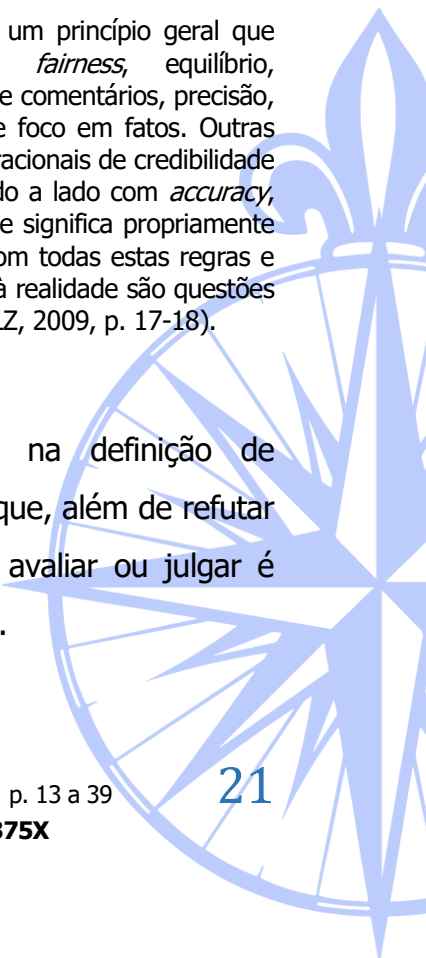
compreensão do jornalismo como atividade mediadora. No entanto, esta mediação não pode ser concebida de forma fetichizada entre os fatos em si e os indivíduos, pois, então, os “fatos reais” como dados puros da própria realidade teriam que ser imaginados como acessíveis magicamente à compreensão dos jornalistas, para depois serem transmitidos aos indivíduos.

Desde Karl Popper, na década de 1950, a presunção positivista da teoria da verdade como correspondência perfeita entre a representação e a realidade foi categoricamente refutada. O verificacionismo deu lugar ao falsificacionismo. O conhecimento completo, perfeito, portanto não passível de revisão, foi substituído pela maior probabilidade de verdade conseguida pelas proposições científicas que resistissem ao conjunto de testes de falsificação/refutação existentes.

Depois de constatar a confusão que envolve o significado de objetividade, Liriam Sponholz (2009) registra que as pesquisas científicas em comunicação assumem frequentemente a imprecisão, a ambiguidade e contradição que envolve este conceito.

Às vezes objetividade é entendida como um princípio geral que reúne as regras de abrangência, *fairness*, equilíbrio, independência, (...) separação de notícias e comentários, precisão, imparcialidade, veracidade, neutralidade e foco em fatos. Outras vezes, como nos casos das definições operacionais de credibilidade em estudos empíricos (...), é colocada lado a lado com *accuracy*, abrangência, “não ser tendencioso”. O que significa propriamente objetividade, o que deve ser alcançado com todas estas regras e qual a relação entre estas e a adequação à realidade são questões que permanecem sem resposta (SPONHOLZ, 2009, p. 17-18).

Com o intuito de esclarecer esta confusão na definição de objetividade, ela se reporta a Karl Popper para destacar que, além de refutar o verificacionismo, o pensador austríaco assegura que avaliar ou julgar é uma característica inerente ao processo de conhecimento.



Heitor Costa Lima da **ROCHA**

Nós não podemos roubar a parcialidade do cientista sem roubar a sua humanidade. De maneira bem parecida, nós também não podemos proibir ou destruir os seus julgamentos. (...) O cientista objetivo e sem valores não é o cientista social. Sem paixão, não funciona, e na ciência pura não funciona mesmo (POPPER apud SPINHOLZ, 2009, p. 172)

Neste sentido, Sponholz relata que Popper define “objetividade” consequentemente como intersubjetividade. Com muito mais relevância social, pode-se entender também a relação do jornalista com o seu direito de emitir juízo de valor sobre os acontecimentos que apura e investiga, de maneira a permitir a formação de consenso intersubjetivo sobre a realidade pela comunidade de comunicação, ou seja, pelo seu público, instância máxima de validação dos significados e conhecimentos.

Para salientar a pertinência de sua reflexão, Sponholz assegura que a falta de juízo de valor não produz uma aproximação maior da realidade e, assim, não se pode exigir liberdade de juízos de valor do sujeito em um processo de conhecimento. A consequência desta linha de raciocínio seguida por Sponholz a partir de Popper leva ao problema do malefício do mito da objetividade no trabalho jornalístico, onde a avaloratividade objetivista funciona como ideologia epistêmica (PIAGET; GARCIA, 2011) e camisa de força para desautorizar a autoria do jornalista e a dimensão maior da função social do Jornalismo.

Neste contexto, foi sendo elaborado o paradigma construtivista, com a sua teoria consensual da verdade, na qual a concepção de mediação passa a ser adequadamente utilizada para indicar a relação entre as diversas interpretações intersubjetivas dos investigadores científicos que compõem a comunidade de comunicação, cujo consenso tem a capacidade de definir as

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

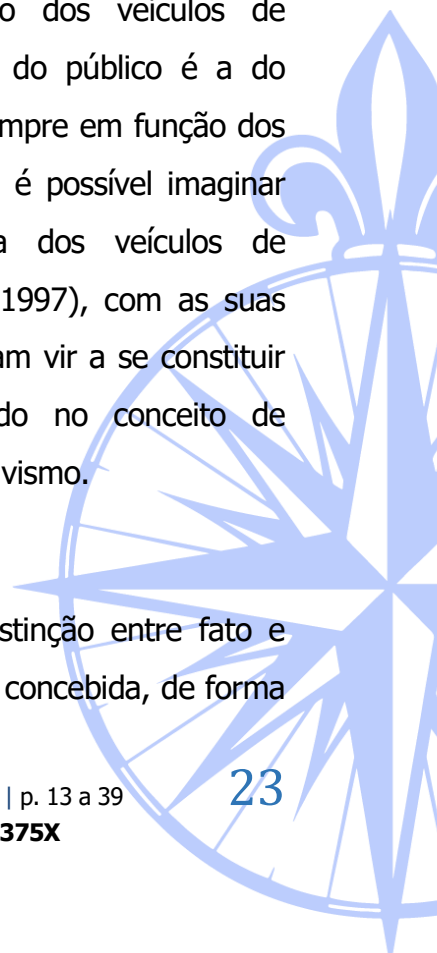
noções de verdade, razão/lógica, legitimidade e justiça, como algo provisório e sempre passível de revisão pelos integrantes deste colegiado.

Assim, liberto da exigência do conhecimento perfeito com acesso à verdade absoluta, a verdade passa a ser um conceito para definição da noção de realidade das pessoas elaborado através da discussão pública articulada e mediada pelo jornalismo. Pode-se identificar, inclusive, uma contradição entre a prescrição ética de apresentação pelo jornalismo da diversidade significativa de versões/interpretações existentes na sociedade em relação à ideia da possibilidade de acesso direto ao fato real, puro e absoluto da realidade, pois nesse caso não há espaço para o pluralismo defendido pela deontologia com a necessidade de atendimento da outra parte.

Por conseguinte, o imperativo ético do jornalismo não pode ser fundamentado num acesso metafísico à verdade absoluta da realidade social através de uma objetividade mitificada que teria a autoridade de validar o conhecimento perfeito, uma vez que a compreensão normativa (como imperativo ético) que deve reger o funcionamento dos veículos de comunicação noticiosos e é cobrada pela autoridade do público é a do compromisso com a discussão ética de se posicionar sempre em função dos interesses coletivos e do bem comum. Desta maneira, é possível imaginar que os conceitos de auto-compreensão normativa dos veículos de comunicação e a autoridade do público (HABERMAS, 1997), com as suas normas éticas e novas técnicas de procedimento, possam vir a se constituir no caminho alternativo para suprir o vazio deixado no conceito de objetividade pela crítica que lhe foi dirigida pelo construtivismo.

A hegemonia e a mudança social

Ao pretender se autovalidar e justificar pela distinção entre fato e opinião, na qual interpretação da ideologia dominante é concebida, de forma



Heitor Costa Lima da ROCHA

reificada, como a própria realidade, a perspectiva do jornalismo tradicional objetivista se coloca comprometido, completamente, com a reprodução da ordem institucional estabelecida, ficando impossível conceber uma ação do jornalista capaz de contribuir para a transformação da realidade social, como vislumbra Antonio Gramsci (1979) no seu conceito de “jornalismo integral” em que os indivíduos que compõem o público são considerados capazes de se transformar filosófica e ideologicamente.

Com a superação da noção estigmatizada atribuída pelas elites à capacidade intelectual das classes subalternas, Antonio Gramsci vislumbra a possibilidade das pessoas vivenciarem um processo de aprendizagem e conscientização que evidencia a necessidade de um “jornalismo integral”, que “não somente pretende satisfazer todas as necessidades (...) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, criar seu público e ampliar progressivamente sua área” (ROCHA; CORREIA; TELLERÍA, 2017, p. 156).

Na abordagem construtivista o conceito de “fato” passa por uma transformação significativa, uma vez que, como argumenta Habermas (2001), fato deixa de ser um dado puro da realidade, servindo para marcar, rigidamente, a fronteira com o juízo de valor, a opinião, para se torna apenas uma fundamentação sobre a realidade aceita consensualmente.

Aquilo que justificadamente podemos afirmar o chamamos de um fato. Um fato é aquilo que faz verdadeiro a um enunciado; daí que digamos que os enunciados refletem, descrevem, expressam, etc., fatos. Ao contrário, as coisas e eventos, as pessoas e suas manifestações, quer dizer, os objetos da experiência são aquilo acerca do que fazemos afirmações ou do que enunciamos algo: aquilo que afirmamos dos objetos é um fato quando tal afirmação está justificada. Os fatos têm, pois, um status distinto dos objetos. (...) Com os objetos faço experiências, com os fatos os afirmo; não posso experimentar fatos nem afirmar objetos (ou experiências com os objetos) (HABERMAS, 2001, p. 117, tradução nossa).

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

Assim, para o construtivismo, o fato é resultado de uma objetivação humana, produzida historicamente. Portanto, a notícia jamais apreende o fato em si mesmo, mas a aparência de como foi objetivado por determinadas forças sociais. Com esta compreensão, Antônio de Barros e Rogério Junqueira (2005, p. 33) também reconhecem que os fatos não existem por si mesmos, em um estado bruto, pois só se evidenciam “a partir de nossa observação. E toda observação é orientada por um conjunto de representações e de esquemas, por intermédio dos quais os seres humanos percebem, interpretam, classificam, dividem, compreendem os fenômenos que têm diante de si”.

A controvérsia sobre a validação das definições que se atribuem à realidade é uma questão central para o jornalismo, pois é a partir dela que se expressa a confiança do público e a credibilidade do jornalismo, o que demonstra o incessante empenho da sociedade para preservar a compreensão normativa do funcionamento dos veículos de comunicação noticiosos com o compromisso inalienável de satisfazer o interesse coletivo e a autoridade do público, que pode ser compreendido, assim, como imperativo ético fundante do jornalismo.

Diante desta possibilidade auspiciosa de mudança social, como vislumbram alguns autores, Stuart Hall (2016, p 340) acusa a atribuição de intencionalidade ao jornalista de incorrer em teoria conspiratória, invocando a posição marxista estrutural de Louis Althusser para considerar que o alinhamento aos interesses da estrutura de poder na instituição jornalística se dá “involuntariamente e através das suas próprias vias ‘autônomas’”. A adesão ao projeto dominante da estrutura de poder pelos jornalistas, assim, é vista como completamente inconsciente devido à influência da ideologia capitalista burguesa.

Desta maneira, a despeito da denúncia da primazia das fontes oficiais da burocracia do aparelho de estado e das corporações do mercado na

Heitor Costa Lima da ROCHA

definição das notícias, Hall não concebe o conflito de interesses existente dentro das organizações empresariais de mídia noticiosa entre os seus controladores acionários e seus dirigentes, ao lado dos posicionamentos favoráveis à preservação do *status quo*, e os jornalistas funcionários/empregados, em geral, identificados com as demandas progressistas e os interesses da maioria da sociedade.

Na compreensão deste embate, a reflexão de John Soloski é estrategicamente relevante para evidenciar como a ideologia do profissionalismo jornalístico, como autocensura, complementa a censura direta da política editorial dos veículos, dissimulando os posicionamentos da maquinaria de controle simbólico do sistema como algo a que os profissionais aderem espontaneamente.

A ideologia do profissionalismo é um método eficiente e econômico através do qual as organizações jornalísticas controlam o comportamento dos repórteres e editores. Mas as organizações jornalísticas (ou nesse caso qualquer empresa comercial) não podem confiar em normas profissionais para controlar o comportamento dos seus profissionais; a fim de limitar mais o comportamento discricionário dos jornalistas, as organizações jornalísticas têm desenvolvido regras – políticas editoriais. As organizações jornalísticas confiam na interação do profissionalismo e das políticas editoriais para controlar o comportamento dos jornalistas (SOLOSKI, 2016, p. 133-134).

Como toda linguagem, pela permanente incompletude de seu processo de semiose (ROCHA, ALVES, 2020), não pode deixar de desafiar a negociação de significados idênticos para atingir o entendimento através da comunicação, coloca-se como incontornável a condição ambígua e contraditória do discurso ideológico para se tornar dominante no processo de hegemonização concebido por Antonio Gramsci (1978), ao ter que articular, evidentemente de forma secundária e subordinada, elementos da ideologia

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

das classes e grupos desfavorecidos, para viabilizar a adesão desses setores sociais ao seu projeto hegemônico.

Neste sentido, é pertinente aplicação dessa característica imprescindível para hegemonização do discurso ideológico, na análise da ideologia do profissionalismo jornalístico, na qual pode ser reconhecido um núcleo duro da epistemologia positivista da objetividade com o mito da separação entre fato e juízo de valor/opinião. A concepção epistemológica do fato puro, absoluto, e seu conhecimento como pré-existente ao esforço cognitivo do jornalista para interpretar a realidade, não autoriza qualquer possibilidade de compreensão diversa daquela apresentada como unívoca e de inquestionável facticidade. Assim, é razoável inferir que os componentes de imparcialidade, neutralidade e “*fairness*” foram agregados à ideologia do profissionalismo jornalístico por pressão dos jornalistas e do público buscando garantir alguma diversidade nos enquadramentos das notícias além da versão dominante.

Nesta engenharia ideológica, no entanto, Soloski observa a ambiguidade e contradição na ideologia do profissionalismo jornalístico, apontando situações em que os jornalistas invocam a ideologia do profissionalismo jornalístico para se contrapor – podemos considerar de forma mais abrangente – não só às metas comerciais, mas também aos posicionamentos político-ideológicos dominantes.

Os objetivos e os procedimentos das organizações comerciais burocráticas levarão inevitavelmente ao conflito com os objetivos e os procedimentos dos seus profissionais. A fidelidade dos profissionais às normas ontológicas leva-os a entrar em conflito com intuítos lucrativos da organização comercial. (...) a ideologia do capitalismo e a ideologia do profissionalismo não são compatíveis. Aparentemente, a ideologia do profissionalismo tem fortes componentes antilucro e antimercado que estão manifestos na ideia do serviço para a sociedade. O custo não é visto como sendo um fator determinante na distribuição dos serviços profissionais (SOLOSKI, 2016, p. 137).

Heitor Costa Lima da ROCHA

O aprofundamento do estado da arte no estudo do jornalismo neste problema de difícil solução quanto à determinação da definição da interpretação sobre a realidade, na instituição jornalística (e dentro destas na margem de manobra e autonomia relativa dos jornalistas diretamente diante da política editorial, mas também indiretamente no contexto ambíguo da ideologia do profissionalismo jornalístico), necessariamente, implica desde a revisão dos fundamentos epistemológicos dos paradigmas científicos, da concepção das metodologias adequadas para investigação das questões relativas à comunicação e ao jornalismo até a aplicação dos pressupostos epistemológicos e metodológicos na avaliação da realidade empírica.

Determinação da estrutura e autonomia relativa dos jornalistas

Neste contexto, configura-se uma falsa polarização entre a concepção do funcionalismo estrutural norte-americano de que o jornalista seria o responsável exclusivo na definição do enquadramento da notícia trabalhando em situação de liberdade absoluta, por um lado, e de outro a concepção marxista mecânica (HALL) que percebe a ação do jornalista completamente determinada pela ideologia capitalista/burguesa, de acordo com a visão marxista estruturalista de Louis Althusser. Postura esta que pode ser identificada com o que Bakhtin denomina de materialismo pré-dialético, caracterizando uma perspectiva científica dominada pela categoria da causalidade mecanicista.

Sempre que se coloca a questão de saber como a infraestrutura determina a ideologia, encontramos a seguinte resposta que, embora justa, mostra-se por demais genérica e por isso ambígua: "a causalidade". Se for necessário entender por causalidade a mecanicista, como tem sido entendida até hoje pela corrente positivista da escola naturalista, então uma tal resposta se revela radicalmente mentirosa e contraditória com os próprios fundamentos do materialismo dialético (BAKHTIN, 2006, p. 39).

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

No intuito de esclarecer como a infraestrutura determina o signo e como o signo reflete e refrata a realidade em transformação, Bakhtin (2006, p.40) afirma que “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios”, como “indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados”.

Por conta do caráter ideológico que a envolve, Bakhtin (2006, p. 41) salienta que, como todo processo de semiose de atribuição de significado, a palavra é o meio de se produzir acumulações quantitativas de mudanças, lentas e que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova conformação ideológica, “que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais”.

Por outro lado, Bakhtin reconhece que, embora haja espaço para a luta ideológica pela mudança social, não reconhecida por Hall na linha “marxista pré-dialética” de Louis Althusser, a classe dominante respalda-se no enfoque do jornalismo objetivista para impor uma interpretação monológica da realidade e reprimir o pluralismo necessário à vida democrática.

O ser, refletido no signo, não apenas nele se reflete, mas também se refrata. O que é que determina esta refração do ser no signo ideológico? O confronto de interesses sociais nos limites de uma só e mesma comunidade semiótica, ou seja: a luta de classes. Classe social e comunidade semiótica não se confundem. Pelo segundo termo entendemos a comunidade que utiliza um único e mesmo código ideológico de comunicação. Assim, classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. Consequentemente, em todo signo ideológico confrontam-se índices de valor contraditórios. O signo se torna arena onde se desenvolve a luta de classes. Esta pluralidade social do signo ideológico é um traço da maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e

Heitor Costa Lima da ROCHA

móvel, capaz de evoluir. (...) Mas aquilo mesmo que torna o signo ideológico vivo e dinâmico faz dele um instrumento de refração e de deformação do ser. A classe dominante tende a conferir ao signo ideológico um caráter intangível e acima das diferenças de classe, a fim de abafar ou de ocultar a luta dos índices sociais de valor que aí se trava, a fim de tornar o signo monovalente (BAKHTIN, 2006, p. 47).

Assim, após lamentar que a perspectiva de mudança social só se revela inteiramente nos momentos de crise social, o pensador russo chama a atenção para a contingência de que, normalmente, nas situações cotidianas, a contradição entre a reprodução da realidade ou a sua transformação é ocultada pela ideologia dominante.

Nas condições habituais da vida social, esta contradição oculta em todo signo ideológico não se mostra à descoberta porque, na ideologia dominante estabelecida, o signo ideológico é sempre um pouco reacionário e tenta, por assim dizer, estabilizar o estágio anterior da corrente dialética da evolução social e valorizar a verdade de ontem como sendo válida hoje em dia. Donde o caráter refratário e deformador do signo ideológico nos limites da ideologia dominante (BAKHTIN, 2006, p. 47).

Neste contexto, refém da perspectiva da polarização das posições dicotômicas extremas de liberdade absoluta do jornalista na definição da notícia (gatekeeper) ou de sobredeterminação total do jornalista assujeitado à ideologia dominante, Nelson Traquina (2005) não reconhece em nenhum momento a possibilidade de se configurar na instituição jornalística a maquinaria ideológica da dominação hegemônica da estrutura de poder político e econômico, o que é ocultado com a descrição exclusiva da ideologia como "o polo positivo em que a ideologia profissional que se tem desenvolvido ao longo do tempo define o jornalismo como um serviço público que fornece aos cidadãos a informação de que precisam para votar e participar na democracia".

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

Dessa maneira, a ideologia não é concebida no “polo negativo do campo jornalístico (que) é o polo econômico, que associa o jornalismo ao (...) sensacionalismo, em que o principal intuito é vender o jornal/telejornal como um produto (...), esquecendo valores associados à ideologia profissional” (TRAQUINA, 2005, p. 27-28). Portanto, a prevalência da lógica comercial, com o fetichismo da mercadoria e a resultante alienação, não teria nenhum significado ideológico, incorrendo na noção capitalista de que a economia é desonerada de implicações éticas e ideológicas. Para Traquina, a notícia é uma construção social “resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol de suas estratégias de comunicação. Nessa visão agonística característica do funcionalismo estrutural, inexistem desigualdades estruturais (de classe, gênero, etnia, etc) entre os agentes sociais, aparentemente todos concorrendo com as suas estratégias de comunicação em situação de efetiva igualdade “olímpica”, conforme a visão da mercantilização da sociedade e, conseqüentemente, do campo jornalístico.

Assim, Traquina alinha-se com a concepção de liberdade absoluta e responsabilidade exclusiva do jornalista na produção da notícia, mas, quando se depara com a denúncia de Stuart Hall de que os definidores primários da notícia são as fontes oficiais e autoridades da estrutura de poder, adere ao argumento de que isso se dá de forma involuntária, não deliberada, de acordo com a perspectiva da determinação absoluta do marxismo economicista, para acusar de teorias conspiratórias outras interpretações que identificam uma ação consciente dos jornalistas na articulação da discussão pública para deliberação democrática ou autoritária, conforme no caso prevaleça o interesse público ou dos grupos de poder.

A autoria humana da realidade social e o jornalismo multiperspectivas

Heitor Costa Lima da ROCHA

Na fundamentação de sua concepção dialética da ideologia hegemônica como sendo dependente de um “equilíbrio instável” sempre necessitando da validação do consenso da comunidade de comunicação, Antonio Gramsci (1978, p. 69) questiona como ideológica a postura científica tradicional que considera “objetiva aquela realidade que é verificada por todos os homens, que é independente de todo ponto de vista que seja puramente particular ou de grupo”.

O senso comum afirma a objetividade do real na medida em que a realidade, o mundo, foi criado por deus independentemente do homem; ela é, portanto, expressão da concepção mitológica do mundo; senso comum, ademais, ao descrever esta objetividade, incide nos erros mais grosseiros (...), não sabendo estabelecer os nexos reais de causa e efeito, etc., isto é, ele afirma ser “objetiva” uma certa “subjetividade” anacrônica, já que nem sequer pode conceber a possibilidade de existência de uma concepção subjetiva do mundo, bem como o que ela queira ou possa significar”. Mas tudo isso que a ciência afirma é “objetivamente” verdadeiro? De modo definitivo? Se as verdades científicas fossem definitivas, a ciência teria deixado de existir como tal, como investigação, como novas experiências, reduzindo-se a atividade científica à repetição do que já foi descoberto. O que não é verdade, para felicidade da ciência. Mas se nem mesmo as verdades científicas são definitivas e peremptórias, também a ciência é uma categoria histórica, um movimento em contínua evolução (GRAMSCI, 1978, p. 69-70).

No pensamento de Gramsci, o que interessa à ciência é como o homem elabora seus métodos de pesquisa, retificando continuamente os seus instrumentos materiais e lógicos de discriminação e de verificação, a cultura, a concepção do mundo, a relação entre o homem e a realidade mediada pela tecnologia. Portanto, segundo o pensador italiano, se constitui em paradoxo a ciência buscar a realidade fora dos homens, num sentido religioso ou metafísico, perguntando-se o que seria a realidade do universo sem o homem. “Toda a ciência é ligada às necessidades, à vida, à atividade do homem. Sem a atividade do homem, criadora de todos os valores,

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

inclusive os científicos, que seria a objetividade? Um caos, isto é, nada, o vazio” (GRAMSCI, 1978. p. 70).

Ao se contrapor à noção da determinação do marxismo economicista da estrutura sobre a superestrutura, a concepção de hegemonia de Gramsci, segundo Luciano Gruppi (1978, p. 75), “dá o máximo destaque ao momento ideológico, cultural, ao momento da intervenção crítica, ao sujeito revolucionário, ou seja, à consciência”.

É desse conceito de hegemonia que parte a crítica de Gramsci às deformações do marxismo, entendido como materialismo mecânico e vulgar, que explica mecanicamente tudo e reduz tudo à economia. A polêmica de Gramsci é voltada contra toda uma interpretação do marxismo, que deforma Marx em sentido positivista. Nessa interpretação, perde-se de vista o momento da luta política, da ação cultural, da influência das ideias, que já para Engels aparecia como a terceira frente de luta, ao lado da econômica e da política. O materialismo mecânico concebe o desenvolvimento social como rigorosamente determinado por causas objetivas, que não deixam espaço efetivo para o sujeito, para o partido, para a iniciativa política (GRUPPI, 1978, p. 75-76).

Assim, Gramsci (1978, p. 70) salienta que, “para a filosofia da práxis, o ser não pode ser separado do pensar, o homem da natureza, a atividade da matéria, o sujeito do objeto; se se faz esta separação, cai-se em uma das muitas formas de religião ou na abstração sem sentido”. Neste contexto, a perspectiva positivista do jornalismo objetivista resulta numa epistemologia que concebe a determinação completa da estrutura, do fato “real”, absoluto, com o seu conhecimento completo sobre a realidade do mundo independente do sujeito cognoscente, no caso o jornalista como agente e a sua capacidade de agir. Embora este seja o núcleo duro da epistemologia da ideologia do profissionalismo jornalístico, pode-se verificar uma certa ambiguidade e contradição, como de resto em todo o âmbito do significado, do conhecimento e do discurso, quando a versão monológica da ideologia dominante se desestabiliza e se impõe, através das concepções de imparcialidade, neutralidade, “*fairness*” e equilíbrio, a necessidade de fazer

Heitor Costa Lima da ROCHA

interagir interpretações díspares de múltiplas realidades/verdades como províncias de significado finito (CORREIA, 2005).

Neste sentido, Norman Fairclough (2001, p. 122) observa que

Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em alianças com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcialmente e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas.

Por isso, Fairclough vai chamar a atenção para o marco delimitador da luta hegemônica que são os "complexos ideológicos", estruturados e reestruturados, articulados e rearticulados, a partir de uma ordem do discurso que pode ser considerada "como faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia", fazendo com que a ordem de discurso rearticulada seja contraditória: "elementos autoritários coexistem com elementos democráticos e igualitários e elementos patriarcais com elementos feministas", acrescentando que, "além disso, a rearticulação das ordens de discurso é obtida não apenas na prática discursiva produtiva, mas também na interpretação" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123-124).

O que está em jogo neste equilíbrio contraditório e instável, que configura um "cabo de guerra" entre fontes, jornalistas e público, é, segundo Herbert Gans (1979, p. 81), "o poder sobre a interpretação da realidade", concepção que evidencia a dimensão simbólica da democracia deliberativa, pois este poder pode ser exercido por todos os atores da discussão pública, muito embora sofra a influência privilegiada da organização empresarial dos veículos noticiosos.

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

Os cabos de guerra, no entanto, são resolvidos pelo poder; e é, entre outras coisas, "o exercício do poder sobre a interpretação da realidade". O poder é exercido por todos os participantes na transmissão de informações; está também em evidência dentro da organização noticiosa, que é hierarquicamente organizada. Mesmo os leitores e telespectadores têm algum poder, expresso pelo protesto e recusa em aceitar o que lêem e veem, razão pela qual os jornalistas costumam se preocupar com sua credibilidade (GANS, 1979, p. 82).

Neste sentido, apesar da margem de disputa pela interpretação da realidade a ser reconhecida como de transcendência social, as desigualdades estruturais são especialmente potencializadas pela hegemonia da epistemologia positivista da objetividade, com a noção estratégica da distinção entre fato e opinião, como referência imposta aos jornalistas na produção das notícias, acarretando um acentuado desempoderamento do jornalista e do público.

Para Gans, com a manutenção dos padrões de referência da objetividade e compromisso comercial incondicional com o lucro na produção das notícias, os jornalistas, enquanto não conquistarem outras maneiras de produzir suas notícias, continuarão com uma margem de manobra cada vez menor.

Notícias governamentais de cima para baixo têm muitas consequências problemáticas. Por um lado, reflete a perspectiva dos que estão no topo, que tendem a ver a massa da população como constituintes e sua sociedade como um mundo que eles conhecem principalmente por meio de suas capacidades oficiais e visitam principalmente em época de eleições. Além disso, os jornalistas respeitam suas fontes oficiais, relatando o que essas fontes lhes dizem. Eles podem ser críticos do que lhes é dito e das próprias fontes, mas as fontes geralmente têm a primeira palavra, colocando assim os críticos em uma posição reativa e inferior (GANS, 2003, p. 46).

As organizações políticas e econômicas poderosas, no entendimento de Gans (2003, p. 67), são boas em privar os cidadãos - assim como os jornalistas - de informações que podem reduzir seu próprio poder, o que

Heitor Costa Lima da ROCHA

implica a dificuldade dos profissionais para reorganizar a linha de montagem jornalística de modo a reduzir a ênfase nas notícias de cima para baixo e a divulgação dos poderosos. Por isso, ele defende que os veículos jornalísticos devem incluir nas notícias “mais opiniões. As opiniões são desejáveis quando jornalistas que fizeram muito trabalho braçal desenvolvem opiniões informadas, e essas devem ser compartilhadas com o público das notícias” (GANS, 2003, p. 100).

Assim, lamenta que a opinião jornalística seja reprimida, pois os jornalistas

(...) geralmente ainda são obrigados a excluir suas opiniões. Se eles pudessem injetar suas opiniões, eles poderiam aplicar seu julgamento pessoal em suas reportagens e análises, permitindo-lhes avaliar o que relataram. O resultado seria uma opinião informada, e se repórteres com diferentes perspectivas e valores fossem solicitados a fornecê-la, e suas diferenças fossem explicadas, o público noticioso se beneficiaria com a diversidade resultante (GANS, 2003, p. 100).

Segundo Gans (2003, p. 101), os jornalistas deveriam poder complementar histórias diretas com opinião para oferecer mais diversidade e pressionar “as organizações de notícias para corrigir os atuais desequilíbrios de raça, classe e outras características na lista de jornalistas.”

As diferenças de opinião são frequentemente o resultado de ver o mesmo fenômeno de várias perspectivas. A mesma observação se aplica às notícias, exigindo o que anteriormente chamei de notícias e mídia de notícias “multiperspectivas”. Idealmente, notícias multiperspectivas englobam fatos e opiniões refletindo todas as perspectivas possíveis. Na prática, significa dar lugar às notícias para pontos de vista não representados, fatos não relatados e partes da população não representadas ou raramente relatadas. Em outras palavras, as notícias multiperspectivas são o corretivo de baixo para cima para as perspectivas principalmente de cima para baixo da mídia de notícias (...). No entanto, embora o topo possa ser pequeno, não existe uma única perspectiva de baixo para cima. O país é composto de muitos fundos, ou públicos, cada um com sua própria concepção das formas adequadas de olhar o mundo, sobre o que são os fatos e quais fatos são relevantes para uma história ou assunto. A primeira prioridade, e agora uma

A NOTÍCIA E AS REFERÊNCIAS DE OBJETIVIDADE E INTERUBJETIVIDADE

antiga, é eliminar os contínuos preconceitos raciais e de classe nas notícias, de forma que as minorias étnicas e raciais, bem como as pessoas de renda moderada e baixa, não sejam mais vistas pelas lentes dos brancos e estereótipos de elite ou denunciados apenas quando dão as costas aos métodos tradicionais ou cometem crimes (GANS, 2003, p. 103).

Portanto, fica evidente como a epistemologia positivista da objetividade conspira para elaboração de enquadramento de notícias monológicas com a interpretação exclusiva da ideologia dominante sobre o fato como sendo a própria realidade, censurando a autonomia relativa dos jornalistas e a diversidade de versões sociais significativas, com certeza, fatores imprescindíveis para a vida democrática, conforme a concepção de Gans de “notícias multiperspectivas”.

Com este compromisso pluralista e democrático do construtivismo, pode-se vislumbrar um jornalismo de maior credibilidade e o empoderamento não só do jornalista, que reconquista toda a dimensão da importância de sua função social de articulação e mediação da discussão pública nas questões carentes de deliberação coletiva, bem como dos cidadãos que compõem o público, idealmente toda a sociedade, que passam a ter todas as suas versões significativas sobre a realidade consideradas na pauta noticiosa, especialmente as interpretações dos setores da periferia que se posicionam de forma contrafactual em relação aos enquadramentos da ideologia hegemônica dominante da estrutura de poder dos grupos que controlam o aparelho de estado e as corporações do mercado, defendidos pelo jornalismo tradicional orientado pela epistemologia positivista da objetividade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Annablume, 2002.
BARROS, Antonio; JUNQUEIRA, Rogério. **A elaboração do projeto de pesquisa**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). Métodos e técnicas

- de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.
- BREED, Warren. **Controle social na redação**: uma análise funcional. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teoria e "estórias"*. Florianópolis: Insular, 2016.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do Jornalismo**: buscas práticas para uma Teoria da Ação Jornalística. São Paulo: Summus Editorial, 1994.
- CORREIA, João Carlos. *A teoria da comunicação de Alfred Schultz*. Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Univesidade de Brasília, 2001.
- GANS, Herbert. **Deciding what's news**: a study of Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time. New York: Pantheon Books, 1979.
- GANS, Herbert. **Democracy and the news**. New York: Oxford University Press, 2003.
- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- GUERRA, Josenildo. **O percurso interpretativo da notícia**. São Cristovão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.
- HABERMAS, Jurgen. **Direito e democracia**: entre facticidade e validade (vol. 2). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- HABERMAS, Jurgen. **Teoría de la acción comunicativa**: complementos y estúdios prévios. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.
- HALL, Stuart; CHRITCCHER, Chas; JEFFESON, Tony. **A produção social das notícias**: o *mugging* nos mídia.
- MEDITSCH, Eduardo. **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação**: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo. X Encontro Anual da Associação dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília/DF, 2001.
- PIAGET, Jean; GARCIA, Rolando. **Psicogênese e história das ciências**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ROCHA, Heitor; ALVES, Anabela Gradim. **Autonomia do jornalista, ética e política editorial**: as implicações do enquadramento da notícia. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia – Universidade Federal de Santa Catarina*, vol. 17, janeiro-junho de 2020.
- ROCHA, Heitor; CORREIA, João Carlos. **Esferas públicas, intelectuais e mídia**: inclusão e exclusão social nas teorias da democracia. *Revista Eptic – Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura – Universidade Federal de Sergipe (UFS)*, vol, 19,

jan-abr, 2017.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

SOLOSKI, John. **O jornalista e o profissionalismo**: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson.

Jornalismo: questões, teoria e "estórias". Florianópolis: Insular, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: questões, teoria e "estórias"**.

Florianópolis: Insular, 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.



PARA PENSAR UM JORNALISMO INTERSECCIONAL: propostas epistemológicas

THINKING ABOUT AN INTERSECTIONAL JOURNALISM: epistemological proposals

Lucas Santos Carmo CABRAL¹
Karina Janz WOITOWICZ²
Paula Melani ROCHA³
Muriel Emídio Pessoa do AMARAL⁴
Universidade Estadual de Ponta Grossa | Brasil

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão teórica que cruza Estudos Feministas e de Gênero com as Teorias do Jornalismo, especialmente o pensamento de Genro Filho (2012). Entendendo o Jornalismo como uma forma de conhecimento cristalizado no singular, reconhece-se seu papel na produção de estereótipos e na manutenção do *status quo*, além de discutir os potenciais da atividade como reveladora de opressões através do que será chamado de um Jornalismo Interseccional. Percebendo o potencial do jornalismo enquanto indicador da particularidade por meio do singular significativo, identifica-se, utilizando a metáfora de Crenshaw (1989), a encruzilhada de opressões que é o sujeito como o singular e tais opressões, que são estruturais, enquanto o particular.

Palavras-chave

Feminismo Interseccional; Jornalismo e Gênero; Teoria do Jornalismo.

Abstract

This article proposes a theoretical reflection that crosses Feminist and Gender Studies with the Theories of Journalism, especially Genro Filho's (2012) propositions. Understanding Journalism as a form of knowledge crystallized in the singular, it recognizes its role in the production of stereotypes and in maintaining the *status quo*, in addition to discussing the potentials of the activity as revealing the oppressions that cross subjects through what will be called Intersectional Journalism. Perceiving the potential of journalism as an indicator of particularity through the significant singular, we identify, using Crenshaw's (1989) metaphor, the crossroads of oppressions that are the subjects as the singular and such oppressions, which are structural, as the particular.

Keywords

Intersectional Feminism; Gender and Journalism; Theory of Journalism.

RECEBIDO EM 15 DE SETEMBRO DE 2021
ACEITO EM 05 DE FEVEREIRO DE 2022

¹ Mestrando e bolsista (CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Contato: lcabral.98@gmail.com

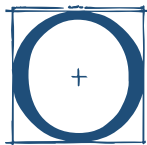
² Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG, bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq. Contato: karinajw@gmail.com

³ Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Jornalismo da UEPG. Contato: pmrocha@uepg.br

⁴ Dr. do Curso de Jornalismo da UEPG. Contato: murielamaral@yahoo.com.br



Introdução



Objetivo deste artigo é refletir sobre parte da bibliografia disponível acerca das relações entre Jornalismo e Gênero, demonstrando uma visão, muitas vezes, pessimista de um jornalismo que reproduz e perpetua opressões e estereótipos (GONÇALVES, 2018; MIGUEL; PEDRO; RIAL, 2010). Além disso, busca-se evidenciar tentativas da literatura em oferecer alternativas a esse jornalismo (GONÇALVES, 2018; MORAES e SILVA, 2019). A partir disso refletiremos sobre o jornalismo como forma de conhecimento (GENRO FILHO, 2012) tentando demonstrar suas potencialidades, tantas vezes ignoradas, para além da reprodução do *status quo*.

É a partir do relacionamento entre as ideias de Adelmo Genro Filho (2012) e o Feminismo Interseccional (CRENSHAW, 1989; LAGO; KAZAN; THAMANI, 2018) que surge o que chamaremos de um Jornalismo Interseccional. Um jornalismo que não precisa estar, necessariamente, vinculado a veículos alternativos e se aproveita de suas características que o mercado não é capaz de reprimir. Um jornalismo que é capaz de, a partir da singularidade, do indivíduo, revelar contradições e subjetividades quando tende à particularidade dos fatos (GENRO FILHO, 2012). Em outros termos, revelar o sujeito enquanto encruzilhada e as opressões que o cruzam enquanto parte de uma estrutura (CRENSHAW, 1989; LAGO; KAZAN; THAMANI, 2018).

Se uma das principais dificuldades para se fazer um jornalismo revolucionário está na falta dos meios de produção e reprodução, toma-se a internet como um meio frutífero para este tipo de proposição. Além disso, ainda refletindo sobre *O Segredo da Pirâmide* (2012), entende-se que a abordagem aqui proposta antecede o formato ou o gênero

Lucas Santos Carmo **CABRAL** et al.

jornalístico, mas que a reportagem pode ser potencializadora das características do Jornalismo Interseccional, tendo em vista a proeminência do particular enquanto categoria estética (GENRO FILHO, 2012).

A primeira seção do artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica acerca dos estudos de Jornalismo e Gênero, que compreendem a base da reflexão proposta. A segunda parte introduz o pensamento de Adelmo Genro Filho (2012) e sua relação com as ideias aqui propostas, enfocando as contribuições do autor no âmbito das teorias do jornalismo. Por fim, define-se o que chamamos de Jornalismo Interseccional e suas possibilidades diante das demandas da atualidade, em uma articulação entre o conhecimento produzido pelo jornalismo e as contribuições das teorias de gênero. Desse modo, ao se caracterizar como um trabalho de base conceitual, o artigo se propõe a promover interfaces epistemológicas para lançar luz sobre o desafio de repensar as bases hegemônicas do jornalismo.

O que dizem os estudos?

Muitos estudos são bem sucedidos em demonstrar as relações do jornalismo e seus preceitos com a construção de estereótipos, perpetuação de papéis sociais e opressões, além de evidenciar as próprias relações de gênero, classe e raça como determinantes no conteúdo e no mercado jornalístico. Não é a intenção deste artigo mapear tais discussões ou abraçar todos os pensamentos, mas é relevante para o trabalho destacá-las e discutir brevemente alguns dos modos como o jornalismo é tratado e algumas vertentes que podem ser caras às reflexões aqui propostas.

Reconhece-se o papel do jornalismo e da mídia de modo geral na produção e na reprodução de sentidos sobre a realidade. Hasan e Gil

(2016), ao estudar a comunicação com viés de gênero, reconhecem que os jornais estão longe de ser os únicos espaços e os causadores do problema, mas que são uma ferramenta importante para sua manutenção ou combate. As autoras defendem que eles “son instituciones culturales que construyen y producen determinadas formas de ver el mundo y valorarlo” (HASAN; GIL, 2016, p. 269).

Ao observar exemplos de coberturas, as autoras demonstram e explicam como a violência de gênero gerada pelo patriarcado e que o sustenta, pode ser justificada e legitimada no espaço jornalístico, fortalecendo novamente o sistema patriarcal (HASAN; GIL, 2016, p. 270). Além da pesquisa mencionada, alguns estudos baseados em monitoramento de meios⁵ ofereceram contribuições para um diagnóstico do tratamento discriminatório baseado nas questões de gênero na mídia e, conseqüentemente, para o reconhecimento da necessidade de superar discursos que reforçam estereótipos.

Esta acción permitió sensibilizar a sectores de la opinión pública y, en algunos puntos, incluso logró modificar el comportamiento de ciertos medios, como también la adopción de ciertas políticas públicas para frenar los excesos. Sin embargo, los límites de esta estrategias se han hecho evidentes, pues en conjunto, poco ha cambiado (BURCH, 2009, p. 14).

Burch (2013) destaca a importância de promoção de um enfoque de gênero na comunicação, associada à eliminação de imagens discriminatórias de mulheres na mídia, de modo a reequilibrar o discurso dominado por perspectivas hegemônicas. É neste aspecto que cabe

⁵ Entre estas iniciativas, em grande parte desenvolvidas por entidades voltadas aos movimentos em defesa dos direitos das mulheres, pode-se citar algumas realizadas no contexto latinoamericano: PORTUGAL, Ana Maria; TORRES, Carmen (orgs.). Por todos los medios: Comunicación y Género. Ediciones de las Mujeres n. 23. Santiago de Chile: Isis Internacional, 1996; TORRES, Carmen (ed.). Género y comunicación: el lado oscuro de los medios. Ediciones de la Mujer, n. 30. Santiago de Chile: Isis Internacional, 2000; BONDER, Gloria. Mujer y comunicación: una alianza posible. Buenos Aires: Asociación Mundial para la Comunicación Cristiana; CEM – Centro de Estudios de la Mujer, 1995; ALONSO, Martín Oller; MÁRQUEZ, Maria Cruz Tornay (orgs.). Comunicación, Periodismo y Género: una mirada desde Iberoamerica. Sevilla: Ediciones Egrejus, 2016.

Lucas Santos Carmo **CABRAL** et al.

discutir os parâmetros a partir dos quais o jornalismo se desenvolve e o que eles representam na reprodução de desigualdades. Entre eles, o inalcançável princípio de objetividade torna-se uma referência importante por colocar em xeque as escolhas que compreendem o processo de produção jornalística e carregam condicionantes marcados por construções socioculturais. Afinal, diversos estudos demonstram que os conteúdos dos jornais são cruzados frequentemente por valores subjetivos e que, muitas vezes, reproduzem o status quo. Os próprios “valores-notícia são permeados por valores sociais hegemônicos” (MORAES; SILVA, 2019).

É importante compreender esse papel por conta do lugar ocupado pela mídia na sociedade. Diversas pesquisas mostram que é possível entender a mídia como um lugar de educação que “dissemina, prescreve e perpetua valores e códigos de comportamento e de conduta” (MIGUEL; PEDRO; RIAL, 2010, p. 201), ou ainda como um espaço de construção de imagens e que os discursos generificados reproduzidos pelo jornalismo apresentam limites entre masculino e feminino, heterossexual e homossexual, entre outros (GONÇALVES, 2018). Como pode-se observar, tais imagens e limites não são foco exclusivamente dos estudos feministas, mas também de estudos LGBTQI+ ou de masculinidades, por exemplo, evidenciando como se criam padrões e desvios.

Algumas pesquisas tiram, ainda, o foco do conteúdo e observam também o mercado de trabalho jornalístico, as relações de gênero e o impacto das mulheres nas redações (MONTIEL, 2010, 2014; ROVETT GONEM, 2013). De acordo com Waitowicz e Rocha (2018, p. 57), as assimetrias de gênero estão caracterizadas na ocupação quanto aos mercados formal e informal de trabalho, aos cargos e funções, à distribuição geográfica no país e também aos tipos de veículo, que interferem na “prevalência de uma cultura profissional ainda masculina”. O

que se nota é que, apesar de serem maioria no mercado, as mulheres ainda não ocupam cargos de chefia, ainda parece existir uma visão de que a figura de liderança deve ter atributos masculinos e uma estratificação da profissão por elementos discriminatórios, uma reprodução de estereótipos como os das “emoções femininas versus masculinas”, violência e assédio contra mulheres jornalistas, entre diversos outros fatores que ainda precisam ser superados (FIGARO, 2018; SILVA, 2010).

Marcia Veiga da Silva (2010) identifica que as mesmas divisões sociais parecem existir também nos valores-notícia do jornalismo, criando valores-notícia masculinos e femininos (SILVA, 2010). A constatação demonstra, mais uma vez, que o jornalismo é diretamente cruzado por questões sociais. Silva (2010) é responsável pela afirmação de que o masculino é o gênero do jornalismo e reflete, juntamente com Moraes, sobre a noção da objetividade jornalística na reprodução de opressões por gênero e raça (MORAES; SILVA, 2019). Pode-se acrescentar, ainda, que tal masculinidade/objetividade do jornalismo é frágil, funcionando como um ritual estratégico de defesa dos jornalistas (TUCHMAN, 1993) e que, quando questionada, tanto na prática quanto em determinados espaços de produção teórica, pode gerar desconforto.

É a partir dessas reflexões que surgem algumas propostas de modos alternativos de se fazer jornalismo, das quais duas serão destacadas neste trabalho. Uma delas está em artigo de Moraes e Silva (2019) em que se identifica a subjetividade como uma ferramenta descolonizadora do jornalismo. A segunda se encontra em artigo de Gonçalves (2018), em que dialogam os Estudos em Jornalismo e a Teoria Queer e, por fim, se propõe a ideia de “tornar o jornalismo queer”.

Como já mencionado, Silva e Moraes discutem o ideal da objetividade enquanto reprodutor de ideologias como o machismo e o racismo e propõem uma virada epistemológica no jornalismo que reconheça a subjetividade também como constituinte dos produtos

Lucas Santos Carmo **CABRAL** et al.

jornalísticos, tão relevante quanto inevitável. Fala-se de um jornalismo que “preza pela semelhança e não pela diferença” (2019, p. 17 e 18) e que, por isso, não traz visões espetacularizantes de grupos historicamente oprimidos.

O uso da emoção nesse jornalismo, segundo as autoras, se dá “pelo não apagamento da jornalista/do jornalista na produção”, entendendo que seu papel não é de protagonismo, mas que é fundamental (MORAES; SILVA, 2019, p. 18). Para traduzir a relação Eu-Outro, é necessário reconhecer o Eu enquanto situado e limitado (2019, p. 18). Somente essa percepção e reconhecimento já seria um ganho para o jornalismo.

A perspectiva das autoras é de que se adotem “fenômenos rechaçados historicamente pelo jornalismo” e que podem ajudar, até mesmo, a compreender a crise do jornalismo que está muito além do mercado e se configura como “uma fratura nas formas de representação calcadas pelo mesmo” (MORAES; SILVA, 2019, p. 19). Tal perspectiva está de acordo com o que se busca no presente artigo; todavia, tenta-se, aqui, evidenciar que existem potencialidades no modo de fazer jornalismo que se constituiu historicamente e é hoje hegemônico.

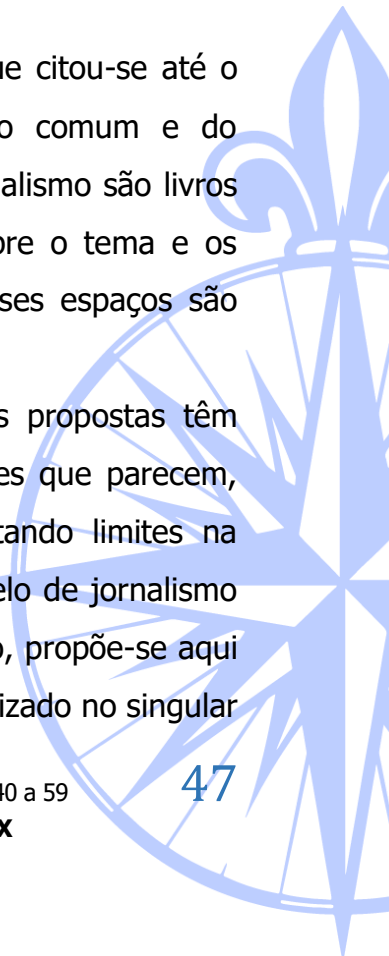
Gonçalves (2018) reconhece, através da Teoria Queer, que o jornalismo, apesar de seu papel como reprodutor de opressões, tem potencial para evidenciar a heteronormatividade e explorar “transgressões, singularidades e fluidez” (GONÇALVES, 2018, p. 182). Porém, o jornalismo ecoa “vozes dominantes, masculinas, brancas e heterossexuais” (2018, p. 183) que reproduzem valores hegemônicos. De acordo com essa perspectiva, costuma-se esquecer de pensar que o jornalismo produz representações e os produtos são tomados como uma realidade única. Identifica-se que parte disso é o objetivo do próprio jornalismo, que quer ser traduzido como realidade.

O caminho indicado pela Teoria Queer, segundo Gonçalves (2018), está em “deslocar sentidos, desnaturalizar ideias, reconfigurar discursos” (2018, p. 184). O autor faz indicações de obras que ressaltam a importância das vozes e dos corpos de sujeitos, focando em livros reportagem que fogem ao padrão de um “jornalismo tradicional”. Trata-se, segundo ele, de uma fuga do positivismo, da precisão, do masculino e do universal (2018, p. 185).

Para Gonçalves (2018) essas narrativas são prova de que o discurso jornalístico pode ser um contradiscurso e se opor a pensamentos hegemônicos e nocivos de, novamente, representação do Outro. Narrativas que escutam pessoas, para além das transformações tecnológicas. Tais colocações que aparecem até aqui parecem passar por uma desconstrução do próprio jornalismo. Identificam-se pontos de encontro e relevância nos “modos de fazer” apresentados por Silva e Moraes (2019) e Gonçalves (2018), mas eles aparecem como contraditórios aos tradicionais valores do jornalismo. É necessário, interpretando os pontos de vista apresentados, transformar o jornalismo como um todo.

Algo que se percebe em comum dentre aquilo que citou-se até o momento é que se tratam de propostas de fuga do comum e do tradicional. As iniciativas em que se identificam esse jornalismo são livros e reportagens aprofundadas que permitem reflexão sobre o tema e os sujeitos de modo geral. Identifica-se, desde já, que esses espaços são frutíferos para um jornalismo diferenciado.

Os estudos conseguem revelar contradições e as propostas têm total validade, mas propõem revoluções e transformações que parecem, em certos momentos, distantes da realidade, apresentando limites na identificação de possibilidades e potencialidades do modelo de jornalismo que temos hoje. Em tentativa de realizar esse movimento, propõe-se aqui pensar no jornalismo como forma de conhecimento cristalizado no singular



Lucas Santos Carmo **CABRAL** et al.

e que, apesar de suas raízes burguesas, tem potencial revolucionário, conforme defendido por Adelmo Genro Filho (2012), sem deixar de lado as questões que foram até aqui apresentadas e tentando realizar um cruzamento com alguns pensamentos feministas.

Para além da culpa

Em *O Segredo da Pirâmide*, Genro Filho (2012), não deixa de reconhecer o papel do jornalismo na manutenção do *status quo*, mas se propõe a pensar além disso. Antes de explicar de qual jornalismo está falando e qual é a sua defesa, o autor tece críticas aos mais diversos aportes teóricos, passando por estudos considerados funcionalistas e pela escola de Frankfurt, demonstrando falhas no reconhecimento do objeto jornalístico e da sua independência.

O autor destaca, durante todo seu percurso teórico, que “o jornalismo não pode ser reduzido às condições de sua gênese histórica, nem à ideologia da classe que o trouxe à luz” (GENRO FILHO, 2012, p. 23) e que ele se constitui como um fenômeno que ultrapassa “os contornos ideológicos de sua gênese burguesa” (2012, p. 23). Discute-se, portanto, “o jornalismo como produto histórico de uma sociedade burguesa” (2012, p. 23), e acrescento, tendo em vista o foco do artigo, patriarcal e branca, mas que tem potencialidades que ultrapassam esse próprio modelo de sociedade, por mais contraditório que isso pareça de início.

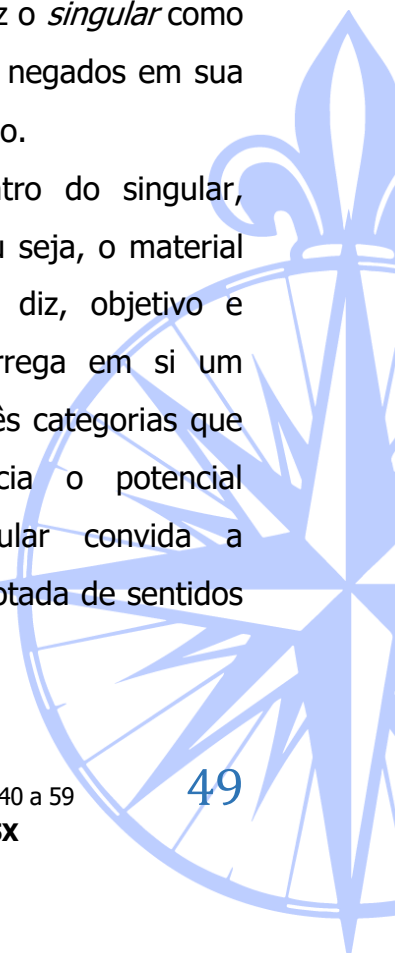
A relação entre objetividade jornalística e a subjetividade dos sujeitos ou a questão da objetividade como algo inalcançável não é tomada como um problema. Desde o início se reconhece que “há um componente subjetivo inevitável na composição mesma do fato, por mais elementar que ele seja” (GENRO FILHO, 2012, p. 45) e esse fator é, de

alguma forma, determinante para o potencial da atividade. Aqui já se pode identificar relações com alguns dos estudos citados anteriormente.

A análise de Genro Filho tem como base as categorias da filosofia clássica alemã do *singular*, *particular* e *universal*. As mesmas categorias foram utilizadas por Lukács para compor uma estética marxista aplicada à arte. Resumidamente e apropriando-se das definições apresentadas pelo autor, o *singular* é o imediato compartilhado, experienciado de modo relativamente direto. O *particular* está no subjetivo, abstrato, culturalmente definido, constituído na atividade social e que carrega em si pressupostos *universais* quase sempre implícitos (2012, p. 168).

Na arte, o *singular* também está presente, mas é arbitrário, definido pelo particular e superado por ele. Da mesma forma, no conhecimento científico, todas as demais categorias estão presentes, mas este alça o *universal*, um nível de definição conceitual. Ou seja, as três categorias funcionam juntas e não existem independentes uma da outra. O jornalismo, porém, em contraste com as duas outras modalidades do conhecimento já citadas, busca o *singular*. Busca a reprodução de um evento pelo seu lado quase imediato, da experiência. Traz o *singular* como ponto convergente do *particular* e do *universal*, que são negados em sua independência, mas mantidos como horizonte do conteúdo.

A superação do *particular* e do *universal* dentro do singular, segundo Genro Filho, cria um "*singular significativo*". Ou seja, o material jornalístico não é somente, ao contrário do que se diz, objetivo e totalmente aberto à interpretação do leitor, mas carrega em si um significado de acordo com as relações feitas entre as três categorias que estão em jogo. Tal constatação somente evidencia o potencial revolucionário do jornalismo informativo. "O singular convida a subjetividade a integrá-lo numa totalidade mais ampla dotada de sentidos e valores" (GENRO FILHO, 2012, p. 143).



Lucas Santos Carmo **CABRAL** et al.

O jornalismo do qual Genro Filho está falando permanece nos mesmos moldes do jornalismo tradicional, mas possui uma potencialidade para além dele. A ideia também permite compreender que tal jornalismo, revolucionário, pode e deve ser feito de dentro das redações dos veículos hegemônicos e manter espaços independentes. Um jornalismo que ultrapassa a universalidade que se manifesta através de interesses particulares.

Parte do potencial descrito por Genro Filho (2012) está justamente no fato de que, historicamente, ao longo de seu desenvolvimento, o jornalismo encontrou uma linguagem capaz de se aproximar, atrair e de informar leitores(as) sobre fatos em seus cotidianos, o singular, ao mesmo tempo em que consegue revelar suas características particulares.

Trata-se da ideia de que a atividade é capaz de revelar as contradições da sociedade através de fatos singulares. Tais contradições são inerentes à sociedade capitalista e tendem a ficar cada vez mais evidentes em conflitos e movimentos sociais. Quase que de modo espontâneo, o jornalismo, por sua essência, passa a revelar, para além do pensamento hegemônico, tais contradições.

É um movimento do repórter, que é descrito em outros trabalhos, que “perceives a difference between what is (the observed reality) and what should be (as articulated in law or policy)” (BROUSSARD, 2015, p. 4). Broussard (2015) complementa, ainda, que uma boa reportagem nasce da observação de tal diferença e da explicação dos motivos para que ela exista. A citação é apenas um exemplo de como essa prática jornalística pode ser identificada em outros trabalhos acadêmicos, demonstrando que o que está proposto aqui não é uma fuga da atividade como a conhecemos.

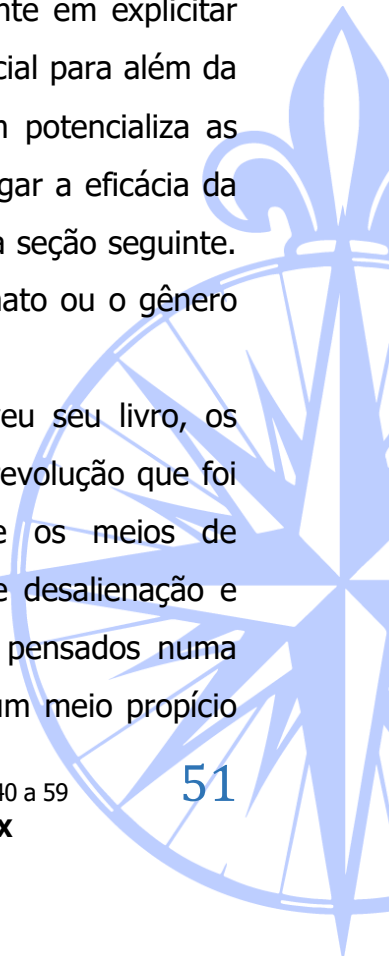
A pirâmide de Genro Filho (2012) está em pé e configura o texto jornalístico da singularidade, na ponta e no lide, para a particularidade, na

base. O que muda, de acordo com os formatos trabalhados, é o tamanho da base da pirâmide. Um material sensacionalista é extremamente singularizante, reduzindo a dimensão particular da notícia e é sempre conservador. O equilíbrio está na pirâmide com seus três lados iguais, onde se pode realizar uma apreensão crítica dos fatos. E aqui se introduz a reportagem, a pirâmide de base maior que os lados, como um formato que aumenta a dimensão particular do fato, rico em conexões e contextualização.

O particular estético encontrado na arte não é preponderante e nem deve passar a ser o objetivo do texto, mas em alguns momentos pode ser alcançado. Para a proposta de reflexão deste artigo, entende-se que a reportagem sai do singular e tem nele seu foco, mas cria um particular relativamente independente que coexiste com ele. Tendo em vista que é justamente na relação entre o singular e o particular que está o potencial revolucionário do jornalismo, toma-se a reportagem como um formato frutífero para a revelação das contradições de uma sociedade burguesa, patriarcal, racista e homofóbica.

O poder de *O Segredo da Pirâmide* está justamente em explicitar que o formato básico do jornalismo, a notícia, tem potencial para além da manutenção do *status quo*. Entender que a reportagem potencializa as características de um Jornalismo Interseccional não é negar a eficácia da notícia em revelar as relações que serão aprofundadas na seção seguinte. A abordagem proposta, portanto, deve anteceder o formato ou o gênero jornalístico.

No momento em que Genro Filho (2012) escreveu seu livro, os meios de comunicação estavam relativamente longe da revolução que foi causada pela internet, mas o autor reconhece que os meios de comunicação de massa representam “potencialidades de desalienação e de autoconstrução consciente” (2012, p. 90) se forem pensados numa perspectiva revolucionária. Percebe-se a internet como um meio propício



Lucas Santos Carmo **CABRAL** et al.

para tais pensamentos, além de reconhecer as ferramentas disponíveis como fortalecedoras do trabalho jornalístico de revelação do singular e do particular, tanto na apuração quanto na construção do conteúdo.

Soma-se a isso a ideia de que cada vez mais pessoas têm a possibilidade de falar e, até mesmo, serem ouvidas. Se o jornalismo necessitava de meios mais eficazes que a comunicação interpessoal (GENRO FILHO, 2012, p. 182) e esses meios estavam justamente nas mãos de quem possuía capital financeiro para comprá-los, hoje tais meios estão, no mínimo, um pouco mais acessíveis. Não pretende-se cair na falácia da internet como um ambiente democrático e igualitário, mas não podemos deixar de reconhecer suas potencialidades.

Por fim, identifica-se na internet uma abundância de material com foco no singular e que não explora as articulações possíveis, o que gera um ambiente “hipersingularizado”. Pode-se dizer que é um ambiente que carece ou, no mínimo, deixa espaços disponíveis para o tipo de jornalismo de que aqui se fala. Portanto, para além de um caráter revolucionário, se trata também de uma estratégia de entrada ou permanência no mercado. Indo além, pode se tratar de um pensamento possível como saída para a crise do jornalismo.

Por um jornalismo interseccional

Nos estudos de gênero, a interseccionalidade vem como uma perspectiva analítica na tentativa de compreender as convergências entre gênero, classe, raça, entre outros marcadores sociais. Lago, Kazan e Thamani (2018) identificam que as relações entre gênero, sexualidades e jornalismo está cada vez mais presente em estudos e que esses trabalhos parecem ser, em sua maioria, iniciativas de estudantes, mas que são essenciais para colocar a discussão em pauta na academia. Todavia, as

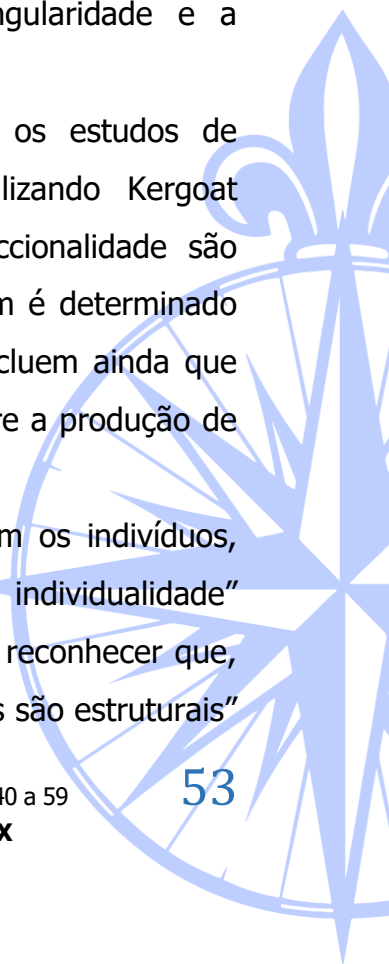
questões étnico-raciais permanecem quase invisíveis (LAGO; KAZAN; THAMANI, 2018, p. 125).

A interseccionalidade, popularizada por Crenshaw (1989), impulsiona pesquisas que reconheçam que não deve existir uma hierarquização das opressões, ou seja, que a opressão de classe não é nem mais e nem menos importante do que o racismo, por exemplo, e que os sujeitos são também resultados dessas múltiplas opressões. O movimento passa, ainda, por perceber que a pesquisa acadêmica de modo geral parece contaminada por um racismo estrutural e lutar contra isso. Uma luta que requer a construção de uma epistemologia que leve em conta “entrecruzamentos que criam realidades muito complexas e que precisam ser olhados nessa complexidade” (LAGO; KAZAN; THAMANI, 2018, p. 129).

Genro Filho (2012) está preocupado com uma sociedade dividida em classes e evidencia potenciais do jornalismo em revelar as contradições dessa estrutura, mas isso não impede que acrescentem-se as mais diversas categorias de um feminismo interseccional, principalmente se levarmos em conta que a particularidade, a singularidade e a universalidade são também determinadas por elas.

Biroli e Miguel (2015) discutem o conceito e os estudos de interseccionalidade na atualidade e demonstram, utilizando Kergoat (2010), que os diversos entrecruzamentos da interseccionalidade são definidos de forma relacional e o peso que cada um tem é determinado contextualmente (2015, p. 48). O autor e a autora concluem ainda que tais estudos combatem um problema de desconexão entre a produção de conhecimento e as vivências das pessoas (2015, p. 50).

As pesquisas, no entanto, apesar de considerarem os indivíduos, não defendem uma redução das “análises ao nível da individualidade” (BIROLI; MIGUEL, 2015, p. 50). O movimento passa por reconhecer que, apesar de se materializarem nos indivíduos, “as opressões são estruturais”



Lucas Santos Carmo **CABRAL** et al.

(2015, p. 50). Esse modo de trabalho está diretamente ligado à ciência, no geral, que busca sempre o universal, como demonstra Genro Filho (2012).

O individual e a singularidade que são temidos no processo científico, porém, são a matéria-prima do jornalismo em sua essência, conforme Genro Filho (2012). Isso não impede, ainda, que o processo inerente à produção de conhecimento jornalístico, tendendo ao particular, demonstre que as mesmas opressões que se materializam na singularidade são estruturais. A quebra de barreira entre o concreto e a produção de conhecimento é própria do jornalismo e é por isso que se defende um Jornalismo Interseccional.

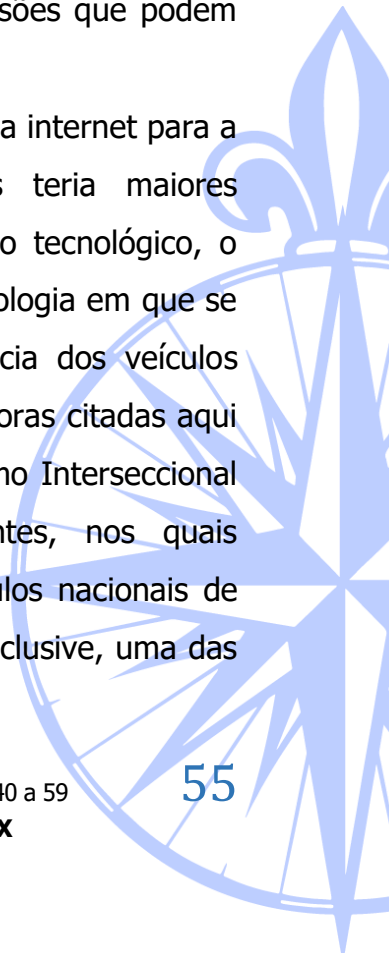
É possível, a partir daqui, emprestar a metáfora de Crenshaw (1989), assim como fizeram Biroli e Miguel (2015). A autora realiza uma analogia com um cruzamento no trânsito, por onde passam carros vindos de diversas direções. Caso ocorra um acidente, ele pode ter sido causado por carros vindos de qualquer direção, de múltiplas direções. Do mesmo modo “if a Black woman is harmed because she is in the intersection, her injury could result from sex discrimination or race discrimination” (CRENSHAW, 1989, p. 149). Não há como descartar uma opressão, da mesma forma que não seria possível descartar um carro de um acidente.

Quando discute a objetividade jornalística, Genro Filho (2012) exemplifica com um assassinato que é possível dizer que “Pedro ‘matou’, ‘assassinou’ ou ‘tirou a vida’ de João. Ou, ainda, que Pedro apenas executou, sob coação, um crime premeditado por terceiros. Não posso esconder, entretanto, que Pedro atirou contra João e que este resultou morto” (Genro Filho, 2012, p. 197). O que não pode ser escondido é também o potencial de um Jornalismo Interseccional, com toda a particularidade que pode ser revelada nos entrecruzamentos do fenômeno.

Um Jornalismo Interseccional compreende o indivíduo, o cruzamento, enquanto o *singular* constituinte da notícia ou da reportagem tem o potencial de evidenciar cada uma das opressões que compõem tal encruzilhada na medida em que sempre tende à *particularidade*. E levando em conta a relevância que deve ser atribuída ao caráter estrutural das questões, defende-se que uma presença acentuada de contextualização do fenômeno em dada particularidade é ainda mais relevante. Por isso entende-se a reportagem como um formato propício para esse jornalismo, situando também as opressões enquanto estruturais. Não se deve esperar um nível científico de desenvolvimento teórico/reflexivo nos materiais jornalísticos, pois isso anularia a própria essência do objeto e seu potencial revolucionário.

Temos, portanto, no que aqui se chama de Jornalismo Interseccional, o reconhecimento da possibilidade de revelação de algo maior através do singular que se encontra nessas encruzilhadas de opressões que são as pessoas. Ao retratar situações de violência cotidiana o jornalismo informativo *pode* revelar as contradições de uma sociedade machista, racista, homofóbica, entre tantas outras opressões que podem ser listadas.

Apesar de reconhecer as possibilidades geradas pela internet para a realização de um jornalismo alternativo que antes teria maiores dificuldades para sua realização com relação ao aparato tecnológico, o jornalismo do qual aqui se fala não está vinculado à tecnologia em que se sustenta e nem ao meio de comunicação. A importância dos veículos independentes é evidente e foi revelada também por autoras citadas aqui (BURCH, 2009; HASAN; GIL, 2016). Porém, um Jornalismo Interseccional pode se materializar tanto em veículos independentes, nos quais poderíamos buscar exemplos, quanto nos grandes veículos nacionais de comunicação e na chamada mídia hegemônica. Esta é, inclusive, uma das



Lucas Santos Carmo **CABRAL** et al.

potências de se pensar o jornalismo informativo e suas capacidades revolucionárias.

O jornalismo de que se fala também não é novo e nem está sendo inventado neste artigo, o que seria de uma pretensão enorme, mas já é praticado das mais diversas maneiras revelando opressões estruturais, de modo mais ou menos explícito. Compreendendo um potencial específico do formato reportagem, precisa se pensar também no lugar que ela ocupa no jornalismo hoje. Este não é o foco do artigo e envolveria um estudo de amplitude maior, mas não se pode deixar de reconhecer que há uma precarização do trabalho nos jornais diários e que um jornalismo que exige maior tempo de dedicação está sendo prejudicado.

Pensar o Jornalismo Interseccional é, também, reconhecer e evidenciar um sistema de opressões, perceber que as coisas *estão* e não *são* e que o jornalismo pode e, se acreditamos na profissão, deve ser pensado para além do modo como as coisas *estão*. É perceber, ainda, utilizando ideias de um Feminismo Decolonial, que mostrando as situações o jornalismo também pode evidenciar um sistema que oprime, explora e invisibiliza pessoas que são essenciais para seu funcionamento (VERGÈS, 2020).

Considerações finais

Este artigo se detém a discutir um conceito de Jornalismo Interseccional através de estudos acerca do Feminismo Interseccional e a teoria de Adelmo Genro Filho (2012), que demonstra no jornalismo uma potência que vai além de produzir e reproduzir estereótipos, senso comum e opressões, se mostrando como uma ferramenta potencialmente revolucionária.

Trata-se de uma reflexão teórica que, no espaço de um artigo, possui diversas limitações. Os limites, porém, revelam também espaço

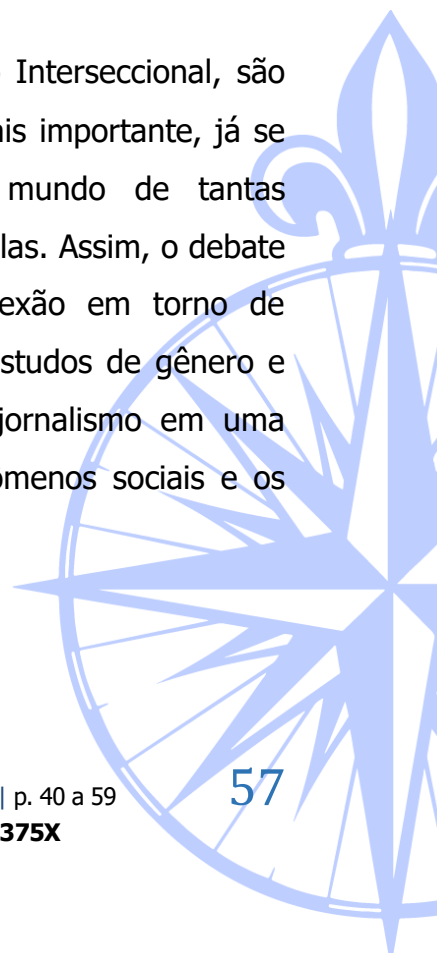
para discussão, perguntas que ainda devem ser respondidas e possíveis aplicações do que foi aqui discutido. O Jornalismo Interseccional já é praticado? Onde podemos encontrá-lo? Quais são as características de seu conteúdo? Quem está pensando nesse jornalismo?

Além disso, o presente estudo realiza um diálogo entre os estudos de Jornalismo e Gênero e um texto que já pode ser considerado clássico das teorias do Jornalismo. As possibilidades, porém, são ainda maiores. Não são poucos os estudos que buscam pensar o jornalismo para além da reprodução do status quo e que poderiam fortalecer ainda mais o debate proposto.

Se a profissão passa por um momento de crise e não é possível “preservar ou restaurar o jornalismo no formato praticado ao longo dos últimos 50 anos” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 33), é importante pensar e repensar novos modos de praticar a atividade. A defesa que se faz aqui é a de que, em um mundo cada vez mais singularizado pela internet, a articulação própria do jornalismo e a revelação do particular é essencial e pode ser uma das ferramentas capazes de manter viva esta forma de conhecimento.

Há muito espaço para se fazer um Jornalismo Interseccional, são muitas as situações que podem ser pautadas e, o mais importante, já se torna difícil deixar de fazê-lo. Afinal, em um mundo de tantas encruzilhadas e opressões, se torna impossível ignorá-las. Assim, o debate teórico aqui traçado se apresenta como uma reflexão em torno de conceitos oriundos das teorias do jornalismo e dos estudos de gênero e também como uma proposição para a prática do jornalismo em uma perspectiva que contemple a complexidade dos fenômenos sociais e os entrecruzamentos que envolvem os sujeitos.

Referências



- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, v. 5, n. 3, p. 30–89, 2013.
- BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 20, n. 2, p. 27–55, 2015.
- BROUSSARD, M. Artificial intelligence for investigative reporting: Using an expert system to enhance journalists' ability to discover original public affairs stories. **Digital Journalism**, v. 3, n. 6, p. 814–831, 2015.
- BURCH, S. **Comunicación, organización y género. Ellas tienen la palabra**. Quito: ALAI, 2009.
- BURCH, S. Movimiento de mujeres: La comunicación con enfoque de género. In: LEÓN, O. (Ed.). **Democratizar la palabra: Movimientos convergentes en comunicación**. Quito: Agencia Latinoamericana de Información, 2013. p. 117–120.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 31, 1989.
- FIGARO, R. O mundo do trabalho das jornalistas: feminismo e discriminação profissional. **Brazilian Journalism Research**, v. 14, n. 2, p. 546–567, 30 ago. 2018.
- GENRO FILHO, A. **O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2012.
- GONÇALVES, G. O. Tendências queer nos estudos brasileiros de jornalismo e gênero. In: AGUIAR, L.; SILVA, M. P. DA; MARTINEZ, M. (Eds.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Life Editora, 2018. p. 172–192.
- HASAN, V. F.; GIL, A. S. La comunicación con enfoque de género, herramienta teórica y acción política. Medios, agenda feminista y prácticas comunicacionales. El caso de Argentina. **La ventana. Revista de estudios de género**, v. 5, n. 43, p. 246–280, jun. 2016.
- LAGO, C.; KAZAN, E.; THAMANI, M. Jornalismo e estudos de gênero: e a interseccionalidade, onde está? In: AGUIAR, L.; SILVA, M. P. DA; MARTINEZ, M. (Eds.). **Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo**. São Paulo: Life Editora, 2018. p. 124–140.
- MIGUEL, R. DE B. P.; PEDRO, J. M.; RIAL, C. S. "Luz, câmera, ação": a publicidade em cena nas páginas da Capricho (décadas de 1950 e 1960). In: **Estudos In(ter)disciplinados: gênero, feminismo, sexualidade**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010. p. 207–232.
- MONTIEL, A. V. Las mujeres y el derecho humano a la comunicación: su acceso y participación en la industria mediática. **Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales**, v. LII, n. 208, p. 81–95, 2010.

MONTIEL, A. V. Igualdad de género, poder y comunicación: las mujeres en la propiedad, dirección y puestos de toma de decisión. **La Ventana**, n. 40, p. 186–212, 2014.

MORAES, F.; SILVA, M. V. DA. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero**: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS. Porto Alegre, 2019. Disponível em: <http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_5LFXYWOMDTM6JSBQBBT_28_7677_20_02_2019_17_55_17.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2020.

ROVETT GONEM, F. Percepciones sobre desigualdades de género en el trabajo periodístico. **Global Media Journal**, v. 10, n. 20, p. 54–73, 2013.

SILVA, M. V. DA. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

TUCHMAN, G. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993. v. 2. p. 74–90.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. S.l.: Ubu editora, 2020.

WOITOWICZ, K. J.; ROCHA, P. M. Repensar os parâmetros hegemônicos no jornalismo: a perspectiva de gênero na produção jornalística e na formação profissional. In: AGUIAR, L.; SILVA, M. P.; MARTINEZ, M. (Eds.).

Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo. São Paulo: Life Editora, 2018. p. 53-68.



A OFERTA E O ENSINO DO JORNALISMO CULTURAL NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO

THE OFFER AND TEACHING OF CULTURAL JOURNALISM IN THE BRAZILIAN UNIVERSITY CONTEXT

Ana Paula BOURSCHIED¹

Ícaro Moraes COLELLA²

Universidade Católica do Rio Grande do Sul | Brasil

Resumo

Este artigo é resultado de um estudo que teve como objetivo geral analisar como ocorre a oferta da disciplina Jornalismo Cultural nos cursos de Jornalismo do Brasil que alcançaram o conceito 5 no Enade 2018. A partir do método de Estudo de Casos Múltiplos, proposto por Yin (2001), identificou-se que, das 20 instituições com o conceito máximo, apenas nove possuem em sua grade curricular essa disciplina. Deste universo, seis integram a rede pública de ensino e três delas integram a rede privada. Como técnica de abordagem e coleta de informações, foram realizadas entrevistas com docentes de sete destas instituições. Enquanto resultado de pesquisa, destaca-se a necessidade da oferta da disciplina a nível nacional como o primeiro passo para renovação e construção positiva do cenário cultural do país.

Palavras-chave

Jornalismo Cultural; Ensino; Enade; Estudo de Casos Múltiplos.

Abstract

This article is the result of a study that aimed to analyze how the offer of the discipline Cultural Journalism occurs in journalism courses in Brazil that achieved concept 5 in Enade 2018. From the Multiple Case Study method, proposed by Yin (2001), it was identified that, of the 20 institutions with the maximum concept, only nine have this discipline in their curriculum. Of this universe, six are part of the public school system and three of them are part of the private network. As a technique of approach and information collection, interviews were conducted with teachers from seven of these institutions. As a result of research, we highlight the need to offer the discipline at the national level as the first step towards the renewal and positive construction of the country's cultural scene.

Keywords

Cultural Journalism; Teaching; Enade; Multiple Case Study.

RECEBIDO EM 9 DE SETEMBRO DE 2021
ACEITO EM 01 DE NOVEMBRO DE 2021

¹ Professora orientadora da pesquisa. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGCOM/PUCRS). Contato: bourscheidana@gmail.com

² JORNALISTA. Graduado pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Contato: icarocolella21@gmail.com

Introdução

A presença de profissionais de outras áreas nos veículos de comunicação, seguida pela não necessidade de formação acadêmica para atuação no mercado de trabalho instituída em 2009 no Brasil, anexados à tardia chegada dos cursos de Jornalismo no país e a Ditadura Militar, que extinguiu a liberdade de expressão no período em que vigorou (1964-1985), fizeram com que deficiências no ensino do Jornalismo aumentassem no cenário brasileiro.

Isto fez com que determinadas áreas de formação do jornalista acabassem tendo fragilidades, como é o caso do Jornalismo Cultural. A temática da presente pesquisa justifica-se pelo fato desta ser uma das disciplinas menos ofertadas e pesquisadas nas universidades brasileiras, segundo o levantamento do Itaú Cultural (2008). Neste mapeamento foi constatado que, de 356 cursos de Jornalismo do Brasil, 126 possuíam alguma disciplina que tratava de questões ligadas à cultura, um percentual de 35,39%. Entretanto, desse montante, somente 16 cursos abordavam a temática com exclusividade e com a nomenclatura de Jornalismo Cultural.

Já no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), realizado em 2018, obteve-se o registro de 290 instituições que ofertavam o curso de Jornalismo. Portanto, em 10 anos, 66 cursos deixaram de existir no país e, conseqüentemente, impactam na formação de profissionais qualificados para atuação em áreas como Jornalismo Cultural. Estes dados demonstram a necessidade de discutir e compreender a realidade da formação superior para atuação dos profissionais jornalistas em áreas como a cultura.

Franthiesco Ballerini (2015), jornalista e pesquisador, identifica que além da disciplina não ser ofertada nas matrizes curriculares dos cursos de

Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

graduação, “[...] conta-se nos dedos o número de especializações em Jornalismo Cultural ou em História da Arte.” (BALLERINI, 2015, p. 209). Diante disso, a responsabilidade é jogada ao mercado de trabalho, para treinar os futuros jornalistas a cobrir o setor cultural nos veículos de comunicação.

Com base nestas questões, a presente pesquisa desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), tem como objetivo analisar como ocorre a oferta da disciplina de Jornalismo Cultural nos cursos de Jornalismo do Brasil que alcançaram o conceito 5 no Enade 2018. De forma mais detalhada, para alcançar a finalidade proposta, foram estabelecidos como objetivos específicos: a) mapear se os cursos de Jornalismo, conceito 5, oferecem em sua matriz a disciplina de Jornalismo Cultural; b) segmentar as disciplinas ofertadas por regiões do país; c) verificar como ocorre o ensino desta disciplina através de entrevistas com os professores que as ministram; d) identificar se a oferta da disciplina está atrelada à grandes centros urbanos que demandam de produções culturais pela efervescência de suas agendas culturais.

Premissas do Jornalismo Cultural

Ao longo dos anos, a palavra cultura sofreu alterações na visão ideológica das civilizações. Hoje, é possível interpretá-la como o papel do trabalho ativo, em relação à transformação do meio. Laraia (2012) em seus estudos antropológicos, define que a cultura “[...] abrange tanto as artes [...] que são atividades concebidas como eruditas, quanto os mais corriqueiros costumes (modo de andar, de sentar, de vestir-se, de rir etc.).” (LARAIA, 2012, p.55).

Logo, o Jornalismo como uma forma de ação pela qual o homem se expressa e mantém relações a partir dos meios de comunicação, é uma manifestação cultural. Essa ideia foi defendida por Otto Groth (2011) quando afirma que, jornais e revistas são obras culturais. Sendo a imprensa não mais

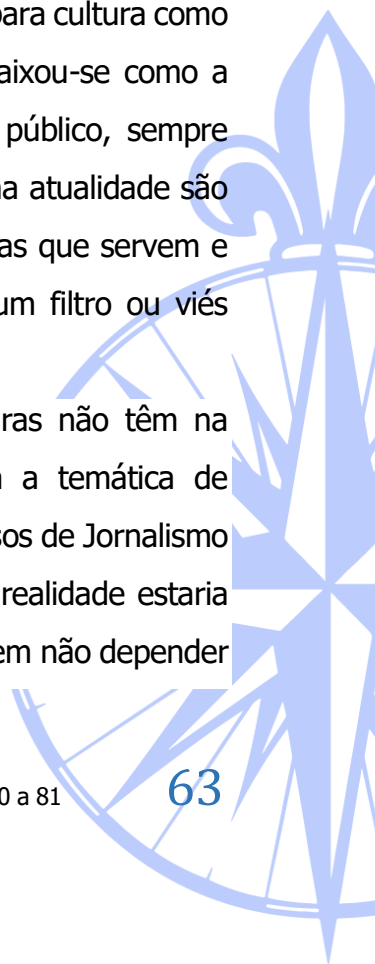
só jornais e revistas, assim como o jornalismo em si, peças importantes no quesito cultural. Deste modo, origina-se uma área específica para dar conta desta temática dentro do jornalismo, o Jornalismo Cultural.

Ballerini (2015) define como Jornalismo Cultural tudo que engloba a cobertura sobre literatura, teatro, música, artes visuais, cinema, televisão, moda, gastronomia e, de forma um tanto híbrida, os *games*. Porém, muitas vezes, a execução deste ofício, contribui para a não democratização do direito ao acesso aos movimentos artísticos, que no Brasil é cerceado e dividido em classes. A visão hegemônica delimitadora do termo cultura, em sua forma simbólica, está ligada aos processos de industrialização que transformaram a cultura em mercadoria.

Se a indústria cultural moldou e modificou os modos de se fazer e consumir cultura, é imaturo pensar que o jornalismo estaria livre dessas amarras. Adelmo Genro Filho (2012) complementa Chauí (2009) nessa definição estrutural da sociedade, e elucida que “A imprensa “não é mais que” fruto do processo de produção capitalista! O jornalismo “não é mais que” a informação transformada em mercadoria!” (GENRO FILHO, 2012, p.114).

Ou seja, em seu nascimento, o jornalismo era voltado para cultura como a peça fundamental que faltava nas sociedades. Logo, encaixou-se como a ponte que levava as produções da classe artística para o público, sempre escalando a crítica para essa mediação. O que se encontra na atualidade são profissionais da comunicação em geral, o que inclui jornalistas que servem e são pautados pela indústria cultural, por vezes, sem nenhum filtro ou viés individual de escolha a seguir.

Não obstante a esta ideia, as universidades brasileiras não têm na tradição acadêmica a oferta da disciplina que trabalharia a temática de Jornalismo Cultural, pois verifica-se que nas matrizes dos cursos de Jornalismo sua presença é quase nula. Mesmo que oferecessem, essa realidade estaria longe de ser alterada, dado o processo de ensino-aprendizagem não depender



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

só da oferta, mas de fatores como: estrutura dos cursos; dedicação do estudante; e, professores capacitados para ministrar as aulas.

Para esse cenário brasileiro ser modificado, Rister (2002) aponta a necessidade do jornalista possuir uma formação cultural sólida e diversificada. A autora defende que, na maioria dos casos, essa característica é lapidada na graduação, todavia, os hábitos de consumo cultural e o exercício de trabalhar com a temática são os principais focos para a formação de um profissional qualificado. Pois, a prática do Jornalismo Cultural, seja no jornalismo impresso, rádio ou no campo cinematográfico, entre outros, exige um preparo diferenciado.

Ressalta-se também a importância da atuação de uma imprensa capaz de formar pessoas com capacidade de interpretar a realidade. Posto que, “[...] o jornalismo cultural tem esse papel simultâneo de orientar e incomodar, trazer novos ângulos para mentalidade do leitor-cidadão.” (PIZA, 2004, p.117). O autor finaliza seu livro com a seguinte afirmativa: “Quando começar a olhar para si mesmo com maior complexidade - com maior grandeza -, o jornalismo cultural brasileiro vai dar um salto.” (PIZA, 2004, p.119).

Entende-se que esse olhar para si, deve ser feito nas academias, nas escolas de Jornalismo, com foco inicial na oferta dessa disciplina, para lapidar as práticas e técnicas como forma de oportunizar uma formação diferenciada aos jornalistas. Com essas mudanças estruturais nas universidades, é possível pensar em um Jornalismo Cultural comprometido com a sua real função social. Além disso, quando encerrar-se a divisão entre profissionais acadêmicos e de mercado, poderá, enquanto classe, estabelecer estratégias teóricas e técnicas de evolução do jornalismo em sua totalidade.

a) Percurso metodológico

Este estudo está organizado com base no método de Estudo de Casos Múltiplos, proposto por Robert Yin (2001). O autor estabelece que, caso o pesquisador deseje unir dados quantitativos e qualitativos para buscar,

especificamente, como determinado fato ocorre, seria necessário esboçar algo mais abrangente pelas informações coletadas anexadas aos recursos das entrevistas, para tanto, faz-se necessário o Estudo de Casos Múltiplos. A finalidade deste método é elaborar uma explanação geral que sirva a todos os casos particularmente, embora possam variar em seus detalhes. (YIN, 2001, p.142).

Para tanto, este estudo teve início com o mapeamento dos cursos de Jornalismo que alcançaram o conceito 5 no Enade 2018, de acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Nesta etapa foram identificados 20 cursos, entre uma lista de 290 instituições que ofertam o curso de Jornalismo no Brasil. Dentre os 20 cursos, nove possuem em sua matriz curricular a disciplina de Jornalismo Cultural.

Estes cursos são ofertados pelas seguintes instituições de ensino superior: Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Universidade Vila Velha (UUV); Universidade de Brasília (UNB); Faculdade Cásper Líbero (FCL); Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM); e, Universidade Federal do Ceará (UFC).

Dentre estas instituições, apenas três cursos ofertam a disciplina como obrigatória. São elas: Universidade Vila Velha (UUV); Faculdade Cásper Líbero (FCL); e Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). Os outros seis cursos, ofertam a disciplina como optativa e/ou eletiva em sua matriz. É possível constatar que as universidades que possuem a disciplina em seu currículo neste formato são em sua totalidade públicas.

Visando ampliar a análise do tema de pesquisa, o estudo propôs em sua metodologia, entrevistas individuais com os professores que ministram a disciplina de Jornalismo Cultural nas universidades com conceito 5 no Enade 2018. O método seguiu a premissa da entrevista focal (YIN, 2001), uma vez

Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

que os docentes foram questionados em encontros espontâneos de caráter informal com o pesquisador sobre pontos temáticos específicos relacionados ao tema da pesquisa.

Para isso, logo após a identificação dos nove cursos brasileiros que possuem em sua matriz curricular a disciplina de Jornalismo Cultural, realizou-se o contato por *e-mail* com os coordenadores dos cursos selecionados para integrar a pesquisa. Foi solicitado que estes indicassem os professores responsáveis pela disciplina. As entrevistas foram realizadas por videoconferência, via *Google Meet*, pelo fato dos professores estarem distante geograficamente e também devido à pandemia de Covid-19.

A partir das nove instituições mapeadas foram realizadas oito entrevistas. Contudo, é fundamental explicar e observar algumas particularidades constatadas ao longo do levantamento de informações para realização da pesquisa. No caso da coordenação do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC), ao ser contactada, informou que o docente que ministrava a disciplina optativa na instituição, se aposentou e a disciplina não estava sendo ofertada há dois anos.

Em relação à Universidade de Vila Velha (UVV), está recentemente alterou sua matriz curricular e a disciplina passou a ser ofertada obrigatoriamente no sétimo período. Entretanto, como ainda não foi ministrada, a entrevista com o professor que poderia vir a atuar nesta área foi suprimida da pesquisa, visto que não haviam dados e experiências em relação à sua oferta em momentos anteriores na instituição.

No total foram realizadas sete entrevistas com professores que atuam com a disciplina de Jornalismo Cultural, no período de 05 de agosto a 14 de setembro de 2020. Participaram do estudo os professores: Doutor Carlos Alberto de Azevêdo Filho da UFPA; Doutora Cida Golin da UFRGS; Doutor Cláudio Coração da UFOP; Doutora Marialva Barbosa da UFRJ; Doutor Sérgio de Sá da UNB; Mestre Heitor Ferraz Mello da FCL; e, Doutora Lilian Crepaldi de

Oliveira Ayala da FAPCOM. Todos os professores entrevistados são jornalistas, bacharéis em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, e cursaram mestrado ou doutorado em áreas afins, como Literatura, História, Audiovisual, Semiótica e Letras.

A partir do material coletado nas entrevistas, as informações levantadas foram organizadas nos seguintes blocos temáticos: nomenclatura e oferta; metodologia de ensino adotada; e perspectivas para área do Jornalismo Cultural. Cada um destes temas será apresentado na sequência deste trabalho.

Nomenclatura e oferta

Antes de abordar as nomenclaturas de cada disciplina é preciso demonstrar como se caracterizam as divisões delas nas matrizes curriculares dos cursos de graduação. Obrigatórias são aquelas previstas na grade curricular e que precisam ser cursadas para que o estudante possa finalizar seu curso. Já as optativas são aquelas escolhidas pelo estudante para serem cursadas. Por fim, as eletivas são aquelas que não fazem parte do currículo pleno do curso. O estudante, nesta última modalidade, pode escolher qual dentre as disciplinas ofertadas no semestre pretende cursar.

Objetivando confirmar as informações coletadas nas matrizes curriculares dos cursos, as primeiras perguntas realizadas foram sobre a nomenclatura das disciplinas e seu formato de oferta. Na (UFPB), por exemplo, a disciplina chama-se Jornalismo Cultural e é ofertada de forma optativa. Na instituição, os estudantes podem, ao longo do curso, escolher quatro disciplinas optativas para montar sua grade e, segundo o docente Carlos Alberto de Azevêdo Filho (2020), a disciplina não possui pré-requisitos para ser cursada.

Na UFRGS a disciplina de Jornalismo Cultural está na matriz como eletiva. No entanto, existe na grade curricular como obrigatória a disciplina de Jornalismo e Cultura. Essa nova formulação ganhou uma dimensão maior no currículo, pois é uma disciplina que o estudante precisa cursar para concluir o

Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

curso. Para cursar Jornalismo e Cultura na UFRGS, o estudante precisa já ter passado pelas disciplinas de Teoria do Jornalismo I e II.

Já na UFOP a disciplina ministrada por Cláudio Coração (2020) e Lara Guimarães é ofertada como eletiva, sem nenhum pré-requisito. Ela é compactada em 60 horas, assim como as da UFPB e UFRGS, divididas em quatro horas semanais. Já na UFRJ, a disciplina é ofertada de forma eletiva e ministrada pela professora Marialva Barbosa (2020). Mesmo no curso antigo de Comunicação com habilitação em Jornalismo, a disciplina estava presente, devido à alta procura dos discentes. Com a formulação do novo currículo, a professora Marialva ressalta que não se cogitou retirar a disciplina da grade, uma vez que é uma disciplina muito requisitada entre os estudantes.

Ao longo dos anos, o curso da UFRJ foi alterado para adaptar-se às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), sem perder as características da Escola de Comunicação (ECO) da própria instituição. Por isso, foram criados novos componentes e outros reconfigurados. Jornalismo Cultural permaneceu e não houveram grandes mudanças em relação a oferta da disciplina nas ementas anteriores.

Na UNB a disciplina é eletiva. Por não ser obrigatória, não é oferecida todos os semestres. Desde que foi instituído esse currículo, a disciplina só foi ministrada uma vez na instituição no segundo semestre de 2017 pelo professor Sérgio de Sá (2020). Já na Faculdade Cásper Líbero, primeiro curso de Jornalismo do Brasil, a matriz é dividida em anos, ao invés de semestres. No quarto ano, que corresponde ao sétimo e oitavo períodos, a disciplina está inserida como obrigatória e intitulada Jornalismo Literário e Cultural. Por sua vez, na FAPCOM, a disciplina é obrigatória e ministrada, desde a inauguração do curso na faculdade em 2006, pela professora Lilian Crepaldi (2020). A última vez que a disciplina foi ofertada foi no primeiro semestre de 2020.

É válido observar que apenas uma universidade define pré-requisito para cursar Jornalismo Cultural, a FCL. Nas cinco instituições públicas

A OFERTA E O ENSINO DO JORNALISMO CULTURAL

analisadas, UFPB, UFRGS, UFOP, UFRJ e UNB, nota-se que a disciplina é optativa ou eletiva. Assim, o estudante pode escolher qual caminho seguir e qual currículo deseja montar para seu futuro profissional. Já nas outras duas que são instituições particulares, FCL e FAPCOM, o discente deve cursar essas disciplinas para obter o grau de bacharel.

Como forma de compilar os dados levantados, é apresentado no quadro 1 o nome das instituições que ofertam Jornalismo Cultural, a data de criação do curso, a nomenclatura adotada, sua forma de oferta e o nome do professor que participou da pesquisa.

Quadro 1 - Oferta da disciplina de Jornalismo Cultural nos cursos com conceito 5 no Enade 2018.

Instituição de Ensino Superior	Sigla	Cidade	Data da criação do curso	Nome da disciplina	Forma de oferta da disciplina	Docente entrevistado
Universidade Federal da Paraíba	UFPB	João Pessoa	1977	Jornalismo Cultural	Optativa	Carlos Alberto Azevêdo Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	Porto Alegre	1952	Jornalismo e Cultura	Obrigatória	Cida Golin
Universidade Federal de Ouro Preto	UFOP	Mariana	2008	Jornalismo Cultural	Eletiva	Cláudio Coração
Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Rio de Janeiro	1967	Jornalismo Cultural	Eletiva	Marialva Barbosa
Universidade de Brasília	UNB	Brasília	1962	Jornalismo Cultural	Eletiva	Sérgio de Sá
Faculdade Cásper Líbero	FCL	São Paulo	1947	Jornalismo Literário e Cultural	Obrigatória	Heitor Ferraz de Mello

Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação	FAPCOM	São Paulo	2006	Jornalismo Cultural	Obrigatória	Lilian Crepaldi
--	--------	-----------	------	---------------------	-------------	-----------------

Fonte: Os autores.

a. Metodologias de ensino adotadas

Na UFPB a disciplina de Jornalismo Cultural é dividida em duas partes. A primeira teórica, voltada para o conceito de cultura e suas definições antropológicas, e, em seguida, a parte prática centrada na participação de convidados externos que atuam no cenário de cultura local e regional, além de profissionais que atuam na cobertura cultural nos veículos de comunicação.

De acordo com o professor Azevêdo Filho (2020), a matéria se torna interessante porque trata das experiências de mercado. Para ele, esta deve ser uma prática comum, pois os estudantes têm contato com editores dos cadernos de cultura locais, profissionais do meio e artistas, dentro da sala de aula, em palestras organizadas pelo professor. “O mercado também educa.” (AZEVEDO FILHO, 2020, n.p). O professor Azevêdo Filho (2020) explica que anexa às aulas suas experiências na área do Jornalismo Cultural, e com isso, faz uma ponte com a nova realidade da área.

Já a professora Cida Golin (2020) ministra na UFRGS a mesma disciplina com uma metodologia semelhante à usada pelo professor Carlos. Em sua abordagem, trabalha a mediação jornalística da cultura, aproximações entre jornalismo e literatura e desenvolve o laboratório de produção de narrativas. Deste modo, a professora Cida ressalta que aborda o conteúdo teórico sobre o que é cultura e também retoma os estudos culturais, já abordados nas disciplinas de Teorias da Comunicação I e II.

Entre as estratégias metodológicas de ensino, a professora explica que são escolhidos, em sala, grupos de cronistas para trabalhar com análise

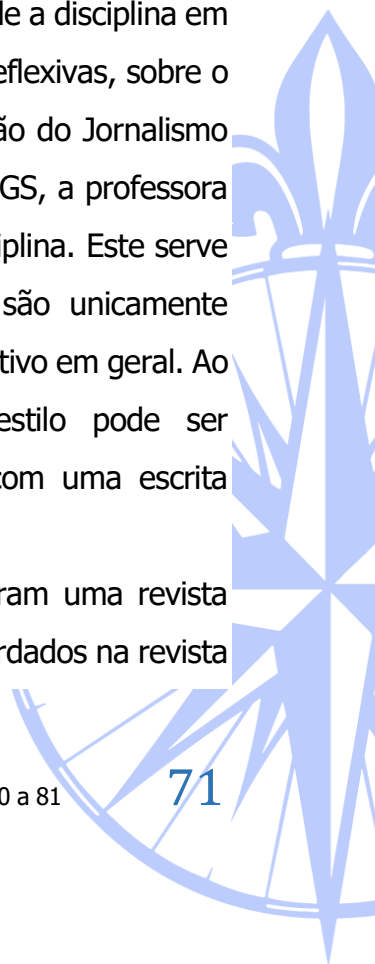
narrativa, que envolve jornalismo e literatura. Também como prática, a docente apresenta como exercício, propostas de textos mais livres e subjetivos.

Na UFOP, dado o fato da Universidade estar inserida entre duas cidades históricas, Mariana e Ouro Preto (MG), com calendário cultural efervescente, 90% das vezes que a disciplina foi ofertada, eram realizadas atividades práticas com reflexão e discussão sobre o Jornalismo Cultural, cultura, gêneros jornalísticos como crônica, crítica e reportagem. O professor Cláudio Coração (2020) explica que o desafio da disciplina sempre foi sair do que está previsto como pré-concebido da mera agenda cultural.

Uma das indicações do docente é para que os estudantes saiam do centro histórico e, com isso, estabeleçam olhares mais atentos para esse espaço físico. Um exemplo disso, são as batalhas de *Rap* que acontecem em frente às igrejas barrocas. Além disso, são trazidos para participar dos debates em aula, profissionais que trabalham com cultura. Como forma de complementar o processo pedagógico, o docente disponibiliza aos estudantes uma lista ampla de referências na área do cinema, televisão, teatro, literatura e música popular.

Já na UFRJ, a professora Marialva Barbosa (2020) divide a disciplina em três grandes núcleos. Primeiro, são realizadas aulas teórica reflexivas, sobre o que é cultura, questões de bipartição cultural e qual a função do Jornalismo Cultural. Assim como a professora Cida Golin (2020) na UFRGS, a professora Marialva (2020) traz na UFRJ um segundo momento da disciplina. Este serve para tratar sobre os nexos narrativos textuais que não são unicamente baseados na factualidade, como ocorre no jornalismo informativo em geral. Ao abordar a narração, a docente especifica que esse estilo pode ser completamente diferente do jornalismo mais tradicional, com uma escrita próxima da literatura.

No terceiro e último momento, os estudantes elaboram uma revista cultural. Marialva (2020) cita três exemplos de conteúdo abordados na revista



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

intitulada Janelas do Olhar, que abriga reportagens como experimentos de linguagem. Depois de estudar sobre os gêneros crônica, crítica, e descortinar modos narrativos, esse experimento se materializa na revista em formato digital.

Com um método de ensino semelhante, são organizadas as aulas da disciplina de Jornalismo Cultural na UNB. Com a disciplina estruturada com carga teórica e prática, o professor Sérgio de Sá (2020) relata que, na última vez que ministrou a disciplina, organizou as aulas entre leituras obrigatórias e idas à campo para realizar a produção de matérias e cobertura de eventos. Foram realizadas reportagens para revista de Jornalismo Científico e Cultural da própria UNB, denominada Darcy, em homenagem a Darcy Ribeiro. Em sua oferta única, depois da reformulação da matriz, também foram trazidos para sala de aula profissionais que atuam no cenário do Jornalismo Cultural em Brasília.

Por sua vez, na FCL, após adequações ao longo dos anos, o professor Heitor Ferraz Mello (2020) estruturou a disciplina a partir de uma questionamento pessoal: Onde está o diferencial dessa disciplina ou, dessa área do Jornalismo, em relação à economia, a política, a cidade? O diferencial, segundo o professor, está em um único gênero, o texto crítico (MELLO, 2020).

O docente frisa que o Jornalismo Cultural não nasce com o intuito de cobrir celebridades, no que se convencionou o senso comum. Este segue a cronologia histórica de remonte da função da crítica, até o século XIX, quando os produtos jornalísticos se condicionam, em sua maioria, a pautar a indústria e os interesses mercadológicos.

Com isso, a crítica se torna um objeto frágil, inclusive, menos objetivo, mas com personalidade que mantêm uma objetividade. Ao fugir da lógica Eurocêntrica, o professor Heitor busca situar o estudante no cenário de críticos brasileiros das décadas de 40 e 50, em específico, no que delimita as produções

que utilizam de ferramentas acadêmicas, que vieram da Antropologia, da Sociologia e da própria literatura.

Heitor Ferraz Mello (2020) aborda na disciplina a cultura brasileira pelo viés jornalístico. Essa estratégia é estabelecida já que são ministradas duas disciplinas que contemplam essas áreas: Antropologia e Cultura Brasileira. Pelo fato da disciplina estar inserida no último ano de graduação, o professor explica que não há um foco ampliado na parte prática, pois os estudantes estão centrados no desenvolvido dos Trabalhos de Conclusão de Curso.

A professora Lilian da FAPCOM trabalha com os autores-base, Daniel Piza e Frantjesco Ballerini. Os dois são autores de livros sobre Jornalismo Cultural que abordam a época histórica do Jornalismo no século XVIII e apresentam exemplos de resenhas, em partes mais pragmáticas.

Na FAPCOM o estudante tem no mesmo semestre de Jornalismo Cultural, a disciplina Cultura Brasileira. A docente apresenta rapidamente alguns conceitos antropológicos, e relembra pontos dos conceitos da área, porque os estudantes já tiveram disciplinas como Cultura Brasileira, Antropologia, Sociologia, que dão base para a compreensão sobre o que é cultura e mercado. Na disciplina, depois de cada exercício prático, é realizada uma espécie de “canetada” em que a professora corrige com os estudantes as atividades em sala de aula, e aponta direcionamentos básicos de redação.

Por fim, verifica-se que no geral, as sete disciplinas apresentam metodologias que convergem e são parecidas. As disciplinas são divididas em partes teóricas, que contemplam o estudo de autores da Antropologia para definir o conceito de cultura. Ainda na parte teórica, os docentes buscam apresentar referências para os discentes compreenderem questões ligadas ao Jornalismo Cultural e sobre gêneros que são explorados na segunda parte das disciplinas. A etapa prática propõe produção de algum produto, normalmente, revistas e reportagens.

Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

Em universidades como UFPB, UFOP e UNB são trazidos profissionais do mercado para conversar com os estudantes. Além disso, pode-se analisar um fator importante, nas grandes cidades, ou em cidades históricas que possuem movimentos culturais mais constantes, os docentes adaptam suas aulas para que os estudantes possam ter a experiência de cobertura de eventos culturais locais.

Perspectivas para área do Jornalismo Cultural

Devido ao ano de 2020 ter sido atípico, as entrevistas em alguns momentos tocam essa temática de pandemia que reverbera a concepção de alteração do presente e do futuro próximo para o Jornalismo Cultural. Este tópico reúne alguns fragmentos das entrevistas que dialogam com questões da área e as expectativas, diferenciais dos profissionais, estudantes no mercado e experiências de aulas na pandemia.

O professor Carlos Azevêdo Filho (2020) observa a mutação que a cultura está vivendo e exemplifica essa transição das artes, com a reinvenção do teatro, com os monólogos e apresentações montadas na casa dos artistas. Além dos formatos postos em prática nas *lives* no *Youtube* para pautar alguns segmentos da cultura como a música. Para o professor, essas plataformas utilizaram de tecnologias para adaptar formatos acessíveis durante o isolamento e lançaram possíveis tendências de hábitos para o futuro que necessitam ser acompanhados pelo jornalismo.

O professor Carlos visualiza que o Jornalismo em geral, e, principalmente o Cultural, ainda está preso a padrões antigos. Uma das questões trazidas em sala de aula pelo professor, embasada no fato da Paraíba ser um estado muito rico em cultura popular, é o fato dessa característica não ter expressão forte nos cadernos culturais. Além disso, observa a relação entre empregador e jornalista. Existem poucos modelos de negócios voltados para o Jornalismo e ainda menos para o setor cultural.

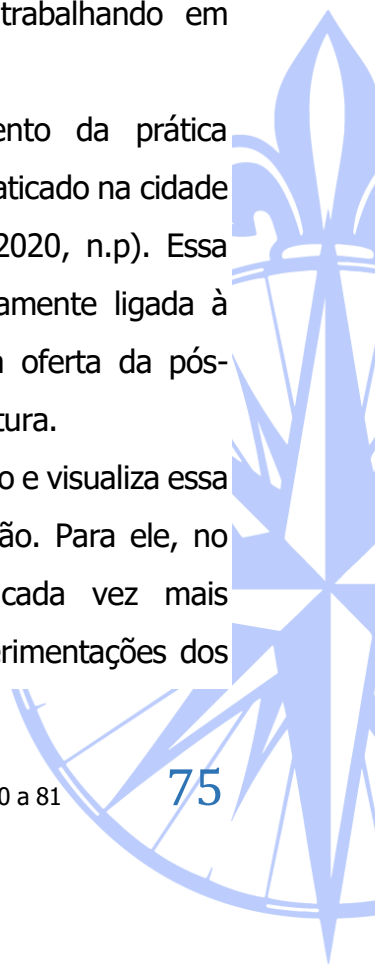
Azevêdo Filho (2020) frisa que três jornais impressos de relevância estadual fecharam nos últimos tempos, e com isso, também houve a migração das expressões de Jornalismo Cultural para outros espaços. Anexados a isto, está o fato de que durante a pandemia de Covid-19 as redações foram esvaziadas, ou seja, os espaços estão sendo suprimidos e, é necessário traçar uma estratégia de mutação desses profissionais que podem ser absorvidos por outros setores. O docente afirma que o Jornalismo Cultural não está cumprindo seu papel de educar e trazer coisas novas para os leitores, e concentra esforços em reproduzir produtos da grande mídia.

Na UFRGS, a disciplina de Jornalismo Cultural foi ministrada de forma remota em 2020. Fator que exigiu adequações no método de ensino. “Devido às aulas remotas não será trabalhado com o cinema e as aulas dedicadas para assistir filmes do Eduardo Coutinho serão repensadas.” (GOLIN, 2020, n.p).

Já o professor Cláudio Coração (2020) que atua no mais recente curso criado de todos os analisados, relatou sobre a universidade ainda não possuir dados aprofundados da inserção dos egressos no mercado de trabalho. Na cidade de Mariana (MG) existem órgãos públicos e privados que trabalham com a cultura na sua base, então, muitos egressos ficam trabalhando em assessorias cuja prática é voltada para o âmbito cultural.

“Percebemos nesses últimos 10 anos o incremento da prática jornalística na cidade, porque antes da UFOP, o jornalismo praticado na cidade era o jornalismo panfletário, muito amador.” (CORAÇÃO, 2020, n.p). Essa mudança de parâmetros, segundo o professor, está diretamente ligada à permanência do estudante formado na cidade, anexado à oferta da pós-graduação, levando para a pesquisa questões atreladas à cultura.

Cláudio também é professor no curso de pós-graduação e visualiza essa interligação das temáticas entre as duas etapas de formação. Para ele, no futuro a cidade poderá desfrutar de um jornalismo cada vez mais comprometido com as ciências e as artes, e todas as experimentações dos



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

estudantes em sala de aula irão reverberar no futuro profissional, por onde esses egressos passarem.

Marialva Barbosa (2020) acredita que o segmento do Jornalismo Cultural é um campo promissor. De acordo com a professora, as novas tecnologias, aliadas à produção de conteúdos jornalísticos, alcançam muito mais público, a partir de algoritmos que selecionam o direcionamento da informação. Essas novas ferramentas podem corroborar com a ascensão das produções culturalistas em escala maior. “Tenho vários alunos que trabalham nesses lugares, que são invenções do jornalismo, se pudermos chamar assim.” (BARBOSA, 2020, n.p).

A professora entende que as invenções observadas são mais contundentes na área cultural. Como o próprio Jornalismo *Longform*, a possibilidade de unir o Jornalismo de Base de Dados, vídeos, galeria fotográfica, essas possibilidades surgiram com o Jornalismo Cultural. Para ela, este é um exemplo de que a perspectiva do Jornalismo chamado de cultura, de novos formatos e práticas, é imensa.

Sérgio de Sá (2020) retoma alguns aspectos que observa dentro da universidade. Ao afirmar que o Brasil é uma nação esportiva, em termos quantitativos, o professor faz uma relação comparativa com outros países ao destacar que o brasileiro não é um povo que se preocupa em consumir cultura, no sentido menos antropológico e mais em ver a arte como fenômeno transformador, ou, de fonte de conhecimento e aprendizado.

Sá (2020) reforça que a realidade brasileira do mercado de literatura e os modos de consumo, não visualizam para o futuro do Jornalismo Cultural caminhos prósperos. Uma vez que, no Brasil, não existe uma discussão cultural mais refinada, mais requintada envolvendo esses produtos, “[...] e esse governo colabora para estigmatizar essa discussão, cultura é colocada como uma coisa secundária.” (SÁ, 2020, n.p). Embora tenha havido uma

democratização ao acesso de bens culturais no país, isso ainda não significou uma democratização do debate estritamente cultural.

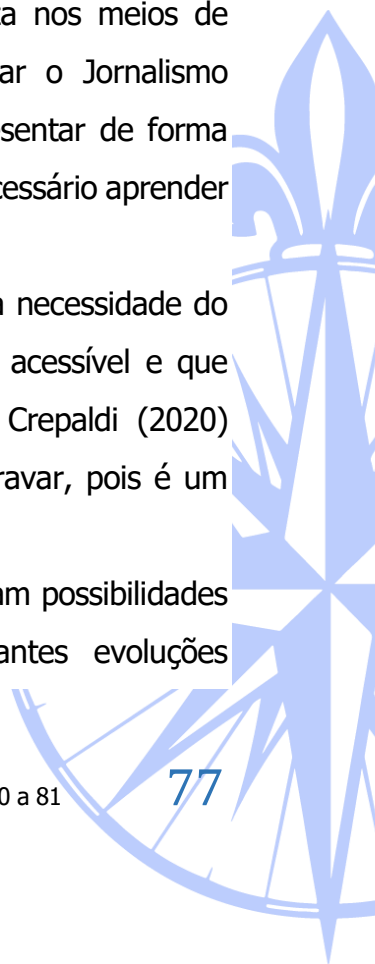
Na Faculdade Cásper Líbero, o professor Heitor Ferraz Mello (2020) também ministrou a disciplina de forma remota no segundo semestre de 2020 e teve que fazer adaptações para ministrar as aulas. Por meio da observação das novas vertentes em que a arte tem se expressado, o docente levou para sala virtual a análise do teatro *online* e as lives musicais com entrevistas.

O professor aponta que devido à pandemia, nas apresentações já não é possível contar com a parafernália musical. Logo, todos os artistas precisaram voltar para o violão. “Ao retornar para o violão, volta alguma coisa que estava fora do esquadro da música brasileira contemporânea: a canção.” (MELLO, 2020, n.p). Essa nova tendência está fora dos meios jornalísticos, apesar de atuar e pesquisar o campo da literatura, Heitor aponta que a classe jornalística está deixando as oportunidades passarem. Porque o que reflete e é pautado no Jornalismo Cultural, é apenas o que o mercado lança, e às peculiaridades como estas, estão no limbo de produção com restrições a um pequeno e seletivo público.

A professora Lilian Crepaldi (2020) também visualiza nos meios de comunicação contemporâneos oportunidades para trabalhar o Jornalismo Cultural. Ressalta que, apesar do mercado sempre se apresentar de forma escassa e menos privilegiada em relação a outras áreas, é necessário aprender com expressões diferenciadas.

Para a professora, um caminho para o futuro está na necessidade do profissional jornalista utilizar uma linguagem mais simples, acessível e que valorize os consumidores. Ao falar sobre *mainstreaming*, Crepaldi (2020) entende que este é um espaço que o jornalista deve desbravar, pois é um cenário com novos públicos e artistas.

Verifica-se que os professores entrevistados vislumbram possibilidades para a área do Jornalismo Cultural diante das constantes evoluções



Ana Paula **BOURSCHEID** · Ícaro Moraes **COLELLA**

tecnológicas de informação e comunicação. Diante disso, algo que fica estabelecido como regra geral nas aulas que os professores ministram é a necessidade dos futuros profissionais jornalistas deixarem de seguir os padrões próprios de um mercado cultural estabelecido e atentar para novos horizontes como forma de propor narrativas jornalísticas mais assertivas e que possam construir diálogos com o público.

Considerações finais

A partir do mapeamento realizado é possível destacar que, das nove instituições que ofertam em seus cursos de Jornalismo a disciplina de Jornalismo Cultural, sete estão localizadas em capitais e outras duas em cidades históricas. Em relação à distribuição destes cursos, dos sete apenas dois, UFPB e UNB não estão localizados na região Sul e Sudeste do país.

Entre os cursos que participaram da pesquisa através de entrevistas com os professores que ministram a disciplina de Jornalismo Cultural, cinco pertencem à rede pública de ensino e dois integram a rede privada. Observa-se uma tradição acadêmica destes cursos, pois apenas a UFOP e FAPCOM possuem cursos de Jornalismo relativamente jovens, inaugurados em 2008 e 2006, respectivamente.

As demais instituições possuem uma longa trajetória de criação dos cursos de Jornalismo. Os quatro cursos da rede pública foram criados na época da Ditadura Militar, UFPB em 1977, UFRGS em 1952, UFRJ em 1967 e UNB em 1962. Já a Cásper Líbero foi o primeiro curso de Jornalismo inaugurado no país em 1947.

Outro aspecto identificado é que a disciplina de Jornalismo Cultural é oferecida de forma optativa ou eletiva para possibilitar que os estudantes optem por construir sua trajetória acadêmica de qualificação com base em suas áreas de afinidade. Essa característica é encontrada nas grades curriculares das universidades federais, com exceção da UFRGS. As outras quatro, exaltam

essa característica como um ganho no direcionamento do discente e no êxito de rendimento nas aulas.

Já as duas universidades privadas, FCL e FAPCOM, assim como a UFRGS, ofertam a disciplina como obrigatória. Tendo em vista que os alunos têm perfis de interesse, vale discutir o quanto é proveitosa essa opção, já que os estudantes que não vislumbram essa área de formação se veem obrigados a cursá-la. Apesar de ser inegável que passar pela disciplina de Jornalismo Cultural traz um diferencial para os estudantes, vários outros fatores do processo de ensino-aprendizagem devem ser postos na balança, como a dedicação nas leituras, a formação do próprio docente, o envolvimento do estudante ao cursar a disciplina e seus interesses de atuação profissional.

Ao longo desta pesquisa conclui-se que a oferta dessa disciplina oportuniza um diferencial aos futuros profissionais do jornalismo no âmbito da escrita criativa, do conhecimento histórico e da realidade social brasileira e internacional de consumo. A maior parte dos estudantes universitários brasileiros são fruto de carreiras escolares deficitárias. Desde a base até as graduações e cursos de pós-graduação.

Com isso, não se propõe deixar a mensagem utópica de que se todos os cursos de Jornalismo contemplassem a disciplina de Jornalismo Cultural, a realidade seria diferente. Todavia, este é um caminho necessário para pensar e repensar a área, uma vez que a universidade é um espaço de construção de conhecimento e mudança. Assim como a expansão no número de cursos de Jornalismo no país oportunizou o desenvolvimento de um Jornalismo mais especializado na cobertura diária dos fatos, a inserção da disciplina Jornalismo Cultural é o primeiro passo para a qualificação da atuação profissional voltada para essa área e para a própria ampliação do público consumidor de conteúdos culturais.

Referências

Ana Paula **BOURScheid** · Ícaro Moraes **COLELLA**

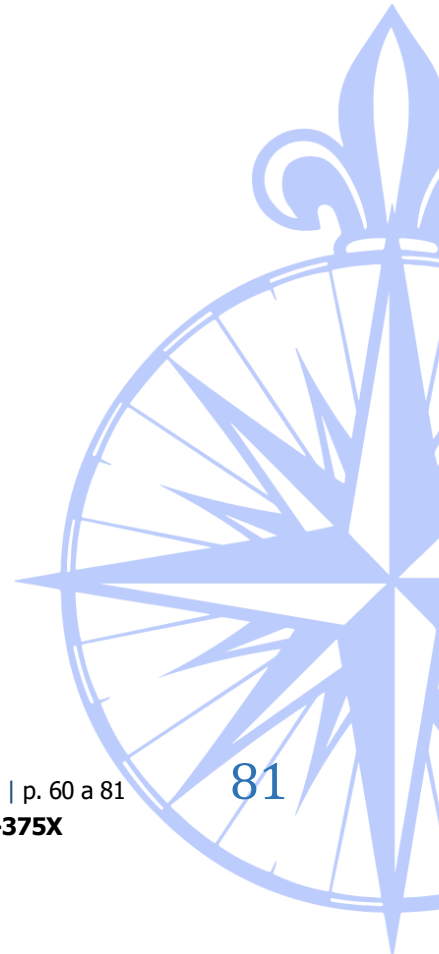
- AZEVÊDO FILHO, Carlos. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 5 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/fimWiVOotJA>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BARBOSA, Marialva. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 14 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/0LcUJiOz3iE>. Acesso em: 01 set. 2021.
- BALLERINI, Franthiesco. **Jornalismo cultural no século 21**: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática. São Paulo: Editora Summus, 2015.
- CORAÇÃO, Cláudio. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 13 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/PxWjaXdLrgE>. Acesso em: 01 set. 2021.
- CULTURAL, Itaú. **Mapeamento**: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: carteira professor de graduação. São Paulo: 2008. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/mapeamento_jornalismocultural2008. Acesso em: 15 mar. 2020.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. Coleção Cultura é o quê?. Secretaria de Cultura, Fundação Pedro. Salvador: 2009.
- CREPALDI, Lilian. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 14 de setembro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/BxHyUdPbdbb>. Acesso em: 01 set. 2021.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide para a teoria marxista do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor. V. 6. Florianópolis: Insular. 2012.
- GOLIN, Cida. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 12 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/LHaYXBOGxwY>. Acesso em: 01 set. 2021.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais (periodística). Tradução: Liriam Sponholz. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**. In: LIMA, Antônio Carlos de Souza. Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos. Brasília, Rio de Janeiro, Blumenau: Associação Brasileira de Antropologia. Nova Letra, 2012.
- MELLO, Heitor Ferraz. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 25 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/0T4RqtYTMwo>. Acesso em: 01 set. 2021.
- PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2004.
- RISTER, Carla Abrantkoski. A decisão da juíza. In: **Formação Superior em Jornalismo**: uma exigência que interessa à sociedade. FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. Florianópolis: [s.n.], 2002.
- SÁ, Sérgio de. **[Entrevista concedida a Ícaro Colella]**. Google meet, 20 de agosto de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/MohUgjuKtj8>. Acesso em: 01 set. 2021.

A OFERTA E O ENSINO DO JORNALISMO CULTURAL

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geane. O que é jornalismo cultural. In: **Mapeamento**: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008: carteira professor de graduação. São Paulo: 2008. Disponível em: https://issuu.com/itaucultural/docs/mapeamento_jornalismocultural2008.

Acesso em: 15 mar. 2020.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Tradução: Daniel Grassi. 2ª edição, Porto Alegre: Bookman, 2001.



A IMPORTÂNCIA DA INTERFACE GRÁFICA DO RADIOJORNALISMO DAS WEBRÁDIOS E AS AÇÕES E FENÔMENOS RESULTANTES DE SUA APLICAÇÃO

THE IMPORTANCE OF THE GRAPHIC INTERFACE OF RADIO JOURNALISM IN WEBRADIOS AND THE ACTIONS AND PHENOMENA RESULTING FROM ITS APPLICATION

Johan Cavalcanti VAN HAANDEL¹
Universidade de Aveiro | Portugal

Resumo

A partir da década de 1990 o rádio passou a utilizar o suporte digital, apresentando conteúdos por meio da interface gráfica, na qual, na webrádio, são organizados os elementos sonoros, visuais e verbais produzidos pelo emissor, o que provocou algumas mudanças em relação ao consumo e produção de conteúdo. O objetivo deste artigo é observar a importância da interface gráfica no radiojornalismo das webrádios e as ações e fenômenos resultantes de sua aplicação. Utiliza-se como metodologia a observação de aplicações cotidianas do conceito da interface gráfica em produções realizadas no rádio, o que envolve ações dos usuários e produtores.

Palavras-chave

Interface gráfica; Radiojornalismo no suporte digital; Webrádio; Webcasting.

Abstract

From the 1990s onwards, radio began to use digital support, presenting content through a graphic interface, in which, in webradio, the sound, visual and verbal elements produced by the broadcaster are organized, which caused some changes in relation to the consumption and production of content. The objective of this article is to observe the importance of the graphic interface in the radio journalism of webradios and the actions and phenomena resulting from its application. The methodology used is the observation of everyday applications of the graphical interface concept in productions carried out in radio, which involves actions of users and producers.

Keywords

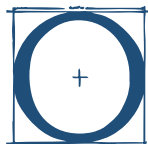
Graphic interface; Radio journalism in digital support; Web radio; Webcasting.

RECEBIDO EM 18 DE AGO DE 2021
ACEITO EM 29 DE JAN DE 2022

¹ Doutor em Informação e comunicação em plataformas digitais pela Universidade de Aveiro e Universidade do Porto. Mestre em Comunicação e semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bacharel em Arte e mídia pela Universidade Federal de Campina Grande. Contato: j.haandel@ua.pt



Introdução



rádio até a década de 1980 estava relacionado à radiodifusão sonora analógica, que permite a transmissão de som em tempo real para uma área de cobertura geográfica de alcance limitado.

A partir da década de 1990, com o início do uso do suporte digital para a transmissão de conteúdo radiofônico, passou a utilizar diferentes formas de comunicação e a explorar diferentes meios e plataformas, entre eles a Internet, na qual emergiu como webrádio. É importante ressaltar que as mudanças não foram abruptas, mas gradativas durante os anos que sucederam as introduções de novas tecnologias e técnicas e que há permeabilidades entre os momentos históricos.

Até o surgimento da digitalização, as ferramentas se configuravam de maneiras diferentes nos diferentes tipos de mídia, como cinema, rádio e televisão. Com a digitalização, as ferramentas para realizar tarefas diversas tornaram-se as mesmas. Tudo foi sugado para uma nova plataforma de trabalho: o computador (cf. MANOVICH, 2001), que passou a ser o aparelho de produção e recepção dos conteúdos radiofônicos, em que o produto que é transmitido é feito a partir de dados digitais. A digitalização permite que o dado se torne qualquer um dos elementos das três matrizes de linguagem (cf. SANTAELLA, 2005) ao ser lido pelo *software* presente no computador do usuário. Este dado digitalizado pode transmitir conteúdo radiofônico pela Internet, que não é passiva, mas interativa. Por exemplo, se várias pessoas acessam a transmissão do *webcasting* sonoro ela se tornará mais lenta; ou seja, o internauta influi, modifica a ação do outro internauta.

Manovich (2001, p.69-70) argumenta que a partir do início da década de 1990 o computador passou a ser utilizado como uma ferramenta para a produção de conteúdo cultural, com a distribuição de

conteúdo de todas as formas de cultura tornaram-se baseadas no computador, na qual as pessoas passaram a interagir com uma cultura codificada em uma forma digital.

Neste contexto, a partir da década de 1990 o rádio passou a utilizar o suporte digital para a transmissão de seu conteúdo, que a partir de então passou a ser multiplataforma, utilizando as ondas eletromagnéticas (tanto para a transmissão analógica em AM ou FM, quanto para a transmissão digital, por meio das tecnologias DAB, DRM, iBOC e ISDB-TN), além da Internet e do cabo. Vieira [*et. al.*] (2013, p.319) ressaltam que as transmissões multiplataforma “não podem ser rivais entre si, mas sim complementares. O mais importante não será a plataforma tecnológica em si mesma, mas sim o seu conteúdo intrínseco - de qualidade e adaptado aos diferentes públicos e diferentes tecnologias”.

A transmissão radiofônica pela Internet tornou-se possível a partir da criação, em 1995, da tecnologia *streaming*, que passou a realizar o *webcasting*, permitindo o acesso à uma produção que está em processo de construção, a qual dentro da Internet perde limite geográfico, obtém multiplicidade de canais e barateamento da produção e distribuição, mas fica condicionada em sua qualidade à um determinado número de ouvintes simultâneos e passa a se apresentar em uma interface gráfica, na qual a imagem ganha importância para o acesso ao conteúdo. Ressaltam-se outros dois fenômenos que emergem neste cenário. O primeiro é a grande concentração de empresas de mídia, que passaram a dominar todos os setores da indústria do entretenimento, a produzir produtos para as mais variadas plataformas. São fenômenos que não são exclusivos do rádio *online*, mas presente na atual convergência das mídias (JENKINS, 2009). O segundo é a participação do público em geral na construção dos conteúdos, o que foi absorvido pelos grupos midiáticos “incorporando as próprias estratégias que lhes ameaçavam: *user-*

generated content, serviços de comentários, retuítes, enquetes, blogs e todo sabor de 'redes sociais'. [...] O que se observa [...] é o incremento progressivo das ações de recirculação" (PRIMO, 2013, p.22-23).

Com o desenvolvimento da tecnologia *streaming*, foi possível criar a webrádio, que é definida por Prata (2008, p.71) como "meio de comunicação que transmite informação sonora, invisível, em tempo real. A informação sonora poderá vir acompanhada de textos e imagens, mas eles não serão necessários para a compreensão da transmissão". Um dos seus elementos principais é a Interface gráfica, pela qual o usuário acessa e controla seus conteúdos, seja áudio (ao vivo ou gravado, disponibilizado por *download* ou *streaming on demand*) quanto elementos visuais-verbais, em que o áudio transmitido ao vivo é o seu conteúdo principal (RAMOS *et. al.*, 2012), com um conteúdo que está sempre acessível, tanto de maneira permanente quanto com sua área de acesso alargada (PIÑEIRO-OTERO; RAMOS, 2011).

No cenário que emerge do universo radiofônico entre as décadas de 1990 e 2000 houve uma modificação da mensagem radiofônica, em que diversos pesquisadores se indagaram o que deveria ser considerado rádio. Para Paiva e Silva (2016, p.18),

hospedada em um site e não mais transmitida pelas ondas hertzianas, a mensagem radiofônica ganhava funções e formatos inéditos. Tais mudanças, como formas de interação que iam além do telefone e o aparecimento das imagens que ameaçaram a supremacia do som em uma nova era da radiofonia.

Nair Prata (2008), baseada em Fidler (1997), cunhou o termo radiomorfose para denominar a transformação que ocorre no rádio. Vieira [*et. al.*] (2013, p.304) denominam o processo de *radiomorphosis* e afirmam que "a rádio não muda, mas antes se adapta às mudanças [...]". Kischinhevsky (2016, p.33) afirma que "a comunicação radiofônica é predominantemente sonora, sim, mas não se descaracteriza pela incorporação de elementos textuais ou visuais. A radiofonia *prescinde* de

hipertexto ou imagens para ser apreendida pela audiência". Vieira [*et. al.*] (2013, p.307) defendem que "a definição de rádio não poderá passar exclusivamente pela indexação ao seu meio ou suporte tecnológico. A rádio será sobretudo um estilo de comunicação, não precisando já de ondas hertzianas para cumprir o seu papel".

Na Internet o rádio se materializa na forma de webrádio, que apresenta uma audiência fragmentada, porém global, podendo ser acessada por qualquer pessoa que utilize a Internet, e que alterou o modelo de difusão, da estrutura e natureza da mensagem radiofônica, permitindo uma combinação das características tradicionais do rádio analógico com a dimensão multimídia da Internet, incluindo a possibilidade de criação de canais próprios, o que aproximou o rádio do conceito de *self media* (CORDEIRO, 2010, p.253-254).

A transmissão radiofônica na Internet passou a ser um processo de hibridização, o qual reúne a transmissão de áudio com a disponibilização de dados para a leitura; ou seja, mescla "rádio" com, por exemplo, "revista" ou "jornal". Esta característica o torna diferente de outras formas de transmissão de áudio analógicas que surgiram antes dele, pois todas são baseadas apenas no áudio.

A comunicação radiofônica passou a apresentar conteúdos com a linguagem de hipermídia, contando com as matrizes de linguagem sonora, visual e verbal (cf. SANTAELLA, 2005) ao migrar para a webrádio, com a apresentação, em suas transmissões, de conteúdos que são acessados por meio da interface gráfica, seja no computador e quanto no celular, aparelho que "integra todos os equipamentos antes dispersos, tornando-se, simultaneamente, um instrumento de trabalho, de comunicação e de lazer. A mesma tela serve para conferir *e-mails*, ver programa de televisão, ouvir rádio, enviar SMS e participar de vídeo chamada" (WEIGELT, 2018, p.30-31).

A interface gráfica se tornou um dos pilares para a efetivação da transmissão da mensagem radiofônica, incluindo a sonora, pois é por meio da interação com a interface gráfica que o usuário manipula o áudio que recebe do emissor. Desta forma, abarca todo o universo do rádio dentro da Internet, o que inclui o radiojornalismo, que passou a ter novas características quando passou a ser realizado por meio da webrádio.

O objetivo do presente trabalho é observar a importância da interface gráfica no radiojornalismo realizado pelas webrádios e as ações e fenômenos resultantes de sua aplicação na comunicação sonora realizada em tempo real, por meio de observação de aplicações cotidianas do conceito da interface gráfica em produções realizadas no universo radiofônico, o que envolve ações dos usuários e produtores. Estas observações envolvem o que a interface gráfica pode oferecer ao usuário e/ou produtor (incluindo a sua lógica de funcionamento da interface e sua aplicação prática); a arquitetura dos dados oferecidos pela interface gráfica; os modos de leitura dos internautas ao consumir os conteúdos pela interface gráfica; a lógica de produção de conteúdo adaptada às condições de transmissão e armazenamento das transmissões digitais online; as dinâmicas de produção que envolvem o desenvolvimento de conteúdo pelos profissionais do rádio; e as características de recepção dos usuários. Há também uma discussão sobre a necessidade da realização de um bom desenho de interface para otimizar a comunicação.

Justifica-se a necessidade deste tipo de investigação para compreensão da importância da interface gráfica na investigação do radiojornalismo no universo da webrádio e para a ajuda em práticas de produção diárias no mercado radiofônico.

A Interface Gráfica

O conceito de interface teve origem nas ideias de dois pesquisadores: Vannevar Bush e Doug Engelbart. Bush foi o responsável pelo ensaio *As we might think*, no qual propunha a criação de um processador de informação teórico denominado de Memex, o qual permitiria ao usuário criar caminhos em um banco de dados. Engelbart, instigado por essa ideia, desenvolveu uma interface que propunha um espaço virtual, no qual a informação pode ser transformada em uma tarefa, demonstrando esta ideia no San Francisco Civic Auditorium no outono de 1968 (JOHNSON, 2001).

Manovich (2001, p.69) informa que o termo interface humano-computador descreve o modo como o usuário interage com o computador, incluindo não só os dispositivos de entrada e saída de dados, mas também as metáforas utilizadas para organizar a informação.

Renato Prado (2007, p.44) informa que a organização da informação não está limitada “apenas à classificação da informação. Organiza-se a informação para poder encontrá-la com facilidade. [...] Organizar informação [...] refere-se também à sua forma de manipulação, ao seu desenho e à cultura de lidar com todas essas formas”.

De acordo com Figueiredo (2004, p.39) a interface “não trata exclusivamente de interação, é também a forma como o *site* comunica com o utilizador, quer estética quer dinamicamente”, o que também inclui não só os dispositivos de entrada e de saída de dados, mas também as metáforas usadas para a organização da informação (MANOVICH, 2001, p.69). É nesta troca que o ambiente visual e gráfico é gerado.

Beiguelman (2003, p.35) defende que a tela do computador não deve ser considerada apenas um suporte de leitura, mas uma interface, que pode ser considerada uma nova *máquina de ler*, a qual possibilita que cada leitor possa ser também um editor de conteúdo e que traz novas

orientações para paradigmas que delimitaram os modelos e as formas de criação de discursos críticos.

Caminos, Ardini e Mirad (2020, p.24) defendem que a interface também atua como um espaço de articulação entre diferentes territórios, os quais, configurados além do espaço geográfico, funcionam com uma lógica transmídia.

Em relação à sua aplicação nos dispositivos, as interfaces possuem três níveis distintos, que podem ser considerados independentemente, porém estão relacionadas por meio de mapeamento entre elas: (1) o abstrato, o qual apresenta as funções mais elevadas e conceitos do sistema, incluindo a representação de conceitos, habilidades e conhecimentos que os usuários fornecem ao sistema; (2) o da comunicação, o qual apresenta o mapeamento e a representação dos conceitos do nível abstrato inseridos no sistema, possibilitando uma linguagem de comando interativa que o usuário precisa aprender; e (3) o da aplicação, o qual apresenta métodos específicos que implementam os algoritmos e procedimentos necessários para suprir as semânticas do usuário e da operação do sistema (MEENA; SIVAKUMAR, 2015, p.32).

A interface gráfica no jornalismo radiofônico das webrádios

Antes da emergência das diferentes formas de transmissão de conteúdo radiofônico por meio do suporte digital, a preocupação do produtor de conteúdo de rádio era relativo apenas ao que era emitido aos ouvintes pelos alto-falantes, agora a preocupação inclui também o que é exibido nas telas. Ressaltamos que os conteúdos radiofônicos digitais são direcionados primordialmente à escuta e não à visão. O conteúdo principal de sua mensagem se encontra na matriz sonora. Isso difere o radiojornalismo no suporte digital do telejornalismo, no qual “a

preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro. [...] O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela” (PATERNOSTRO, 1999, p.72).

Em quase todas as transmissões digitais há a presença da tela para manipulação, informação ou para ligar a transmissão; a exceção é a transmissão recebida através da antena parabólica acessada pelo ajuste de áudio no receptor de sinal. Contudo, há uma diferença básica entre as transmissões em radiodifusão e aquelas que acontecem pela Internet. Na radiodifusão o acesso ao conteúdo pode ser feito através de botões, do *hardware* receptor, ou pela tela, que controla o *hardware*. Nas transmissões pela Internet, o acesso ao conteúdo só pode ser realizado por meio da tela; ou seja, o *webcasting* depende da tela para que o internauta tenha acesso ao conteúdo transmitido. Todo o conteúdo da transmissão em *webcasting* “depende de uma rota textual de endereçamento que não reside na tela, [...] que faz o texto se confundir com a noção de lugar e transforma a imagem e o som em um dado da escrita” (BEIGUELMAN, 2003, p.18).

Para o acesso ao conteúdo da transmissão em *webcasting* é necessário a interação com a máquina em que se usa o *browser*, suporte e interface que se tornou sinônimo de programa navegador, o que teoricamente não é correto, pois implica uma identidade entre ações distintas (BEIGUELMAN, 2003, p.64).

A informação apresentada na webrádio está organizada em arquitetura hiper. Segundo Santaella (2005) a informação estocada organizada desta forma é recuperada pelo internauta por caminhos alineares, nos quais cada indivíduo escolhe um caminho dentro de vários possíveis. Nestes caminhos o internauta não usa apenas a audição, mas também a visão; ou seja, na forma *online* de transmissão de rádio houve uma mudança na forma de leitura do conteúdo transmitido em relação ao

que existia anteriormente. Para o internauta realizar a leitura do conteúdo em *webcasting* ele tem que ser alfabetizado digitalmente; ou seja, requer que ele além de ler a informação escrita saiba também decifrar os códigos da interface gráfica. Esta é uma habilidade que torna o rádio transmitido em *webcasting* distante do rádio analógico, que não necessita que o ouvinte saiba ler para compreender o conteúdo recebido.

Ao acessar a hipermídia, o internauta coloca em ação habilidades de leitura muito distintas da leitura de texto de livro, da observação de imagens da televisão ou do cinema e da simples audição de um conteúdo de rádio, as quais são acentuadas quando o usuário acessa as infovias do ciberespaço, em um cenário no qual emergiram três tipos de usuários, o experto, o leigo e o novato, tendo como parâmetro de determinação das suas leituras o grau de alfabetização digital que possuem, com o experto navegando com facilidade, pois tem ampla alfabetização digital, e os leigos e novatos apresentando dificuldades de navegação, pois não têm domínio total da leitura da interface, desconhece caminhos e comandos (SANTAELLA, 2004).

Por meio da manipulação de ícones, que podem ser figuras ou palavras, o usuário tem acesso aos conteúdos do rádio transmitidos por *webcasting*. Na interface gráfica seus dados são apresentados para o usuário, como textos informando detalhes do produto, telas que exibem vídeo de conteúdo gerado ao vivo ou gravado e disponibilizado *on demand*, áudios com outros registros do que já foi transmitido, entre várias outras opções que podem ser desenvolvidas pelo emissor.

A transmissão pela Internet necessita de mais informações do que uma emissora de rádio analógica. Nas AMs e FMs, o conteúdo informacional musical, por exemplo, não deve ser tão longo, pois a mensagem não pode ser capturada novamente. O rádio é imediato e instantâneo. Já na transmissão pela Internet a informação é apresentada não só de forma oral, mas também visual, através de textos, fotos, vídeos

etc. É justamente por isso que a necessidade de uma quantidade de informação é maior do que uma rádio analógica. A riqueza do produto transmitido em *webcasting* dependerá da pesquisa de dados feita pela equipe de trabalho, que deve não só priorizar o áudio, mas também o conteúdo visual.

Ressaltamos uma característica comum dos usuários que é a de realizar diversas ações simultâneas enquanto utilizam a Internet, como, por exemplo, escutam o conteúdo de uma webrádio enquanto leem seus *e-mails* ou utilizam as redes sociais. Porém, no universo do rádio esta realidade do receptor realizar diversas ações já existia, como, por exemplo, dirigir um automóvel, arrumar a casa, cozinhar etc. Para ambas as recepções de conteúdo é interessante observar qual é o tipo de atenção dada ao conteúdo acessado; ou seja, perceber se o receptor está ouvindo ou escutando. No ato de escutar há uma atenção concentrada enquanto o simples ato de ouvir não demanda maiores atenções (cf. FERRARETTO, 2000; PRADO, 1989). Como a atenção do internauta não é concentrada para o produto acessado (cf. SANTAELLA, 2004), conclui-se que existem mais internautas ouvindo do que escutando.

A interface gráfica permitiu o desenvolvimento de ações que moldaram a forma como o rádio se apresenta na Internet, desde como apresenta seus diversos conteúdos (podendo explorar diferentes linguagens e plataformas) como diversas formas de interação com o público (utilizando diferentes plataformas e serviços, como as redes sociais na Internet), em que o ouvinte também passa a ser coprodutor, repassando conteúdo que é transmitido pelo emissor, dentro de uma narrativa que pode ser explorada pelo modo transmídia.

A interface gráfica é um dos elementos do ciberespaço, o qual “implica uma comunicação mediada pelo computador e pela internet e tudo que emerge dela: interface, hipertexto, realidade virtual,

telepresença, disputa do real e do virtual, *games* etc. [...]” (PRADO, 2012, p.34).

É por meio da interface gráfica que a emissora de rádio apresenta seu conteúdo na Internet, a qual é fundamental para a emergência da webrádio, disponibilizada em um espaço virtual, que é acessado por meio do seu endereço eletrônico, entendido por Barbeiro e Lima (2003, p.46) como o novo prefixo da emissora; ou seja, um dos modos como ela pode ser identificada, junto com elementos sonoros que existiam anteriormente, como vinhetas, e elementos visuais, que emergem no suporte digital, como logotipos e a própria arquitetura do website, que pode ser um elemento diferenciador em relação às demais emissoras.

Ressaltamos que mesmo que o usuário queira apenas ter acesso ao conteúdo de áudio ele necessita manipular imagens, que são exibidas ou na forma de texto ou na forma de formas gráficas, geralmente ícones. A ação mínima para o acesso ao conteúdo é a digitação do endereço da emissora e o acesso ao *streaming* direto que entra simultâneo ao acesso, em que para pará-lo ou ajustá-lo é necessário interagir com a interface. Em outros casos o acesso ao *streaming* direto ocorre por meio do clique em ícone, que geralmente se apresenta com o texto *rádio ao vivo* ou *ouça aqui*.

Em relação à equipe de radiojornalismo, emerge uma rotina de produção que envolve a produção de conteúdo multimídia, que geralmente envolve áudio, texto, foto e vídeo. Além da produção de conteúdo sonoro-verbal que existia anteriormente, que inclui uma série de rotinas para a produção de conteúdos que obedecem às regras dos formatos e gêneros radiojornalísticos, emergem novas rotinas de produção de conteúdo imagético decorrentes da utilização da interface gráfica.

Com a emergência da interface gráfica novas formas de transmitir informação aos ouvintes foram desenvolvidas, as quais envolvem a imagem, tendo como base o jornal e a televisão, o que ampliou o leque

das formas que existiam anteriormente, compostas pela leitura de texto pelo locutor, realização de entrevista, realização de boletim com entrada do repórter (ao vivo ou gravada), exibição de trecho do som ambiente onde ocorre o fato e realização de matéria radiojornalista (cf. CHANTLER; HARRIS, 1998).

Para onde o usuário olha quando consome um conteúdo imagético produzido pela webrádio? Esta é uma pergunta que pode emergir em uma reunião da equipe de produção de uma emissora de rádio, o que inclui tanto elementos estáticos, como textos, ícones, logotipos e fotos, quanto dinâmicos, como vídeos (tanto para acesso posterior, consumidos por meio do streaming *on demand*, quanto os transmitidos em tempo real) e textos apresentados em movimento nestes vídeos (que devem ter como objetivo principal uma otimização de sua leitura, por isso a forma como são dispostos na tela é importante).

Em relação à transmissão de vídeo ao vivo, ela se tornou popularmente conhecida como *live*. A imagem que é oferecida na verdade é um recurso dado pela transmissão em *webcasting*. Esse recurso pode ser retirado da transmissão sem o comprometimento do conteúdo; ou seja, a ausência da tela não compromete a mensagem final. Em relação às fotos, nos últimos anos webrádios passaram a dar ênfase às fotos na arquitetura do website e nas postagens de suas contas nas redes sociais pois as reações dos usuários acabam sendo mais enfáticas do que um simples texto publicado (VAN HAANDEL, 2014). Outro exemplo da utilização das redes sociais na Internet é a inserção de um conteúdo que é progressivamente construído baseado no *feedback* dos usuários, em que a equipe de produção da emissora adapta o conteúdo apresentado de acordo com as respostas dos receptores. No caso do radiojornalismo, Vizeu e Leite (2018, p.10) informam que

atualmente, com a internet, podemos perceber, por meio da formatação da notícia, se há a possibilidade de um fato gerar

repercussões. Na prática, ao lidar com as prováveis repercussões, que é mais um critério de noticiabilidade, é costume repórteres redigirem 'mais informações em instantes' para sinalizar que o evento continua ocorrendo e, por isso, continua sujeito a gerar mais conteúdo noticioso. Os jornalistas podem ainda escrever outro texto e colocar o respectivo link na primeira matéria, direcionando o leitor à segunda postagem.

Além do cuidado com o desenho de interface, o emissor deve ter cuidado com aspectos técnicos da veiculação do conteúdo que é apresentado na interface gráfica e que influenciam a recepção do conteúdo emitido. Por exemplo: Na transmissão em *webcasting* da webrádio é realizada uma emissão de dados do tipo *multicast*, a qual segue os mesmos princípios da radiodifusão utilizada por décadas pelos radialistas. Li, Drew e Liu (2014, p.550) informam que nos esquemas de adaptação fim-para-fim o emissor ajusta sua transmissão de acordo com o feedback do receptor, porém na transmissão do tipo *multicast* esta solução tende a ser subotimizada, pois não existe uma taxa alvo para um grupo de usuários heterogêneos.

Diferentes conteúdos podem ser incorporados na arquitetura do *website*, de acordo com a proposta de comunicação que a emissora quer desenvolver com o seu ouvinte. Neste caso, emergem, em termos de suas interfaces gráficas, dois tipos de emissora, a monomidiática e a multimidiática, distintas em relação ao conteúdo que apresenta ao público. O primeiro tipo apresenta *websites* simples, geralmente exibindo apenas uma *home page*, que traz ícone ou *link* de acesso ao *streaming* de áudio ao vivo da emissora, o logotipo da emissora (em destaque) e dados de contato da emissora; ou seja, uma estrutura bastante simples voltada apenas para a identificação e contato com a emissora e a apresentação do principal conteúdo da emissora, que é a sua transmissão de áudio em tempo real (cf. VAN HAANDEL, 2014). O segundo tipo apresenta uma plataforma complexa, que integra a transmissão de áudio ao vivo da emissora a diversos outros conteúdos, como vídeos, áudios *on demand*

(que podem ser disponibilizados na forma de *podcast*), textos (incluindo textos de suas redes sociais que podem ser inseridos no corpo do *website*), entre outros recursos, os quais podem apresentar conteúdos que utilizem a narrativa transmídia, com cada área apresentando a história de maneira independente, na qual a interação com o usuário assume um papel importante na apresentação dos conteúdos.

No caso das emissoras do tipo multimidiática a arquitetura do *website* pode oferecer os conteúdos por meio de menus, geralmente inseridos na parte superior da tela. Cada *link* abre uma página que se configura como uma seção da emissora. A disponibilização de *links*, áudios e vídeos na forma de biblioteca é comum nos serviços que oferecem muitos arquivos, seguindo a lógica de multiplicidade de oferta, em que o conteúdo da biblioteca pode inclusive vir acompanhado de outro, como, por exemplo, uma reportagem textual de jornal pode vir anexada a áudio ou vídeo que cobre determinado acontecimento. Outra forma de disponibilizar muitos conteúdos é exibi-los na forma de *playlist* montada pela equipe da webrádio. Estes áudios e vídeos inseridos na arquitetura do *website* geralmente usam a tecnologia *embed*, a qual permite criar um código HTML que possibilita um conteúdo ser adicionado a outros *websites*.

Em relação aos conteúdos dispostos dentro do *website* da webrádio, o administrador tem como saber o número de acessos, não só dos diferentes sítios do *website*, mas também de plataformas agregadas ao *website*, como as contas em redes sociais na Internet incorporadas. A equipe de produção da emissora, com posse desses dados, decide apenas desenvolver e aprimorar as áreas de maior procura, deixando de desenvolver áreas e recursos que foram ignorados pelos usuários.

O ato da operação de áudio também utiliza o recurso da interface gráfica nas ações de organização do material a ser transmitido, tanto por

meio da edição não linear em *software* de manipulação de áudio (como Audition, Sound Forge, Audacity ou Ocenaudio) quanto por meio de *software* de automação de programação (que pode ser desde os caseiros Winamp e Windows Media Player até os profissionais Playlist Digital, Winkochan e Pulsar). É por meio da tela do computador que o produtor de conteúdo tem acesso ao repertório do banco de dados sonoro (reportagens, boletins gravados, músicas, efeitos, vinhetas, *spots* comerciais etc.).

A interface gráfica também é o local onde ocorre a interatividade com o ouvinte, a qual é mediada pelo computador e oferecido um leque de possibilidades, em que os papéis do emissor e receptor mudam. Segundo Luis Bonix (2012, p.185 – 186),

com a presença da rádio na Internet, os ouvintes passaram a manter com este meio de comunicação um novo relacionamento, diferente daquele que mantinha com o meio hertziano [...]. Este novo cenário apela [...] a uma atitude mais ativa por parte do ouvinte, que tem ao seu dispor [...] um canal ou canais constantemente abertos que sugerem e interpelam os ciberouvintes para participarem na produção dos conteúdos e das mensagens radiofônicas.

O receptor é que vai intervir para que a mensagem ganhe seu significado completo, tornando-se de certa forma também um criador. Já o emissor não envia mais mensagens, mas gera um caminho com rotas de navegação e conexões. Nesse tipo de interação a comunicação será feita por escolhas, nas quais cada uma poderá gerar uma *resposta*, que pode ser dada tanto por uma pessoa quanto por uma máquina, na interação homem-máquina, cada vez mais comum. Neste cenário de participação dos usuários

as pessoas produzem e trocam informações acrescentando uma parte de si, de suas habilidades, sua capacidade, sua própria *expertise*. A internet permite que estas unidades descentralizadas conectem-se para compartilhar, transformar, produzir e distribuir informações. O *output* é um projeto coletivo dividido em pequenas unidades transformadas por cada participante (NORBIER, 2012, p.48).

Atualmente, no universo do rádio, as ferramentas digitais de interação mais comuns são os aplicativos de mensagem instantânea, como WhatsApp e Telegram, e as redes sociais na Internet, como Facebook e You Tube, os quais permitem uma relação entre indivíduos, que podem até ser bidirecionais na tela do computador, como uma conversa em uma conta de rede social, mas não na transmissão de áudio.

São os produtores de conteúdo que decidirão o que irá ao ar, montando o repertório a partir de outras obras, que podem ter sido criadas pela emissora ou por terceiros, em um processo de pós-produção (cf. BOURRIAUD, 2007). Os ouvintes colaboram com sugestões, críticas e envio de material para ser exibido, mas o que será veiculado é decidido pelo produtor de conteúdo.

Em relação às diferenças de recursos interativos entre web rádios transpostas do AM e FM e web rádios que só existem na Internet, Trigo-De-Souza (2002) afirma que não existem diferenças significativas, ambas oferecem diversos recursos pela tela. O cenário observado em 2002 não mudou, o mesmo fenômeno pode ser constatado nos dias de hoje. O que foi modificado nestes vinte anos foi o aumento do uso de diversas plataformas para a apresentação de conteúdos e interação com o público, o que possibilitou o desenvolvimento de narrativas transmídia no universo do rádio, incluindo o radiojornalismo.

Renó e Ruiz (2012, p.55-56) informam que o jornalismo tem hoje como realidade a convivência com os processos transmídia na profissão e no seu espaço, antes ocupados pelas realidades midiáticas dos meios tradicionais, em que o resultado desta produção transmídia configura-se como informação-movimento, a verdadeira mensagem resultante da narrativa transmídia, em que nenhuma de suas informações devem ser analisadas como peça única. Este jornalismo transmídia contempla diferentes meios, com várias linguagens e narrativas, o qual adota

recursos audiovisuais, de comunicação móvel e de interatividade para a distribuição do conteúdo, incluso a partir da blogosfera e das redes sociais na Internet, o que aumenta consideravelmente a circulação do conteúdo, e tendo o telefone celular como ferramenta fundamental para garantir a mobilidade e instantaneidade do processo de construção da narrativa (RENÓ; FLORES, 2018, p.53). As informações, distribuídas entre diferentes plataformas, são acessíveis por meio das interfaces gráficas, essenciais para que a narrativa transmídia possa ser desenvolvida.

Para a realização de todas as ações descritas anteriormente é fundamental um bom planejamento para um desenho de interface eficaz. Meena e Sivakumar (2015, p.15) afirmam que os usuários normalmente procuram utilizar produtos que tenham uma manipulação fácil e sofisticada, evitando os produtos complexos e preferindo os de uso amigável, o que faz com que os *designers* devam ter em mente a noção de quem serão usuários e quais suas capacidades, expectativas e acessibilidade, além de seus níveis cognitivos.

Scolari (2018) afirma que quando uma interface é bem desenhada ela desaparece, o que permite que os usuários possam se concentrar na tarefa que realizam, porém esta interface não é neutra ou transparente, mas um jogo interpretativo que possui características de outros processos de significação, como a leitura, possuindo uma proposta de interação que o usuário pode aceitar ou não.

Ressaltamos que, assim como a montagem sonora, os elementos dispostos na interface gráfica (que orientam a construção da arquitetura do *website*) são orientados de acordo com a proposta assumida pela emissora; ou seja, segue o modo como a emissora deseja ser percebida pelo seu público. Os conceitos dos gêneros e formatos radiofônicos e escolha do segmento a ser atingindo também influenciam na construção do ambiente virtual da emissora, pois a imagem é exibida aliada ao som para transmitir a mensagem com eficácia.

Considerações Finais

Observamos como a interface gráfica é fundamental no acesso aos conteúdos disponibilizados pela webrádio e algumas das consequências do seu uso, não só na programação geral, mas também no âmbito do radiojornalismo, o que impactou na produção e consumo de conteúdo informativo, possibilitando a transmissão de conteúdo sonoro, visual e verbal. Porém, é importante ressaltar, a imagem não deve ser considerada um elemento fundamental nesta transmissão, apenas o áudio. No rádio a imagem pode ser retirada da transmissão de conteúdo sem prejuízo do entendimento da mensagem.

Esta presente investigação materializa-se como uma contribuição para a investigação do uso do conceito da interface gráfica no universo do rádio, incluindo o radiojornalismo, e suas aplicações no universo do produtor de conteúdo e do receptor da informação, envolvendo questões como o *design* dos conteúdos, a leitura e domínio dos códigos e as práticas de produção que emergem no cenário de aplicação da interface gráfica na webrádio. São sugeridos como trabalhos futuros estudos de caso do uso de interface em emissoras de rádio orientadas ao jornalismo (para desta forma observar como esta emissora se orienta em relação aos conceitos sobre interface gráfica envolvidos na produção e leitura de conteúdo), além de estudos mais detalhados de ações descritas no presente trabalho (como, por exemplo, o desenho de interface criado para otimizar a leitura dos conteúdos veiculados na forma de *streaming* de vídeo ou para otimizar a leitura dos conteúdos organizados no *website*, priorizando a facilidade de leitura e da manipulação de informação).

Referências

BARBEIRO, H.; LIMA, P. R. **Manual de radiojornalismo**: produção, ética e internet. Rio de Janeiro: Campus, 2003

BEIGUELMAN, G. **Link-se** - arte/mídia/política/cibercultura. São Paulo: Peirópolis, 2005

_____. **O livro depois do livro**. São Paulo: Peirópolis, 2003

BONIXE, L. Usos e desusos da rádio informativa nas redes sociais. O caso da visita de Bento XVI. In: BASTOS, H.; ZAMITH, F. (Org.)

Ciberjornalismo. Modelos de negócio e redes sociais. Porto: Edições Afrontamento; CETAC.media, 2012. P. 183-198

BOURRIAUD, N. **Postproducción** - La cultura como escenario: modos em que el arte reprograma el mundo contemporáneo. Traduzido do francês por Silvio Mattoni. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2007.

CAMINOS, A.; ARDINI, C.; MIRAD, N. La interfaz, el lugar de articulación de territorios transmediales. In: BURGOS, T.; CUNHA, R. (Org.)

Interfaces contemporâneas nos ecossistemas midiáticos. Aveiro: Ria editorial, 2020.

CHANTLER, P.; HARRIS, S. **Radiojornalismo**. Traduzido do inglês por Laurindo Lalo Leal Filho. São Paulo: Summus, 1998 (Coleção Novas buscas em comunicação, 57)

CORDEIRO, P. **A rádio e as indústrias culturais**. Estratégias de programação na transição para o digital. Lisboa: Livros Horizonte, 2010 (Coleção Media e jornalismo)

FIDLER, R. **Mediamorphosis**: Understanding new media. Thousand Oaks: Pine Forge Press, 1997

FIGUEIREDO, B. **Web design** - Estrutura, concepção e produção de sites web. 3ª Ed. Lisboa: FCA - Editora de Informática, 2004

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2ª Ed. Traduzido do inglês por Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009

JOHNSON, S. **Cultura de interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016

LI, Z. N.; DREW, M. S.; LIU, J. **Fundamentals of multimedia**. 2ª Ed. Heidelberg: Springer, 2014

MANOVICH, L. **The language of new media**. Massachusetts; Londres: MIT Press; Cambridge, 2001

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensão do homem.**

Traduzido do inglês por Décio Pignatari. 5ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1979

MEENA, K.; SIVAKUMAR, R. **Human-computer interaction.** Delhi: PHI Learning Private Limited, 2015.

NORBIER, D. Rádio e Internet: Modelos radiofônicos de participação em rede. Traduzido do inglês por Debora Cristina Lopez e Marcelo Freire.

Rádio leituras. Vol.3, n.2, 2012. P.45-66. Disponível em

<http://radioleituras.files.wordpress.com/2013/11/ano3num2art2b.pdf>

PAIVA, F; SILVA, M. V. B. Experiência musical expandida: caminhos do audiovisual em aplicativos de streaming de música. In: PORTO, E. (Org.)

Sistemas audiovisuais e interfaces multimídia. Curitiba: Appris, 2016. P.16-30

PATERNOSTRO, V. R. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PIÑEIRO-OTERO, T.; RAMOS, F. Rádios universitárias na Web 2.0: perspectivas e potencial. **Rádio leituras.** Vol.2, n.1, 2011. P.51-77.

Disponível em <http://ria.ua.pt/bitstream/10773/4277/1/5-pic3b1eiro.pdf>

PRADO, E. **Estrutura da informação radiofônica.** Traduzido do espanhol por Marco Antônio de Carvalho. São Paulo: Summus, 1989

PRADO, M. P. **Radiojornalismo na cibercultura:** Por uma nova experiência de rádio em tempos de redes sociais e hipermobilidade. São Paulo, 2012. 144p. Tese (Doutorado em Comunicação e semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em

<https://leto.pucsp.br/bitstream/handle/4444/1/Magaly%20Parreira%20do%20Prado.pdf>

PRADO, R. S. A. **Arquitetura de interface.** Análise de formas de organização da informação entre pessoas e códigos. São Paulo, 2007. 107p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PRATA, N. **Webrádio:** Novos gêneros, novas formas de interação. Belo Horizonte, 2008. 379p. Tese (Doutorado em Linguística aplicada).

Faculdade de Letras; Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. Tese de doutoramento. Disponível em

http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/AIRR7DDJD8/1/nair_prata_tese.pdf

PRIMO, A. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, A. **A internet em rede.** Porto Alegre: Sulina, 2013. P.13-32

RAMOS, Fernando [*et al.*]. Radiomorfose em contexto transmedia. In: CAMPALANS, Carolina; RENÓ, Denis; GOSCIOLA, Vicente (Eds.).

Narrativas transmedia: Entre teorias y prácticas. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2012. P. 213-227

RENÓ, D.; FLORES, J. **Periodismo transmedia** - nueva edición actualizada. Aveiro: Ria Editorial, 2018

RENÓ, D.; RUIZ, S. Reflexiones sobre periodismo ciudadano y narrativa transmedia. In: CAMPALANS, C.; RENO, D.; GOSCIOLA, V. (Eds.)

Narrativas transmedia: entre teorias y practicas. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2012 (Colección Textos de ciencias humanas)
SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento:** sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. 3 ed. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 2005.

_____. **Navegar no ciberespaço:** o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004

SCOLARI, C. **Las leyes de la interfaz** - Diseño, ecología, evolución, tecnología. Barcelona: Gerdisa, 2018

TRIGO-DE-SOUZA, Lígia Maria. **Rádios@Internet:** O desafio do áudio na rede. São Paulo, 2002. 236p. Dissertação. (Mestrado em Ciências da comunicação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

VAN HAANDEL, J. C. **A influência da participação em linha do utilizador na produção das webrádios:** Um estudo multicaso da Campina FM e da Rádio Comercial. Aveiro, 2014. 566p. Tese (Doutorado em Informação e comunicação em plataformas digitais) - Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro e Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

VIEIRA, J. [et. al.] *Radiomorphosis:* Rádio, tendências e perspectivas. In: CARDOSO, G. (Org.) **A sociedade dos ecrãs** - Sociologia dos ecrãs, economia da mediação. Lisboa: Tinta-Da-China, 2013. P.303-358

VIZEU, A.; LEITE, F. Decidindo o que é notícia: 20 anos depois. **Revista Observatório.** Vol.4, n.4, P.1-24. Jul./Set. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n4p284>

WEIGELT, D. **Como os jovens ouvem rádio?** Uma cultura lusófona de consumo radiofônico. Florianópolis: Insular, 2018



NOTICIABILIDADE, VALOR-NOTÍCIA E SELEÇÃO NOTICIOSA NA COBERTURA FUTEBOLÍSTICA¹

NEWSWORTHINESS, NEWS VALUES AND NEWS SELECTION IN SOCCER JOURNALISTIC COVERAGE

Thalita NEVES²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro | Brasil

Resumo

Este artigo propõe uma revisão bibliográfica para diferenciar alguns conceitos caros ao fazer-notícia, como noticiabilidade, valor-notícia e seleção noticiosa. O objetivo é expandir a discussão para propor reflexões sobre como esses conceitos se correlacionam com as especificidades da editoria esportiva, aqui considerada uma área dotada de certa liberdade editorial, tendo em vista os aspectos subjetivos intrínsecos ao universo do esporte – como emoção, paixão e preferências – sobretudo na cobertura de futebol. Essa perspectiva é ilustrada ao longo do artigo a partir da análise de uma edição específica do programa *Globo Esporte*. Pressupõe-se ainda que alguns valores-notícia, como o conflito/rivalidade, podem preponderar em determinados contextos da cobertura futebolística, trazendo à tona debates sobre verdade e credibilidade jornalísticas.

Palavras-chave

Jornalismo esportivo; noticiabilidade; valor-notícia; seleção noticiosa; credibilidade

Abstract

This article proposes a bibliographic review to differentiate some important concepts when making news, such as newsworthiness, news values and news selection. The objective is to expand the discussion to propose reflections on how these concepts correlate with the specificities of sports publishing, here considered an area endowed with a certain editorial freedom, in view of the subjective aspects intrinsic to sports universe – such as emotion, passion and preferences – especially in soccer coverage. This perspective is illustrated throughout the article from the analysis of a specific *Globo Esporte* edition. It is also assumed that some news values, such as conflict/rivalry, are prevalent in soccer coverage, bringing up debates about journalistic truth and credibility.

Keywords

Sports journalism; newsworthiness; news values; news selection; credibility.

RECEBIDO EM 18 DE AGOSTO DE 2021
ACEITO EM 20 DE OUTUBRO DE 2021

¹ Trabalho disponível nos anais do GP Comunicação e Esporte, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado na modalidade virtual em dezembro/2020. Uma versão inicial deste debate também integra a dissertação de mestrado “Jornalismo esportivo e a cobertura da rivalidade GreNal em 2016: o título do Grêmio e o rebaixamento do Inter”, defendida em agosto/2018 no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

² JORNALISTA (UFOP). Mestra em Jornalismo (UFSC) e Doutoranda em Comunicação (UERJ). Contato: thalitanevesufop@gmail.com.

Introdução

A discussão sobre noticiabilidade, valor-notícia e seleção noticiosa, ainda que amplamente abordada nos estudos de comunicação, é pertinente ao campo porque traz consigo possibilidades outras de se pensar tais variáveis para além da vertente convencional, que tende a tratar esses três conceitos como sinônimos no *newsmaking* (ou fazer-notícia). Partindo dessa perspectiva, a intenção é diferenciar neste artigo noticiabilidade, valor-notícia e seleção noticiosa com base em pesquisadores que se debruçaram sobre o tema, expandindo a discussão para propor reflexões sobre como esses conceitos atuam no jornalismo esportivo, mais precisamente no trato do futebol.

É interessante evidenciar como os valores-notícia (VNs) clássicos do jornalismo como um todo – tragédia, proeminência, governo, conflito etc. – podem adquirir outras dimensões em se tratando da cobertura futebolística, de modo que, por exemplo, quando se fala no valor-notícia governo, a intenção é se referir à administração dos clubes; quando se fala no valor-notícia tragédia/drama, ele se refere ao contexto dramático de uma situação decisiva dentro campo; quando se fala no valor-notícia proeminência das pessoas envolvidas, ele se refere ao protagonismo dos personagens do jogo, e assim por diante. O valor-notícia conflito, por sua vez, tem a ver com as rivalidades clubísticas que fazem com que certas partidas ganhem destaque ainda maior no noticiário esportivo.

É fundamental ressaltar que este artigo se baseia na nomenclatura de valores-notícia sistematizada por Silva (2005) em um compilado das contribuições dos principais autores que abordaram o tema, como Sousa (2002), Traquina (2001) e Wolf (2003). Também é válido ponderar que a

Thalita **NEVES**

discussão aqui proposta desconsidera alguns VNs tidos como óbvios para o fazer-notícia de um modo geral, como atualidade – visto que esse valor já é um pré-requisito do jornalismo – e importância – sobretudo considerando-se que a editoria em análise pressupõe que o tema esportivo por si só já é relevante para os consumidores do segmento.

Quanto ao valor-notícia conflito/rivalidade no jornalismo esportivo, pressupõe-se que esse é o VN de maior potencial na cobertura futebolística, ainda que esta afirmação demande análises mais específicas para sua validação em termos acadêmico-científicos, as quais não serão contempladas nos limites deste artigo. Essa crença está atrelada à noção de que os conteúdos que abordam as rivalidades clubísticas do futebol brasileiro carregam discursos ideológico-sociais por trás das narrativas – discursos estes intrínsecos aos distintos contextos socioculturais de cada região do país. Por consequência, esses conteúdos seriam também os mais contestados em termos de verdade, objetividade e credibilidade jornalísticas.

Esse último quesito ganha destaque na ótica de Lisboa e Benetti (2016) para além de um conceito acessório no jornalismo, pois, na visão das autoras, a credibilidade é algo imprescindível para que os sujeitos possam presumir que o discurso jornalístico diz a verdade – mesmo nesta editoria onde a subjetividade de jornalistas e espectadores tende a ser mais atuante tanto na produção quanto na interpretação dos conteúdos noticiosos, já que na maioria das vezes o jornalista que escreve sobre esportes está se reportando a um público tão apaixonado (e entendido do assunto) quanto ele.

Diferenciação de conceitos no fazer-notícia

Na obra *Crerios de noticiabilidade* (2014), os autores Gislene Silva, Marcos Paulo da Silva e Mario Luiz Fernandes discorrem sobre os problemas

conceituais e aplicações de três conceitos fundamentais no fazer-notícia: noticiabilidade, valor-notícia e seleção noticiosa. A intenção dos pesquisadores é diferenciar cada uma dessas categorias enquanto conceitos de natureza própria e não sinônimas, como é comum na vertente convencional do estudo – que tende a tratar esses três conceitos como sinônimos no *newsmaking*. Para tanto, Silva (2005) parte da noção de que a noticiabilidade é o critério mais amplo dessa tríade, dentro do qual os valores-notícia e a seleção noticiosa estariam inseridos.

Seleção noticiosa, critérios de noticiabilidade e valores-notícia. Concepções que desempenham um papel fundamental no universo da informação periódica, tais facetas da dinâmica de construção da narrativa jornalística nem sempre são analisadas de um modo devidamente diferenciado. Em outros termos, trata-se de categorias com naturezas conceituais próprias que acabam por ser interpretadas – por variados motivos e em diferentes momentos no abrangente conjunto das tradições teóricas referidas – como expressões sinônimas. (SILVA *et al.*, 2014, p. 30).

A autora compreende a noticiabilidade “como todo e qualquer fator potencialmente capaz de agir no processo da produção da notícia” (SILVA, 2005, p. 52). Já os valores-notícia são os “atributos que orientam principalmente a seleção primária dos fatos – e, claro, que também interferem na seleção hierárquica desses fatos na hora do tratamento do material dentro das redações” (p. 54). A seleção noticiosa, por sua vez, está relacionada ao conceito de *gatekeeper*. “A seleção, portanto, se estende redação adentro, quando é preciso não apenas escolher, mas hierarquizar.” (p. 56).

Complementando essa visão, os autores relacionam os três conceitos em debate à logística imposta pelos aspectos organizacionais das redações jornalísticas, de modo que o valor-notícia pode ser entendido como um “ideal de notícia” e o critério organizacional indica a “notícia possível, em função das rotinas próprias de cada organização” (SILVA *et al.*, 2014, p. 39). Isso significa que o núcleo administrativo e operacional das redações pressupõe um conjunto de práticas que nem sempre garantem a viabilidade de

Thalita **NEVES**

determinada produção noticiosa. Ou seja, a imposição de certos valores-notícia dentro de uma redação dependerá também da compatibilidade com a estrutura de trabalho em questão. “Assim, os prazos de fechamento, os recursos de transporte, o quadro de pessoal, a existência de banco de dados, enfim, tudo isso potencializa ou não uma determinada organização na cobertura dos fatos.” (p. 46).

Uma vez dotados da potencialidade teórica e técnica para se tornarem notícias, os acontecimentos estariam ainda submetidos ao terceiro fator aqui em discussão: a seleção noticiosa. Atrelada ao conceito de *gatekeeper*, a seleção implica necessariamente a hierarquização dos fatos decorrente de vieses ideológicos e políticos de cada um dos integrantes da redação, sobretudo dos editores. É por isso que “organizações jornalísticas com linhas editoriais diferentes têm valores-notícia de referência diferentes” (SILVA *et al.*, 2014, p. 46), visto “que a formatação do conteúdo noticiosos resulta essencialmente do julgamento subjetivo dos próprios profissionais da área” (p. 26).

Esse raciocínio traz à discussão a questão ética que sustenta os fundamentos do jornalismo ancorados às noções de verdade, objetividade e isenção intrínsecas ao *newsmaking*. Isso porque, se por um lado as rotinas organizacionais e a hierarquização de funções na redação favorecem o processo fabril de produção noticiosa, por outro, revela os contrastes ideológicos e culturais presentes em toda a cadeia produtiva – direção, edição e reportagem –constituindo, assim, uma espécie de cabo de guerra que tende a arrebentar do lado mais fraco: o dos repórteres, já que, na maioria das vezes, são eles que cedem às exigências editoriais da empresa sob pena de perder o emprego.

Tal relação é ainda mais conflituosa considerando-se a editoria esportiva, onde aspectos subjetivos como paixão, emoção e preferências estão constantemente rondando o fazer-notícia. Interessante ressaltar que uma perspectiva semelhante se dá nas editoras de política e de economia, áreas em que interesses vitais das empresas jornalísticas estão “em jogo” e nas quais o jornalista também precisa lidar com suas preferências rondando o seu cotidiano profissional. Isso é o que Heródoto e Rangel chamam de “desafio da paixão”, na obra *Manual do Jornalismo Esportivo*, onde afirmam que o jornalismo é para ser realizado com paixão. “Porém não pode exceder aos limites éticos da profissão. Seres humanos não são exatos como relógios de quartzo, mas nada justifica que o entusiasmo e a alegria se transformem em manipulação e distorção.” (BARBEIRO & RANGEL, 2006, p. 122).

É no cabo de guerra do desafio da paixão e em meio às inconveniências do processo produtivo, que o jornalista esportivo procura se ajustar, sobretudo o repórter, considerando-se seu papel de protagonista do *newsmaking*, cabendo a ele estabelecer seu ponto de equilíbrio narrativo na linha tênue que coloca, de um lado, os aspectos mercadológicos, organizacionais e ideológicos intrínsecos às rotinas produtivas e à subjetividade do próprio jornalista em si e, do outro, a ética da profissão e os fundamentos que regem o jornalismo enquanto prática social.

Valores-notícia predominantes na cobertura futebolística

Antes de adentrar a discussão sobre valores-notícia no jornalismo esportivo, é interessante ponderar mais algumas questões pertinentes à relação entre a editoria esportiva e os fundamentos jornalísticos. Acredita-se que, como os jornalistas esportivos estão mais sujeitos aos julgamentos de parcialidade – devido ao teor subjetivo dos cadernos de esporte – permeia nos profissionais da área a necessidade de reforçarem que seu trabalho é

Thalita **NEVES**

realizado em conformidade com os fundamentos da profissão, como a constante busca pela verdade, objetividade e isenção no fazer-notícia.

Ao se ancorar nesses conceitos, a intenção do jornalista é balizar seu trabalho e proteger-se das eventuais críticas da audiência, isentando de culpa o profissional que, mesmo de maneira involuntária, acaba se envolvendo sentimentalmente com a cobertura, visto que o evento, por si só, já carrega um misto de paixão e emoção intrínseco ao universo dos esportes. Embora tais fundamentos por vezes sejam tratados como grandezas absolutas nos manuais de redação, cabe relativizá-los, ainda que tal debate não seja o foco deste estudo. No entanto, relativizar o caráter romântico dos fundamentos da profissão não significa negligenciar os rigorosos métodos e técnicas de produção noticiosa, mesmo que isso às vezes seja desafiador para o jornalista esportivo.

A cobertura alegre, descontraída, animada não deveria nunca se confundir com programa humorístico. É um trabalho que é sério sem ser sisudo e respeita as regras do jornalismo como a acurácia. Não se faz sensacionalismo usando notícias inverídicas, sem nenhuma confirmação, fruto apenas de especulação para construir falsos debates e eletrizar os torcedores. A busca constante da isenção põe o jornalismo e teatro em campos opostos, ainda que ambos sejam importantes para a sociedade em seus respectivos espaços. A emoção humana é tratada por cada um deles de forma diferente, um divulga os dramas e as alegrias humanas, o outro as representa. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 94).

Conforme assinalam Barbeiro e Rangel, é justamente pelo fato de o esporte ser visto como diversão e entretenimento para a maioria dos brasileiros, que é praticamente impossível relatá-lo com o nível de formalidade característico de outras editorias, até porque “a descontração, o bom humor, o sorriso não afrontam a credibilidade nem a seriedade do trabalho. É preciso ser isento, ético, exato, mas não carrancudo.” (2006, p. 77). Inclusive, na última década, essa vertente do jornalismo esportivo como entretenimento – *INFOTenimento* (DEJAVITE, 2006) – ganhou destaque no

NOTICIABILIDADE, VALOR-NOTÍCIA E SELEÇÃO NOTICIOSA

ambiente acadêmico. No contexto deste artigo, chamou atenção justamente a sistematização de valores-notícia feita por Silva (2005), que coloca o esporte como assunto de potencial noticioso enquanto “entretenimento/curiosidade”, categoria esta que, segundo a autora, engloba também temáticas voltadas para o divertimento, comemorações e aventuras, conforme aponta a tabela seguinte (tabela 1):

Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados	
IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas envolvidas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	PROEMINENCIA Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
CONFLITO Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação	ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura Divertimento Esporte Comemoração
POLEMICA Controvérsia Escândalo	CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
RARIDADE Incomum Original Inusitado	PROXIMIDADE Geográfica Cultural
SURPRESA Inesperado	GOVERNO Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe Acidente Risco de morte e Morte Violência/Crime Suspense Emoção Interesse Humano	JUSTIÇA Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Tabela 1. Fonte: SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e mídia, v.2, n.1. Florianópolis: Insular, 2005, p. 95-106.

Thalita **NEVES**

Embora Silva (2005) insira a temática esportiva dentro da categoria de entretenimento, aqui o esporte é visto sob outra ótica, como um assunto repleto de potencialidades noticiosas que, em alto grau, justificam a existência de uma editoria específica para o gênero – editoria esta que perdura há quase um século desde sua consolidação na imprensa brasileira, no contexto de popularização e consequente profissionalização do futebol. Mas, se por um lado, o esporte estabeleceu-se como editoria permanente e de destaque nos principais veículos brasileiros, por outro, foi relegado a uma visão estigmatizada que, embora em menor escala, ainda perdura, caracterizando a atividade como uma área de menor prestígio quando comparada às demais coberturas, fato este que, mesmo passível de contestação, talvez tenha justificado a categorização proposta pela autora.

O que se pretende nesta discussão é tomar a temática esportiva como segmento dotado de potencialidades noticiosas próprias, sobre o qual os valores-notícia clássicos sistematizados por Silva atuam de maneira análoga às editorias mais universais. Para ilustrar esse raciocínio, estabeleceu-se a seguir uma correlação entre os doze VNs clássicos apontados na tabela da autora e o modo como, por exemplo, eles poderiam atestar a noticiabilidade dos acontecimentos em uma cobertura futebolística:

- **VN impacto:** número de pagantes nos estádios e, sobretudo, número de torcedores que acompanham o dia a dia dos clubes;
- **VN proeminência:** personagens do jogo;
- **VN conflito:** rivalidades clubísticas;
- **VN entretenimento/curiosidade:** bastidores da partida;
- **VN conhecimento/cultura:** esporte como prática educativa e cidadã;
- **VN polêmica:** escândalos dentro ou fora de campo;
- **VN raridade:** situação inusitada dentro ou fora de campo;

- **VN proximidade:** abrangência dos campeonatos (local, estadual, nacional etc.);
- **VN surpresa:** placares inesperados;
- **VN governo:** administração dos clubes;
- **VN tragédia/drama:** situação dos clubes das últimas posições da tabela;
- **VN justiça:** decisões contratuais envolvendo contratações de atletas.

Importante ressaltar que os valores-notícia aqui elencados não são independentes e, na maioria das vezes, devem ser compreendidos de forma conjunta, pois dizem respeito a uma série de inter-relações possíveis entre os acontecimentos do universo esportivo ou de qualquer outra editoria em questão. Em muitos casos, inclusive, é a complementaridade de tais fatores o que torna noticiáveis certos acontecimentos, além é claro, dos critérios organizacionais que já foram apontados no tópico anterior.

As diferentes dimensões dos valores-notícia na cobertura futebolística

Os valores-notícia (VNs) clássicos do jornalismo como um todo – tragédia, proeminência, governo, conflito etc. – podem adquirir outras dimensões em se tratando do caderno esportivo, a exemplo do VN governo associado à administração dos clubes. É interessante ilustrar essa perspectiva a partir de um exemplo midiático que mostre como os VNs aqui correlacionados à editora esportiva se inter-relacionam na cobertura do futebol. Para tanto, tomou-se para essa breve análise a edição do programa *Globo Esporte/GE* (Rio Grande do Sul) veiculada em 10 de dezembro de

Thalita **NEVES**

2021ⁱ, um dia após o encerramento do principal campeonato de futebol do Brasil, o Campeonato Brasileiro (“Brasileirão”).

A escolha do *GE* para ilustrar a discussão se deve ao fato de ser um programa pertencente ao *Grupo Globo*, maior conglomerado de mídia do país. Quanto à data da veiculação, optou-se pelo dia seguinte à última rodada do campeonato porque trata-se de um acontecimento de grande noticiabilidade por si só. A opção pelo *Globo Esporte Rio Grande do Sul*, exibido pela afiliada *RBS (Rede Brasil Sul de Televisão)*, se justifica porque a disputa hegemônica da rodada final do “Brasileirão” estava sendo protagonizada por um clube gaúcho, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, que enfrentaria o Clube Atlético Mineiro – campeão do torneio na rodada anterior – na tentativa de conter o terceiro rebaixamento para a Série B em sua história secular. O rival Sport Club Internacional, por sua vez, disputava uma vaga na Copa Libertadores da América, ainda que com chances remotas de conquista: além de vencer o confronto contra o Red Bull Bragantino, o clube colorado teria que contar com a derrota de quatro rivais diretos na rodada.

O referido programa, apresentado pela jornalista Alice Bastos – com comentários do jornalista Maurício Saraiva – totalizou 26 minutos de exibição, divididos em três blocos. A principal pauta foi a queda do Grêmio para a Série B do Campeonato Brasileiro. Apesar da vitória por 4 x 3, o clube não conseguiu escapar do rebaixamento devido à combinação de resultados desfavoráveis em outras partidas da rodada. Os demais assuntos pautados nesta edição foram a permanência do Esporte Clube Juventude na Série A, a ausência do Inter na zona de classificação para a Libertadores, o drama da torcida tricolor pela queda do Grêmio e a festa do rival colorado pelo mesmo motivo. Com base na analogia proposta no tópico anterior deste artigo, os valores-notícia que se inter-relacionam nesta edição do *GE* podem ser assim associados:

- **VN impacto:** os mais de 30 mil torcedores gremistas que foram ao estádio e os outros milhões que se decepcionaram com a queda do clube;
- **VN proeminência:** personagens do jogo, das arquibancadas e dos bastidores políticos da queda do Grêmio, assim como o destaque dado ao jogador que fez o gol que manteve o Juventude na Série A;
- **VN conflito:** a festa do Inter pela queda do rival, com torcedores colorados comemorando nas ruas de Porto Alegre;
- **VN curiosidade:** bastidores da partida, como o fato de o Grêmio ter passado 37 rodadas (das 38 do campeonato) na zona de rebaixamento e ainda assim ter chegado com chances de escapar na última rodada;
- **VN polêmica:** acusações dos dirigentes gremistas contra supostos erros de arbitragem ao longo do campeonato, os quais teriam culminado na queda do Grêmio;
- **VN raridade:** aspectos inusitados, como o fato de ser a terceira vez que o Grêmio foi rebaixado em sua história;
- **VN surpresa:** o placar do jogo, pouco comum no universo futebolístico (4 x 3), assim como a permanência do Juventude na Série A, mesmo com uma considerável chance matemática de queda;
- **VN governo:** possíveis falhas na administração do Grêmio, que teriam levado o clube ao seu terceiro rebaixamento;
- **VN tragédia/drama:** situação do Grêmio defendendo a permanência na Série A sem depender apenas de si próprio, já que precisava contar com uma combinação de resultados de outros jogos da rodada para não cair.

Thalita **NEVES**

Os VNs **impacto, proeminência, governo e tragédia/drama** aparecem já no primeiro bloco do programa, cuja reportagem de abertura (de 6min35s de duração) é introduzida pela seguinte fala da apresentadora:

Cai o time. Não cai o clube. Cai uma campanha. Não cai a história. Caem jogadores, dirigentes. Não cai o torcedor. A torcida do Grêmio vai estar com o Grêmio na Série B. E provou isso ontem, no êxtase, na esperança e na enorme frustração de serem rebaixados pela terceira vez. O elenco de grandes nomes, a folha salarial milionária (e em dia), a expectativa de brigar pelo título brasileiro terminam com a pergunta: o que aconteceu com o Grêmio em 2021? Esses, mais de 30 mil, e os outros milhões de torcedores tricolores merecem essa resposta. O Grêmio caiu. A torcida ficou de pé. (BASTOS, 2021, s/p.).

Na reportagem em si, do jornalista Leonardo Müller, o **VN proeminência dos envolvidos** fica evidente na narração do off que diz: “Numa história de superação, reviravoltas e até em momentos inacreditáveis é possível acreditar em heróis. Diego Souza se candidatou a essa vaga logo aos seis minutos” (MÜLLER, 2021a, s/p.), fazendo alusão ao gol que, naquele momento, livrava o Grêmio do rebaixamento. O **VN proeminência**, junto do **VN governo**, também predomina quando a reportagem dá voz aos dirigentes gremistas Romildo Bolzan Júnior e Dênis Abrahão, bem como ao técnico Vagner Mancini, que falaram em coletiva após a partida, explicando as possíveis razões que levaram à queda do clube. Outras partes dos depoimentos dos dirigentes (presidente e vice) continuaram a ser exibidas após o encerramento da reportagem, agora no estúdio com comentários do jornalista Maurício Saraiva. Nesse momento, ganha destaque também o **VN polêmica**, evidente no depoimento do vice Abrahão, que atribui a queda do Grêmio a erros de arbitragem cometidos ao longo do campeonato.

Enquanto o primeiro bloco do programa é quase inteiramente pautado pelo rebaixamento do Grêmio, a chamada para o segundo bloco já evidencia o **VN surpresa** que embasa a matéria que virá a seguir, sobre a permanência do Juventude na Série A, fato abordado pela jornalista Alice Bastos com expressiva admiração, descrevendo o feito como “incrível e emocionante”. Na volta do intervalo, além da pauta do Juventude, a jornalista destaca em uma nota coberta a festa da torcida colorada em Porto Alegre pela queda do maior rival. O **VN conflito/rivalidade** é o destaque da nota, sobressaindo-se sobre o fato de o Inter ter perdido sua última partida no campeonato e ficado apenas com a vaga na Copa Sul-Americana:

Vamos combinar que certo mesmo é que os colorados ontem estavam preocupados era com o Grêmio, gente! Dá só uma olhada nessas imagens. A gente foi pras ruas de Porto Alegre à noite e encontramos esse cenário. Assim que foi confirmada a queda gremista, muitos torcedores do Inter foram pras ruas, pras avenidas da capital, fizeram buzinaço, olha ali o “B” grandão, teve até um enterro simbólico ali do Grêmio, muita festa dos colorados, faz parte da nossa rivalidade! (BASTOS, 2021, s/p.).

Enquanto no segundo bloco as pautas principais abordam o feito heroico do Juventude e o encerramento morno de temporada do Inter, no terceiro e último bloco do programa o rebaixamento do Grêmio assume novamente o protagonismo, em reportagem na qual predominam os VNs **impacto** e **tragédia/drama**, abordando os momentos que foram da euforia à frustração na arquibancada gremista, “numa arena cheia de torcedores que decidiram acreditar até o fim” (BASTOS, 2021, s/p.). É com essa segunda reportagem sobre a queda do Grêmio – novamente assinada pelo jornalista Leonardo Müller e com 5min53s de duração – que o programa se encerra.

Afinal, depois de 186 dias, 26 semanas, mais de 4 mil horas dentro do Z4, em 90 minutos tudo ainda podia mudar. Vencer o Galo era um fator imprescindível na matemática. E o que aconteceu em vinte minutos foi mais que suficiente para acabar com a primeira missão da noite. Mas era impossível olhar só pra onde os olhos enxergavam. O milagre não dependia só do que rolava na Arena.

Thalita **NEVES**

[...] Decretado apenas nos minutos finais do Brasileirão, pela primeira vez em 118 anos de história, o Grêmio foi rebaixado dentro da sua casa. (MÜLLER, 2021b, s/p.).

A rivalidade clubística como valor-notícia potencial

Na obra *Crêterios de noticiabilidade* (2014), Silva *et al.* sugerem uma nova problemática envolvendo a atuação conjunta dos doze VNs principais: o modo como eles se relacionam na concepção do produto noticioso final. Os autores apontam ainda para uma distinção entre valores-notícia “de referência” e valores-notícia “potenciais”. Os primeiros seriam aqueles efetivamente em vigor no fazer-jornalístico de uma instituição específica, enquanto os “potenciais” seriam “aqueles para os quais possa haver uma demanda, mas que ainda não foram efetivamente incorporados às políticas editoriais” (SILVA *et al.*, 2014, p. 39). Cabe salientar que o termo “potencial” utilizado neste tópico não se refere à distinção proposta por tais autores, mas, sim, à possibilidade de determinado VN se sobressair em relação a outros na produção noticiosa.

Pressupõe-se neste artigo que os valores-notícia mais recorrentes e com maior potencialidade de inter-relação no jornalismo esportivo são os seguintes: impacto; proeminência; tragédia; conflito; governo; polêmica; surpresa. Decerto, para corroborar tal perspectiva seria necessária uma análise empírica mais vasta e abrangente. Nos limites deste estudo, priorizou-se um deles como foco da discussão, o valor-notícia conflito. Acredita-se que esse VN, aqui associado às rivalidades estabelecidas entre clubes futebolísticos, é preponderante na cobertura de futebol considerando-se o viés sociológico desse esporte, defendido por pesquisadores como Helal (1997) e Damo (2002).

Na percepção desses autores, os estádios podem ser vistos para muito além de seus limites arquitetônicos, abrangendo aspectos da subjetividade humana relacionados às experiências vividas no local. “É como se o ritual do futebol dramatizasse os ‘segredos’, ‘medos’ e ‘desejos’ da sociedade brasileira” (HELAL, 1997, p. 31), enquanto fenômeno social que possibilita quebrar hierarquias pré-estabelecidas e colocar indivíduos de diferentes classes, credos e ideologias em patamar de igualdade enquanto dividem a mesma arquibancada.

Isso fica ainda mais evidente nas rivalidades clubísticas, onde a diferenciação se dá apenas pela cor da camisa. Em dia de clássico estadual, por exemplo, o policiamento no entorno do estádio é reforçado, criando-se barreiras estratégicas para que os rivais não se cruzem pelo caminho. Sem falar que, sob a ótica de uma rivalidade polarizada, não basta torcer pela vitória do seu time, é preciso comemorar a derrocada do rival, qualquer que seja a dimensão da disputa. Essa perspectiva pode ser explicada pela natureza sociológica do conflito, abordada pelo sociólogo alemão Georg Simmel (1983), para quem toda relação conflituosa é, por si só, uma forma de sociação. Com base nesse raciocínio, é limitante enquadrar o esporte como assunto de valor-notícia associado apenas a entretenimento e curiosidade, como propôs Silva (2005).

Quanto à questão do valor-notícia rivalidade como um dos VNs de maior potencial noticioso na editoria esportiva, essa crença parte do pressuposto de que os conteúdos que abordam as rivalidades clubísticas brasileiras carregam discursos ideológico-sociais por trás das narrativas – discursos estes intrínsecos aos distintos contextos socioculturais de cada região do país, envolvendo questões históricas, identitárias, de memória, pertencimento, entre outras – o que enfatizaria o interesse do público diante de tais conteúdos. Por consequência, esse tipo de produto é também o mais contestado em termos de verdade, objetividade e credibilidade jornalísticas.

Verdade e credibilidade na editoria esportiva

Retoma-se o que foi proposto por Lisboa e Benetti (2016) sobre a credibilidade como um dos conceitos mais caros ao fazer-notícia. “A confiança no jornalismo, que pressupõe uma avaliação de credibilidade, se ampara, portanto, naquilo que é a razão de ser da prática: na sua finalidade e na sua competência especializada.” (LISBOA; BENETTI, 2016, p. 20). A discussão sobre valores-notícia interessa justamente porque a escolha dos VNs por parte das instituições jornalísticas precisa se justificar perante o público para evitar julgamentos de parcialidade quanto ao produto final, sobretudo no jornalismo esportivo, dotado de certa liberdade editorial devido aos aspectos subjetivos intrínsecos às coberturas. Silva *et al.* explicam essa relação entre credibilidade e valor-notícia:

O valor-notícia de referência carrega consigo, portanto, uma dupla determinação: (1) a necessidade de justificar-se e validar-se junto às expectativas da audiência; (2) a necessidade de operacionalização (eficiência) decorrente da capacidade organizacional instalada para efetivamente dar conta (eficácia) de um determinado conjunto de valores-notícia de referência. Ou seja, a organização precisa internamente desenvolver uma capacidade de aplicação dos valores-notícia de referência no seu trabalho, e ao mesmo tempo precisa ter a capacidade de justificar as suas próprias escolhas, até para que possa avaliar e reavaliar o próprio trabalho realizado, assim como permitir que os outros – a audiência e a sociedade, de modo geral – também a avaliem. (SILVA *et al.*, 2014, p. 46).

A tônica do jornalismo enquanto discurso também é assunto de debate em Lisboa & Benetti (2016), visto que “as escolhas discursivas, como

o recurso a fontes especializadas, a fotografia, os detalhamentos dos eventos etc., fazem parte de um conjunto de técnicas criadas para transformar o texto jornalístico em um relato crível de fatos da realidade” (LISBOA; BENETTI, 2016, p. 14). Nesse contexto, emerge também a discussão sobre verdade no jornalismo, considerando-se que a questão da veracidade vai além da expectativa da audiência quanto a determinado relato ser credível ou não.

Lisboa e Benetti associam o compromisso da verdade jornalística ao teor explicativo dos relatos, de modo que, quanto mais referências explicativas contiverem nas notícias, mais elas se justificariam enquanto verdades perante o público. Para as autoras, como o jornalismo não é da ordem das ciências exatas, a verdade a qual busca é sempre uma aproximação, de modo que “não há como fugir das interpretações, pois qualquer fato será mediado por uma. Assim, o problema não é a interpretação em si, mas a interpretação que não está justificada e que não é explicativa.” (LISBOA; BENETTI, 2016, p. 14).

Na cobertura futebolística, acredita-se que a noção de veracidade é ainda mais complexa, pois a verdade nesse tipo de cobertura pode ser tanto aquela absoluta e inquestionável – regulada pelo placar do jogo em si – como aquela que se relativiza diante do público – os bastidores da partida, os protagonistas e antagonistas em campo, os aplausos ou vaias da torcida etc. – ambas as quais cabe ao repórter investigar e transmitir a quem for de interesse. Novamente, é possível fazer um paralelo com a editoria política, a exemplo das coberturas das pautas de votação de propostas polêmicas. O jornalista esportivo Paulo Vinicius Coelho (2003, p. 22) ilustra bem o raciocínio ao dizer que “a noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo”. O ponto-chave, para o autor, é que geralmente tal cobertura exige mais do que noção da realidade, tendo em

Thalita **NEVES**

vista o embate ético que coloca em disputa a verdade dos fatos, a subjetividade do jornalista e a noticiabilidade do acontecimento esportivo, tal qual sugere Lopez (2005):

Como qualquer jornalista, o especialista em esportes deve ser condizente com o código ético e deontológico da profissão, através do qual sua imparcialidade é reconhecida. Pela grande dimensão que seus comentários alcançam, ele é obrigado a se responsabilizar quanto à verdade do que está divulgando, independentemente da carga subjetiva que possa carregar. (LOPEZ, 2005, p. 45, tradução livre).

Considerações finais

Nesta discussão que correlacionou os conceitos de noticiabilidade, valor-notícia e seleção noticiosa às especificidades da editoria esportiva, emergiram algumas conclusões pertinentes aos estudos da área, como os valores-notícia com potencial de recorrência no jornalismo esportivo – mais especificamente na cobertura futebolística – e o modo como eles se justificam (ou não) perante o público, trazendo para o debate as noções de verdade e credibilidade atreladas ao fazer-notícia. Conforme afirmam Lisboa e Benetti, “a oferta de informações está motivada pela expectativa da audiência, que gera os valores-notícia. Se a oferta não for compatível com as expectativas dos receptores, o vínculo que une produtores e audiência não se sustenta.” (2016, p. 42-43).

Quanto aos valores-notícia predominantes na editoria, é possível inferir que alguns tendem a ser mais recorrentes e ter maior possibilidade de inter-relação nos conteúdos noticiosos, como impacto; proeminência; tragédia; conflito; governo – a exemplo do que foi ilustrado pela edição do

programa *Globo Esporte RS* do dia 10 de dezembro de 2021. Entretanto, vale ressaltar que esses pressupostos demandariam análises empíricas mais vastas para se sustentarem de forma robusta.

Com base na perspectiva sociológica do futebol, pressupõe-se ainda o valor-notícia conflito, ilustrado pelas rivalidades clubísticas, como um dos VNs de maior potencial na cobertura esportiva – esse VN inclusive é destaque no referido exemplo do *GE*, onde a noticiabilidade da “zombaria” da torcida colorada pelo rebaixamento do rival se sobrepõe à pauta do próprio jogo do Inter em si. Além disso, os conteúdos com VN conflito tenderiam a ser também os mais questionados em termos de verdade, objetividade e credibilidade jornalísticas. Esse raciocínio se justifica ao se pensar os discursos ideológico-sociais que há por trás das rivalidades clubísticas, como as questões identitárias e de pertencimento, junto do caráter editorialmente mais livre de um caderno que envolve aspectos subjetivos no trato da notícia, como paixão, emoção e preferências.

Por fim, acredita-se que reside nessas perspectivas o maior desafio da profissão do jornalista esportivo que, ancorado aos fundamentos canônicos da profissão – como a constante busca pela verdade, equilíbrio e isenção no trato noticioso – sobrevive de apurar informações inéditas e condizentes com o interesse público, construindo histórias bem encadeadas e, por consequência, atraentes e credíveis. Mas que, acima de tudo, ofereçam subsídios para estimular o pensamento crítico, o debate e a reflexão, justificando porque é limitante enquadrar a temática esportiva como mero entretenimento ou curiosidade. Afinal, como bem assinala Coelho (2003, p. 115), “a única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte”.

REFERÊNCIAS

Thalita **NEVES**

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASTOS, Alice. Globo Esporte. **Rede Brasil Sul**, Rio Grande do Sul, 10 dez. 2021. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/10118061/programa/?s=0s>. Acesso em: 15 dez. 2021.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo. Contexto, 2003.

DAMO, Arlei. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

DEJAVITE, Fábila Angélica. **INFOtenimento: Informação + Entretenimento no Jornalismo**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2006.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LISBOA, Silvia e BENETTI, Marcia. **O jornalismo como crença verdadeira justificada**. Brazilian Journalism Research. v. 11, n. 2, p. 10-29, 2016.

LOPEZ, Antonio Alcoba. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.

MÜLLER, Leonardo. O milagre não aconteceu: Grêmio é rebaixado pela terceira vez para a Série B. Globo Esporte, **Rede Brasil Sul**, Rio Grande do Sul, 10 dez. 2021a. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/10118061/programa/?s=0s>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MÜLLER, Leonardo. Sofrimento, fé e frustração: torcida do Grêmio dá exemplo de amor ao clube. Globo Esporte, **Rede Brasil Sul**, Rio Grande do Sul, 10 dez. 2021b. Disponível em:

<https://globoplay.globo.com/v/10118061/programa/?s=0s>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e mídia, v.2, n.1. Florianópolis: Insular, 2005, p. 95-106.

SILVA, Gislene. SILVA, Marcos Paulo da, FERNANDES, Mario Luiz (org.).

Crítérios de noticiabilidade. Problemas conceituais e aplicações.

Florianópolis: Insular, 2014.

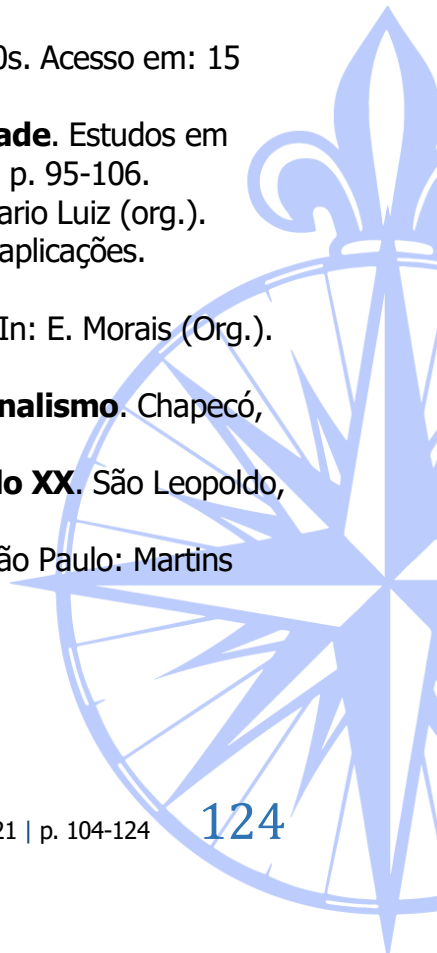
SIMMEL, Georg. **A natureza sociológica do conflito**. In: E. Morais (Org.).

Simmel: sociologia. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó, SC: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.



ENTRE A FORMA E A TÉCNICA: elementos do Jornalismo Literário no livro “O nascimento de Joicy” BETWEEN FORM AND TECHNIQUE: elements of Literary Journalism in the book “O Nascimento de Joicy”

Luiz Felipe ZAGO¹

Universidade de São Paulo | Brasil

Diandra Genesini TAVARES²

Universidade Luterana do Brasil | Brasil

Resumo

O artigo busca compreender como os elementos do Jornalismo Literário possibilitam a afirmação de uma forma de escrita a partir da inserção das perspectivas autorais do repórter. Para isto, são analisados trechos do livro “O nascimento de Joicy”, publicado em 2015, pela jornalista Fabiana Moraes. A partir do segundo capítulo do livro, analisam-se dois aspectos: a inserção do corpo da repórter e a sua relação com a fonte. Análises indicam a afirmação de um texto autoral por meio da recusa da objetividade, assumindo a subjetividade como elemento constituinte da forma e da técnica jornalísticas.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Subjetividade; Corpo; Fonte; Autoria.

Abstract

The article seeks to understand how the elements of Literary Journalism enable the affirmation of a form of writing from the insertion of the reporter's author's perspectives. For this purpose, excerpts from the book “The birth of Joicy”, published in 2015, by journalist Fabiana Moraes will be analyzed. On the second chapter of the book, two aspects are analyzed: the insertion of the reporter's body and her the relation with the source. Analysis indicate the affirmation of a authorial text through the refusal of objectivity, assuming subjectivity as a constituting element of the journalistic form and technique.

Keywords

Literary journalism; Subjectivity; Body; Source; Authorship.

RECEBIDO EM 21 DE JULHO DE 2020
ACEITO EM 10 DE DEZEMBRO DE 2021

¹ JORNALISTA. Mestre e Doutor em Educação. Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisador na Universidade de São Paulo. Contato: professorluizfelipezago@gmail.com.

² Bacharel em Comunicação Social (Jornalismo). Contato: diandratavares@rede.ulbra.br.

Introdução

Percebe-se a importância da realização de investigações no âmbito da Comunicação Social que busquem compreender o exercício do Jornalismo Literário (MARTINEZ, 2017; 2020) não para encontrar uma definição consensual, mas para explorar suas possibilidades. Edvaldo Pereira Lima (2016) sugere que este gênero jornalístico engloba aspectos pertencentes ao jornalismo, entendido como a “atividade de comunicação de massa desenvolvida pela civilização contemporânea para, em tese, levantar, investigar, apurar e contar ocorrências sociais” (LIMA, 2016, p.6). Este tipo de reportagem caracteriza-se por romper com a estrutura do lead, que segundo Pena é “o relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, respondendo às perguntas básicas do leitor: o quê, quem, como, onde, quando e por quê” (PENA, 2005, p.42). De acordo com o autor, este recurso textual pode ser compreendido como “uma estratégia narrativa inventada por jornalistas norte-americanos no começo do século XX, com o intuito de conferir objetividade à imprensa” (PENA, 2006, p.14). Os textos apresentam descrições de cenários, transcrições de diálogos e outros elementos narrativos, que ocasionam relatos jornalísticos mais aprofundados e aproximam o leitor dos fatos descritos. Mais que isso: o lugar do/a autor/a como autor/a de uma escrita assume preponderância (VEIGA DA SILVA; MORAES, 2019).

Por essa razão a obra “O nascimento de Joicy”, da jornalista Fabiana Moraes, torna-se interessante para pensar as potencialidades do Jornalismo Literário em propor discussões sociais, a partir de técnicas de escrita específicas. O livro é intitulado com o mesmo nome de uma reportagem, publicada em 2011 no Jornal do Commercio, que narra sobre a trajetória da transexual Joicy Melo da Silva diante da sua cirurgia de redesignação sexual. O livro, publicado em 2015, pela editora Arquipélago, é dividido em três capítulos. No primeiro, a autora apresenta o texto veiculado no jornal. No

segundo, Moraes descreve em primeira pessoa, os desafios, aprendizados e emoções experienciados para contar a história de Joicy, durante um processo de elaboração da reportagem de seis meses. Já no terceiro capítulo, a jornalista expõe suas considerações sobre a prática de um jornalismo de subjetividade.

Este artigo se orienta pela pergunta: De que forma os elementos narrativos do Jornalismo Literário em “O nascimento de Joicy” propiciam pensar sobre as possibilidades de escrita jornalística a partir do lugar subjetivo da própria repórter? Os objetivos são investigar pontos de tensão no relato do livro acerca da experiência do corpo da repórter e da relação com a fonte (Joicy). Os relatos do segundo capítulo da obra tornam-se interessantes para pensarmos as possibilidades de escrita autoral do repórter a partir de trechos do livro. Esta parte da obra, intitulada como “Aproximações e Distanciamentos”, apresenta uma narrativa em primeira pessoa sob o ponto de vista da jornalista sobre os desafios enfrentados por ela durante e após a publicação da reportagem. É precisamente nessa parte do livro na qual Fabiana Moraes aparece como personagem implicada na experiência da relação com a fonte, Joicy. Como argumenta Márcio Serelle (2016, p. 4), esse capítulo explicita dois aspectos relevantes, que são parte da justificativa da sua escolha para este artigo: “a reivindicação pela ultrapassagem do que Moraes denomina círculo ou rede técnica do jornalismo (...) e o reconhecimento das falhas e dos limites da reportagem”.

O Jornalismo Literário

O Jornalismo Literário impacta o modo de produção jornalística tradicional ao compor elementos do texto ficcional com o texto noticioso. Esta forma de escrita propõe maneiras de reflexão em relação às construções narrativas tradicionais do jornalismo, mostrando que é possível produzir textos que se apropriem de elementos da escrita literária, anteriormente restritos apenas à produção ficcional, enquanto as reportagens eram consideradas como textos verdadeiros devido ao modo de escrita objetivo. Nesse sentido,

uma das principais características do Jornalismo Literário é a possibilidade de contar uma boa história, segundo Monica Martinez (2009, p. 72).

Como toda boa narrativa, o JL presta muito mais atenção do que o jornalismo tradicional ao uso da oralidade, ou seja, à forma com que as pessoas expressam seus pensamentos, sentimentos e suas ações, enfim, sua forma de ver e de se relacionar com o mundo.

Além dessa, outras marcas também constituem os textos que se reivindicam como pertencentes ao campo do Jornalismo Literário. Martinez (2009, p. 80—82), apoiada em Mark Kramer, destaca oito características desse gênero. Aqui, apontamos a relação ética do/a autor/a com o/a leitor/a e com fonte (precisamente uma das categorias de análise deste artigo); a escrita sobre personagens e assuntos rotineiros, quase invisíveis; a voz autoral e o estilo do texto, que permite a expressão da pessoa integral do/a jornalista; a criação de sentidos por meio do uso de símbolos e metáforas na escrita.

Tais características divergem do texto noticioso tradicional. A escrita objetiva, marca consolidada da técnica de escrita dos jornalistas, busca por meio de seus elementos textuais fazer com que o autor não se insira como um personagem da narrativa, de forma com que ele pareça apenas um observador neutro dos fatos descritos. Segundo Sato (2002, p.31, apud MAGNO, 2014, p.83), “o apagamento das marcas do sujeito tem como resultado o efeito de objetividade, pois o peso dado ao referente externo cria a ilusão de sua autonomia, de uma existência independente da linguagem”. Já Traquina (2005) interpreta a questão da objetividade não como uma forma de negar a subjetividade no texto jornalístico, mas como uma série de procedimentos, adotados na produção das reportagens pelos jornalistas, voltados a evitar possíveis críticas, principalmente em relação à abordagem e veracidade dos fatos retratados. Nesse sentido, a objetividade do texto jornalístico seria mais uma estratégia de defesa, menos uma técnica textual; mais uma política corporativa do que uma ética de autoria.

No entanto, a forma textual do Jornalismo Literário implica em uma descrição mais detalhada de aspectos psicológicos, sociais e políticos da realidade e personagens retratados, o que também possibilita que o repórter se coloque como personagem da narrativa para contextualizar os leitores sobre o modo de vida dos entrevistados. Explorar as ambiguidades e profundidades psíquicas de um personagem por meio de técnicas de fluxo de consciência para apresentar as emoções e interpretações acerca da realidade de um sujeito descrito, assim como do contexto de vida experienciado por ele, significa potencializar a maneira de narrar os acontecimentos das reportagens (NEVEU, 2016; MARTINEZ, 2020). Mesmo que traga o adjetivo “literário”, esse gênero jornalístico exige a “apuração criteriosa de um fato” (MARTINEZ, 2017, p. 29); isto é, não se admitem aqui criações ou invenções. Mas o fato que exige uma apuração criteriosa é uma história de vida que possibilita ao jornalista autor “o potencial de ampliar a tentativa de compreensão sobre si mesmo e sobre o outro, num notável exercício de alteridade que se estende à relação com a comunidade e/ou sociedade na qual ambos se inserem” (p. 31).

A repórter como autora

No capítulo “Aproximações e distanciamentos”, da obra “O nascimento de Joicy”, a jornalista Fabiana Moraes explora os aspectos textuais do Jornalismo Literário no aprofundamento das descrições espaciais e das características dos personagens, pelo adensamento psicológico de uma narração em primeira pessoa, que aproxima o leitor dos acontecimentos relatados acerca da história da fonte.

Ao mesmo tempo em que narra, Moraes revela e reflete sobre os bastidores do processo de elaboração da reportagem. A colocação de um narrador que discute a própria escrita abre possibilidade para uma reflexão sobre o exercício do jornalismo, podendo ser interpretada a partir da perspectiva de “reportagem auto-reflexiva” defendida por Serelle (2018), na qual conceitua esta maneira de compor o relato para além do hibridismo entre

um texto informacional e narrativo. O relato imprime sua marca na possibilidade de, a partir de uma dinâmica entre os fatos e a autorreflexão de quem escreve, gerar discussões sobre a impossibilidade de capturar textualmente na totalidade a história da fonte. Segundo o autor, a narração em primeira pessoa “constrói e insere Moraes como personagem implicada na narrativa e adensa elementos de ambiguidade de Joicy, deixando à mostra o projeto e a dificuldade de uma reportagem que não deve incorporar o Outro” (SERELLE, 2018, p.4).

A jornalista expõe como marcas de gênero e classe relativas aos panoramas sociais da relação entre ela (mulher cisgênero e de classe média) e Joicy (mulher transgênero em um contexto de pobreza) se interpõem durante o período da reportagem. Os embates são gerados em um convívio mais longo e de maior proximidade com a entrevistada, o que rompe com o entendimento de uma postura isenta do jornalista diante da fonte. A autora recusa-se a ocultar as adversidades envolvidas no encontro com a alteridade e utiliza-se da voz narrativa para problematizar a crença de que o discurso jornalístico é resultante unicamente de observação não participante e neutra em relação à fonte, propondo um deslocamento da objetivação narrativa. O relato sobre os conflitos com Joicy configuram uma autoanálise dos aprendizados de sua prática profissional, incorporados para justificar as decisões de escrita por meio da auto-narração. Assim, assegura a veracidade das informações e as escolhas de escrita pelo detalhamento do processo de apuração e da reivindicação de uma postura profissional na qual permite ser afetada pelo encontro com o outro.

O relato desse segundo capítulo reabre a leitura da reportagem. Ele é marcado por dois aspectos importantes, no que diz respeito à auto reflexividade [...]. O primeiro aspecto é acompanhado da afirmação de Moraes de que O nascimento de Joicy, produto e processo, provocou rachaduras nessa rede técnica, em grande parte, segundo a jornalista, pela escolha da protagonista “não canônica”, mas também pela relação estabelecida entre Moraes e Joicy, que, em diversos pontos, infringiu a distância imposta na profissão, espécie

de medida de proteção entre repórteres e personagens [...] (SERELLE, 2018, p.4-5).

A autora sugere uma reflexão sobre uma ética de seu próprio fazer e traz, por meio de sua inserção como personagem da obra, a proposição de um “jornalismo de subjetividade”, termo utilizado “não para fazer uma oposição ao objetivo, mas como forma de demarcar a importância do subjetivo, historicamente rechaçado no campo noticioso” (MORAES, 2019, p.207). Nesse sentido, a subjetividade não é entendida como a relativização do processo de apuração e da garantia da veracidade dos fatos em prol de uma narração internalizada. Este conhecimento reconhece a dimensão do sensível como meio de estar atento às complexidades sociais envolvidas na mediação do jornalista sobre as formas de vida das fontes. “Assim, orientar pautas, abordagens, escritas e enquadramentos com esses pressupostos não significa estar com os sentidos embotados pela emoção: ao contrário, significa estar guiado por critérios dados no mundo sensível” (MORAES, 2019, p. 209). Na mesma direção, ao interpretar a Teoria da Subjetividade, proposta por González Rey (2012), Mendonça (2021, p.112) avalia que “sob essa perspectiva, não seria possível considerar a subjetividade de um espaço social desvinculada da subjetividade dos indivíduos e, do mesmo modo, não seria possível fazer o contrário”.

Veiga da Silva e Moraes (2019) entendem que uma epistemologia voltada à subjetividade propicia um maior entendimento de como o jornalismo pode contribuir para a manutenção e reprodução de desigualdades simbólicas relativas às questões sociais estruturantes como gênero, classe, raça, por exemplo. Desta forma, modos de escrita com o rompimento da neutralidade autoral do repórter podem auxiliar para, além de expressar como estas questões operam na vida das pessoas, também questionar a maneira com que uma escrita objetiva no jornalismo pode reproduzir estereótipos e manter modelos padronizados de enfoque em determinadas pautas.

É preciso dizer que a subjetividade sobre a qual nos referimos neste jornalismo se situa em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo, pelo machismo e pelo racismo); na procura de um olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na fissura de representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular e/ou exotificante (VEIGA DA SILVA; MORAES, 2019, p.14).

O investimento nas descrições psicológicas para trazer a complexidade à personalidade de Joicy e a exposição de que o enquadramento sobre a entrevistada estava direcionado a partir do ponto de vista da jornalista demonstram o reconhecimento da narrativa como meio de contrapor formas de exclusão em enfoques que refletem grupos sociais como “diferentes” de um ideal de normalidade vigente e midiaticamente propagado. Moraes (2019, p.214) destaca uma prática “que preza, como dito, pela semelhança, e não pela diferença (o eu, ‘normal’, o outro, ‘espetacular’), pode ser um caminho importante para fissurar essa prática estabilizada, na qual há a recusa a modos de existência não hegemônicos”.

Salvo (2019, p.71) avalia que “[...] a escrita de Moraes forneceu, em boa medida, a singularidade da personagem, desidentificando-a de padrões e categorias, nuançando sua existência única, que não autoriza generalizações”. A inserção de fragmentos sobre a rotina da personagem aliada ao aprofundamento das descrições emocionais mostra os contrastes da personalidade da entrevistada. Portanto, possibilitam uma discussão sobre formatos humanizadores de representação, que proporcionam ao leitor a oportunidade de sentir-se identificado com as características dos personagens expostos ao relato. A prática está de acordo com o que Veiga da Silva e Moraes (2019) definem como uma abordagem não respaldada em apreender o

espetacular, e sim aquilo que está oculto e que se destaca nos acontecimentos não extraordinários. Dessa maneira, Joicy não é posta na narrativa sobre uma ótica de distanciamento com quem lê sobre sua história.

Essa abordagem foi extremamente importante para a difusão da reportagem (e, mais tarde, do livro): ao empreender uma narrativa não espetacular, Joicy foi aproximada do cotidiano dos próprios leitores e leitoras, que viam nela desejos também seus: necessidade de amor, de conforto, companhia, respeito, cuidado (MORAES, 2019, p.215).

A autora demonstra utilizar da subjetividade como um mecanismo redutor de diferenças e insere o próprio corpo na narrativa para descrever sobre a entrevistada. No intuito de retratar os tensionamentos que Joicy gerava em concepções socialmente cristalizadas de feminino, Moraes repensa o lugar em que ela própria estava circunscrita como mulher cisgênero, realizando relatos de emoções, sensações físicas e inquietações que a observação sobre a fonte ocasiona. As perspectivas de valores da repórter e dos demais personagens sobre um modo de ser mulher não hegemônico experienciado por Joicy são colocadas no texto para gerar uma narrativa que complexifica e aprofunda as representações estáveis sobre gênero no jornalismo.

A jornalista poderia ter seguido o conselho do médico (por ela entrevistado) e escolhido alguma transexual “mais feminina”, como recorrentemente acontece, mas, utiliza-se desta provocação para o desvio, aprofundamento da reportagem e problematização sensível [...]. A reportagem se destaca quando, justamente, consegue refletir não só sobre o processo árduo e difícil de redesignação sexual de uma mulher trans, mas consegue nos incitar para a reflexão sobre o que é ser mulher? Afinal, o que nos torna mulher? Além disso, Moraes reconhece na reportagem esse “não lugar” de Joicy, que não pertence ao grupo das mulheres cis, tão pouco ao das mulheres trans (PILGER, 2019, p.153).

Portanto, entende-se que Moraes propõe um olhar reflexivo para a valorização da subjetividade no reconhecimento das estruturas sociais e singulares que se inscrevem entre repórter e fonte. Então, mostra a possibilidade de aprendizado neste encontro com alteridade a partir da descrição dos impasses e ruídos que o contato com uma realidade desconhecida trouxe para a produção da reportagem. Ao detalhar os embates

pelo tensionamento dos limites de proximidade na relação com a entrevistada, a autora explicita a razão das decisões técnicas de enquadramento de Joicy. Desta maneira, não impõe uma perspectiva sobre o Outro em uma narrativa hegemônica, optando por formular um texto mais interpretativo e que impulse discussões sobre o papel do jornalismo em buscar novos modelos de representação simbólica. Conforme Salvo (2019, p. 72) “ao incorporar as diferenças advindas do encontro de alteridades no espaço narrado (sem buscar apartá-las), o relato se torna mais aberto e polifônico [...]”.

O corpo da repórter

Os elementos narrativos do Jornalismo Literário possibilitam com que Moraes construa um relato híbrido entre texto não ficcional e narrativa literária onde firma sua voz autoral por meio de uma auto narração, na qual reflete como ocorreu a elaboração da reportagem e as implicações de uma convivência mais próxima e longa com a fonte. Logo, a descrição em primeira pessoa e a escolha por expor o processo produtivo pela inserção de percepções particulares que se mesclam com fatos da própria reportagem em si é utilizada como um recurso narrativo para validar a credibilidade dos dados apresentados no texto. O rompimento com a neutralidade torna-se um mecanismo para mostrar que o deslocamento de uma forma de objetivação descritiva não implica na consolidação de uma técnica de apuração ineficaz, no qual o repórter coloca suas opiniões, emoções e julgamentos de valores à frente dos fatos ocorridos, gerando um texto guiado pela emotividade. Elementos literários como a consolidação de um narrador participante, o adensamento psicológico, a transposição de diálogos, o investimento em descrições de cenário e físicas dos personagens e a valorização da exploração de ocorrências rotineiras auxiliam com que Moraes consolide uma ética de escrita justamente pelo rompimento da busca de uma escrita autoral isenta de personalidade, na

qual assegura a fidedignidade de suas descrições pela transparência em apresentar os bastidores da produção do relato.

A subjetividade das descrições é utilizada como meio de demonstrar o processo de imersão em outra realidade, num convívio mais longo com a fonte (característico das demandas de reportagens atreladas ao Jornalismo Literário). O desvio da escrita objetiva é potencializado pela presença do corpo da repórter na narrativa. Assim, é materializada no texto a figura de uma repórter-autora, que coloca percepções físicas e emocionais do que observa e vivencia. A exposição da experiência dos sentidos propicia um estilo de relato que aproxima o leitor da experiência jornalística e possibilita identificações com as descrições de acontecimentos não extraordinários e mais próximos da vida comum. Então, a admissão da emotividade e dos afetamentos sensoriais que a observação sobre Joicy gera na autora também são valorizados no texto como uma estratégia de apuração e justificativa da autenticidade do relato a partir da vivência da repórter. Por isso, as passagens acerca da vida cotidiana são importantes para que a jornalista também consiga firmar uma ética de autoria acerca das informações que serão lidas.

É por meio de um aprofundamento na ambientação dos cenários, do maior detalhamento das descrições sobre aspectos físicos e psicológicos da fonte, das descrições do acompanhamento da autora diante da rotina de trabalho, interações com a família e demais habitantes da cidade que a narrativa expressa o contexto social de na qual a personagem está inserida. Com isso, é gerado também um entendimento maior das dificuldades neste encontro da repórter com a realidade social de Joicy e a possibilidade de entendimento de que maneira as adversidades deste contato com um panorama de vida diferente reverberam no texto. Nas descrições sobre a casa de Joicy, são expressos os desconfortos físicos com o local, permitindo mais recursos para imaginar quais eram as condições de vida no lugar.

Ainda na sala minúscula, onde mal cabiam um sofá, uma cadeira de balanço e a sua Honda, estava também o salão de beleza e ganha-pão da ex-agricultora: um móvel desgastado em cuja prateleira repousavam os produtos e objetos do espaço que ela montou para sobreviver [...]. A sala separava-se da cozinha/banheiro por uma porta, que também mantinha quase afastado o odor do quintal, onde um esgoto corria a céu aberto (várias vezes, precisei sair da casa para respirar o ar lá de fora durante as entrevistas e as observações; nessas horas tinha cuidado para não constranger Joicy, justificando minha saída por causa do calor), (MORAES, 2015, p.99)³.

Moraes expressa a situação de discriminação e pobreza vivenciada pela transexual, o que pode propiciar um texto em que a partir do aprofundamento na investigação de uma história individual são refletidas questões que podem ser ampliadas para um debate mais abrangente. A narração em primeira pessoa auxilia na apresentação sobre a realidade da fonte, já que a autora cria contrastes entre as experiências de vida dela e da entrevistada, buscando por meio da descrição de aspectos físicos criar simbologias para as dificuldades vivenciadas por Joicy.

Nessa primeira visita, as unhas dos meus pés estavam pintadas de vermelho-tomate, enquanto as de Joicy apareciam pintadas de rosa-pitanga. Nossos pés aparecem juntos em um vídeo divulgado no site da reportagem. Nela, a cor contrastava dramaticamente com um ferimento no dedão direito, um corte abaixo disputado por várias moscas. Aquela imagem não saía da minha cabeça: era uma espécie de síntese da vida dura, com algumas pinceladas de sonho e cor da cabelereira (MORAES, 2015, p.98-99).

A escolha por uma personagem que esteja em uma condição de exclusão em relação a modelos hegemônicos de representação também é viabilizada. A autora busca fugir de um senso comum em sua escolha de abordagem. O investimento no adensamento psicológico de suas impressões sobre as características físicas e da personalidade da fonte amplificam o entendimento sobre a vivência da transexualidade experienciada por Joicy, distanciando a apresentação da personagem a partir de óticas exotificantes,

³ Os trechos do segundo capítulo do livro serão apresentados sem recuo, fonte 12, itálico e dentro de caixas de texto.

nas quais poderiam colocá-la sobre perspectivas unilaterais de vítima ou ressaltassem de maneira reprodutora de preconceitos uma ideia de existência separada a um modelo padronizado de normalidade. A autora descreve que a primeira vez que viu Joicy, na sala de espera de um hospital, não percebeu que ela era uma possível personagem para o seu relato jornalístico sobre a cirurgia de redesignação sexual. Com isto, retrata no texto que suas opiniões de valores já estavam presentes antes de iniciar a reportagem, de modo que abre uma reflexão sobre o próprio exercício do jornalismo, demonstrando que processos como escolha das fontes e das perspectivas que suas histórias serão retratadas pode estar permeado uma série de motivações pessoais dos repórteres, mesmo que a construção narrativa objetiva oculte estas visões.

Ao chegar, na manhã de uma segunda, ao Hospital de Clínicas, Zona Oeste do Recife, não percebi que ela, sentada com as pernas abertas em meio às outras transexuais de maneiras delicadas e de sandálias de dedo, era mais uma mulher não biológica à espera da redesignação sexual [...]. Depois de me ouvir e perguntar o nome de cada garota e não me dirigir a ela, Joicy levantou a mão. "Ei, moça. Eu sou a próxima daqui a fazer a cirurgia". Notei que suas colegas não ficaram muito à vontade, algo que eu descobriria, mais tarde, ter relação com o fato de Joicy não coadunar sua aparência com o feminino que elas valorizavam, sempre traduzido em brincos, maquiagem e cabelos longos (MORAES, 2015, p.94).

Portanto, a não objetificação da escrita faz com que Moraes exponha quais foram as razões que a fizeram escolher a personagem e de que maneira a observação sobre a entrevistada mobiliza a escrita das discussões apresentadas. É retratado que a aparência e personalidade de Joicy, por não corresponderem aos padrões de feminilidade do imaginário social, geravam o questionamento e invalidação constante de sua identidade de gênero. A autora mostra na sua forma de construção textual que os tensionamentos que a fonte traz em uma ideia padrão acerca do feminino a motivaram na construção da narrativa e na realização das reflexões expostas no texto, de modo que a repórter escolhe narrar sobre o corpo de Joicy para apresentar aos leitores reflexões sobre uma possibilidade de existência de tornar-se mulher diferente

de um seguimento dos padrões socialmente construídos. Assim, usa a intrusão dos próprios valores sobre a observação do Outro como um meio de tornar as discussões acerca das temáticas de gênero no jornalismo mais abrangentes.

Em vez de me desencorajar, o cirurgião terminou me instigando ainda mais: afinal pensei, o que exatamente nos transforma em mulheres? Brincos, batom, vestidos? Por que em Joicy o feminino era questionado ao não se associar aos elementos decorativos mais comuns relacionados às mulheres? Percebi, que além de todos os obstáculos pelos quais precisaria passar — a falta de dinheiro, a falta de respeito, a falta de amor —, ela ainda teria que provar ao mundo que, apesar da cabeça quase careca (problema que acomete também as mulheres biológicas) e das maneiras díspares do feminino socialmente construído, ela também, era, sim, uma mulher (MORAES, 2015, p.95-96).

A exposição dos questionamentos acerca de construções sociais vigentes de feminilidade sugere que a repórter coloca em discussão no texto o próprio corpo e as suas considerações de valores em relação a estes modelos pré-estabelecidos. A inserção das emoções, opiniões e sensações físicas na narrativa viabilizam com que retrate sobre a entrevistada a partir de sua percepção subjetiva. Então, estabelece um modelo de texto que permite o aparecimento da intromissão de suas visões de mundo, consolidadas a partir do contexto de vida que está circunscrita, no modo de escrever sobre a fonte. Desta maneira, a repórter busca não colocar suas perspectivas em uma hierarquia de superioridade e desvia de uma representação simbólica reprodutora de estereótipos do modo não hegemônico de ser mulher de Joicy. É pelo relato das inquietações e dúvidas causadas na observação que repensa suas concepções, geradas a partir da vivência em um corpo socialmente validado como feminino, e discorre como estas perspectivas particulares interferiram na maneira como inicialmente também não percebeu Joicy como uma mulher transexual. Assim, a não objetividade possibilita com que seja sugerida uma forma de escrita que exponha as transformações que o convívio com a fonte trouxe sobre a subjetividade da jornalista.

A relação da repórter com Joicy

Além de propiciarem uma forma narrativa que não apague a autoridade de quem escreve o relato, os elementos do Jornalismo Literário são utilizados por Moraes para apresentar uma escrita em que possa ser mostrada uma reconfiguração das relações de distanciamento entre repórter e fonte, sem que a credibilidade do texto jornalístico seja perdida com a apresentação de um autor inserido nas situações descritas. O capítulo da obra também exemplifica como as reportagens literárias possibilitam uma relação de maior proximidade entre jornalistas e entrevistados, devido à demanda de maior tempo de apuração e convivência. A autora admite executar uma série de interferências, as quais podem ser compreendidas como tentativas de auxílio à entrevistada. Apesar de apontar em seu texto uma relação com Joicy marcada pela proximidade, emprega da técnica literária para produzir um texto auto-reflexivo no qual narra os fatos ao mesmo tempo que propõe uma defesa do seu compromisso com o exercício da profissão e da veracidade das informações coletadas.

O investimento em construir um relato que situe o leitor no próprio processo produtivo, detalhando o trabalho de apuração envolvendo entrevistas com equipe médica, familiares e pessoas que conviviam fonte, somado ao investimento em narrar situações do cotidiano e descrever detalhadamente os bastidores da escrita de uma reportagem que levou em torno de seis meses para ser finalizada é realizado como uma forma de buscar assegurar a credibilidade das informações contidas neste texto não ficcional. Deste modo, propõe uma ética de escrita ao optar por expor o rompimento com a neutralidade e justificar suas decisões, permitindo uma narrativa que também contenha as falhas e incertezas que existem neste desvio de uma postura idealmente isenta, retratando também uma certa inalcançabilidade em constituir o relato de uma experiência jornalística unicamente a partir do olhar da fonte, de modo que os próprios valores subjetivos sejam ocultados. A

defesa de uma prática que valorize a dimensão da influência da subjetividade como participante de uma técnica de apuração elaborada e comprometida com a credibilidade informativa também é formulada a partir de uma ética de escrita na qual a repórter justifica a autenticidade do seu relato pela admissão dos conflitos e dificuldades que a quebra de um maior limite de distanciamento trouxe. Ao mesmo tempo em que reitera seu comprometimento com a verdade, evidencia não conseguir manter um distanciamento emocional e declara que se sente mobilizada a intervir na realidade em que observa. Quando se depara com o contexto de exclusão social e precárias condições de vida da entrevistada, narra ter realizado a compra de alimentos e higiene pessoal para a Joicy. Em outro momento, comenta ter emprestado dinheiro.

Eu poderia entender aquela fala como um pedido não muito direto por dinheiro, mas ao mesmo tempo, eu conhecia relativamente bem as dificuldades sobre as quais falava. Assim, dei algum dinheiro para a cabelereira no momento em que nos despedíamos, ela voltando para Perpétuo Socorro, eu voltando para a minha casa a fim de terminar sua história e minha tese (MORAES, 2015, p.128).

O texto retrata que a visão de Joicy sobre a repórter também impacta o modo como esta relação de maior proximidade foi configurada. A jornalista opta em descrever suas dificuldades para estabelecer um distanciamento como uma forma de repensar as consequências que as suas tentativas de auxílio tiveram nesta percepção. Desta maneira, contextualiza os leitores acerca dos desafios em lidar com as expectativas que a fonte tinha de que ela resolveria suas demandas, principalmente em relação às questões econômicas. Segundo a autora, a situação tornou-se mais complicada com a publicação da reportagem, pois muitas pessoas se disponibilizaram a ajudar a entrevistada financeiramente. No entanto, Joicy acreditou que o auxílio seria permanente e passou a ligar de maneira recorrente para a jornalista quando a frequência dos depósitos diminuiu. Nota-se que foi gerada uma forma de relacionamento que ultrapassa o contexto de discussão dos limites de independência na apuração, pois o sentimento de responsabilidade que a profissional desenvolveu com a

fonte trouxe consequências para sua vida privada. A dificuldade de afastamento, após o término da reportagem, também é motivada pela compreensão da repórter sobre como suas intervenções repercutiram na falta de entendimento da fonte sobre qual era o seu papel como jornalista, trazendo mais complexidade à lógica de que apenas o repórter exerce a figura hegemônica de mediador do relato e não está sujeito aos impasses e tentativas de interferências do entrevistado sobre seu trabalho.

Do meu lado, sabia que precisava fazê-la ver que aquelas ações seriam pontuais, já que todos os dias os jornais mostram pessoas em situação de vulnerabilidade, várias vezes também pedindo ajuda para estas. Mas como ela poderia entender isso? Como fazer Joicy compreender que aquela mulher que a acompanhava há tempos não era apenas ela em si, mas também uma empresa, um jornal? Que todas as vezes que eu pude ajudá-la financeiramente essa ajuda veio de minha pessoa, e não de uma instituição? (MORAES, 2015, p.140).

A forma textual torna perceptível como o encontro da repórter com uma realidade adversa a sua ocasiona juízos de valores e opiniões que se refletem na forma de tratamento da jornalista com a fonte e, também, nas abordagens textuais em que a reportagem é constituída. Ao longo do texto, são relatados conflitos vivenciados e revela-se que a questão financeira é motivação de divergências. Com isso, a presença autoral de Moraes no texto torna-se importante para que a jornalista justifique que as suas interferências e opiniões discordantes em relação à fonte são advindas do contexto social e econômico na qual está inserida. Portanto, desenvolve uma escrita na qual alerta a maneira na qual questões sociais estruturantes como classe e gênero também se interpõem na formação da compreensão da realidade do Outro pelo repórter e se manifestam nas abordagens textuais, ainda que a escrita objetiva busque trazer uma noção de neutralidade a estes entendimentos.

O deslocamento da escrita objetiva também possibilitou com que Moraes realizasse uma reavaliação do processo de apuração e percebesse que a relação de maior proximidade com Joicy ultrapassou o contexto profissional,

causando impactos na sua vida pessoal. A exposição dos conflitos se expressa nas constatações da autora de que suas ações para tentar ajudar a entrevistada não eram funções de seu trabalho como jornalista, ainda que estas motivações tenham sido possibilitadas devido a um período de convivência com a fonte que permitiu esta aproximação. Ao demonstrar que foi estabelecida uma relação que ultrapassa os padrões de distanciamento previstos na técnica jornalística, Moraes produz um relato que deixa lacunas e questionamentos acerca de que outras maneiras estes limites na relação entre repórter e fonte poderiam ser estabelecidos e quais outras formas existem de realizar esta escuta e construção narrativa da alteridade a partir da admissão da influência de questões subjetivas no processo. Portanto, a recusa pela imparcialidade propõe uma defesa de uma ética de autoria e da prática do exercício de sua profissão.

A distância era algo que profissional, e pessoalmente, eu precisava: me sentia extremamente frustrada pelo fato de, depois de tentar ajudá-la de várias maneiras (um ato que sempre oculta alguma vaidade, é claro), terminar ouvindo suas queixas sobre minha inabilidade em fazê-la, de algum modo, feliz. Durante muito tempo, não entendi que aquela não era uma tarefa minha (MORAES, 2015, p.92).

A autocrítica proposta por Moraes evidencia que os conflitos vivenciados também trouxeram aprendizados para a repórter sobre como estabelecer o distanciamento profissional em um modo de relacionar-se com a fonte diferente do modelo pressuposto. Ao relatar que a reportagem venceu o Prêmio Esso de Jornalismo, Moraes narra que decidiu dividir o dinheiro da premiação com Joicy, procedimento realizado com outras fontes em premiações anteriores. Contudo, revela que os conflitos anteriores a fizeram ter a precaução em explicar que o depósito do dinheiro era de uma circunstância específica, o que exemplifica uma tentativa de afastamento da entrevistada. A exposição das opiniões da autora demonstra que as divergências propiciaram que a repórter reavaliasse as interferências realizadas e entendesse que seu julgamento sobre quais escolhas Joicy deveria realizar

eram pautados pelo seu contexto de vida pessoal. Assim, a intromissão do olhar subjetivo é exposta novamente no texto jornalístico como possibilidade de demonstrar os aprendizados que essa maneira mais aproximada de relacionar-se com a fonte trouxe para jornalista. A técnica literária de uma voz narrativa autoanalítica conduz e aproxima o leitor do decorrer de sua experiência.

O prêmio era de R\$10 mil, valor que, após ser taxado pelo imposto de renda, era reduzido para cerca de R\$7500. Como havia feito anteriormente com “Os Sertões”, dividi o valor com Joicy: depusitei R\$1500 em sua conta — poucos meses antes havia lhe enviado R\$400,00. Para que o ciclo não fosse reiniciado, informei exatamente a ela a procedência do dinheiro [...]. Lá em Alagoinha, a cabeleireira não investiu, como eu esperava, o dinheiro na melhoria em sua casa ou para pagar dívidas: preferiu trocar de moto e adquirir uma mais nova e potente. Eu não podia julgar sua escolha, apesar de ela não compactuar com o que eu fazia. A vida de Joicy era propriedade única, é claro, dela. Meus julgamentos morais e minhas necessidades talhadas pelo cotidiano classe média que eu levava — e levo — não poderiam servir de critérios naquele caso (MORAES, 2015, p.153).

Desta maneira, Moraes propõe um relato que deixa em aberto questionamentos sobre como exercer esta forma de relação mais aproximada com os entrevistados sem que limites profissionais sejam afetados. O não apagamento da autoralidade na escrita sugere um tipo de texto, possibilitado pelas reportagens literárias, que aponta os desafios vivenciados nestes novos modos de relacionar-se com as fontes e de construir uma narrativa jornalística que viabilize a inserção do repórter como participante dos acontecimentos observados. O caráter auto-reflexivo permite que sejam expostos os desafios no encontro do repórter com a alteridade e as falhas em construir uma narrativa que abarca integralmente o acontecimento a partir de um exercício de aproximação do profissional do modo que a fonte entende sua realidade. Portanto, a admissão do rompimento de uma postura isenta consolida um texto que revela as fissuras e empasses envolvidos no processo de campo e abre questionamentos para modos de exercer a profissão que permitam mais espaços para a valorização da subjetividade como um procedimento técnico,

que permite aprendizados pelo reconhecimento de questões estruturantes que mediam o contato entre repórter e fontes, assim como a busca de novas representações simbólicas do Outro. Segundo Veiga da Silva (2018, p.5): “as dificuldades entre alteridades serviram como matéria-prima para uma reflexão crítica (e autocrítica) sobre as práticas jornalísticas, seus valores sociais e o jornalismo de modo geral, o que delimita os contornos do livro”.

Considerações finais

O Jornalismo Literário possibilita a construção de uma narrativa que se diferencia da escrita jornalística tradicional. É gerado um modelo de texto híbrido, que se apropria de elementos da literatura para relatar fatos não ficcionais. Entretanto, o processo de produção destas reportagens continua atendendo à técnica do método em relação ao compromisso com a verdade e os procedimentos de checagem das informações. Ao utilizar os recursos deste gênero textual, Moraes aponta para uma maneira de narrar que propõe uma escrita entre a forma e a técnica jornalísticas longe do objetivismo.

A inserção das sensações corpóreas é fundamental na recusa pelo apagamento da autorialidade da jornalista, pois traz ao leitor uma ideia da presença física de quem escreve o relato, detalhando os processos jornalísticos e revelando como as experiências de apuração vivenciadas a partir das percepções sensoriais tiveram resultados no texto. As narrações sobre o corpo da entrevistada também são importantes para que a condição de repórter-autora seja firmada, pois Moraes demonstra que relata sobre a entrevistada para refletir sobre a sua situação como observadora. Inobstante, Moraes coloca também seu próprio corpo como um elemento da narrativa jornalística, apontando fortemente para a presença corpórea da autora na própria prática da escrita. Assim, por meio dos recursos literários é criado um modelo de escrita que permite a interpretação dos repórteres sobre os acontecimentos descritos e que retrata a inseparabilidade do conjunto moral e ético de cada

jornalista, autor/a do texto, em relação às decisões de abordagens da história das fontes e formas de escrita de uma reportagem.

O aparecimento dos desafios da jornalista em realizar uma escuta que acolha seu envolvimento emocional e a exposição de conflitos com a entrevistada constrói um texto que reinterpreta a ideia de que a credibilidade é perdida com a apresentação do repórter inserido nos acontecimentos retratados. Assim, Moraes também demonstra que entre o rompimento com a forma de escrita objetiva e o seguimento da metodologia técnica de apuração há a afirmação da forma escrita próprias do Jornalismo Literário. Isso se reflete por meio do exercício de reflexividade da repórter, tal que desprende seus questionamentos de um nível puramente individual e os eleva à condição de autocrítica sobre a sua atuação profissional por meio da colocação de suas opiniões, sentimentos e sensações físicas no relato, como também pela perspectiva da apresentação da relação estabelecida entre Joicy e Moraes. As narrações das discussões mostram que a maior convivência entre as duas possibilitou o estabelecimento de um relacionamento que ultrapassa questões profissionais e gera questionamentos sobre a assertividade das interferências realizadas pela repórter, além de reflexões sobre quais limites de trabalho deveriam ser mantidos diante destas aproximações com a fonte propiciadas pelas reportagens literárias.

Referências

- LIMA, Edvaldo Pereira. O jornalismo literário e a academia no Brasil: fragmentos de uma história. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v.3, n.supl., out. 2016.
- MAGNO, Ana Beatriz. **Jornalismo nos tempos da reportagem: Uma análise da obra jornalística de Ernest Hemingway & Gabriel García Márquez**. Brasília, 2014. 441f. Tese (Doutorado em comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/17279>. Acesso em 11 out. 2019
- MAROCCO, Beatriz. Os “livros de repórter”, o “comentário” e as práticas jornalísticas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33, 2010, Caxias do Sul. **Anais**. Caxias do Sul: Intercom, UCS, 2010.

MARTINEZ, Monica. Gender, women and Literary Journalism Studies: a Brazilian perspective. **Literary Journalism Studies**, vol 12, n. 1, p. 110-132, August, 2020.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: revisão conceitual, histórias e novas tendências. **Intercom – RBCC**, vol. 40, n. 3, p. 21-36, set/dez, 2017.

MARTINEZ, Monica. Jornalismo Literário: a realidade de forma autoral e humanizada. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, ano VI, n. 1, p 71-83, jan/jun. 2009.

MENDONÇA, Felipe Viero. "Porque todo ponto de vista é a vista de um ponto": A subjetividade como um dos lugares para se compreender o jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, UFSM, v.18, n.1, jan./jun. 202, p.109-120. DOI:<http://doi.org/10.5007/1984-6924.2021.e76324>

MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy**. Porto Alegre: Arquipelago, 2015.

MORAES, Fabiana. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo íntegro e integral. **Extraprensa**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, 2019.

NEVEU, Erik. "Novos" jornalismo investigativos e ciências sociais: pensando empréstimos, diferenças e hibridizações. **Revista Parágrafo**. v. 4, n. 1. São Paulo: FIAM-FAAM, 2016.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo** São Paulo: Contexto, 2005.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PILGER, Caroline Roveda. Um jornalismo de subjetividade e a sensibilização na formação do jornalista. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Santa Catarina, UFSM, v. 16, n.2, p.144-156. jul/dez. 2019.

DOI:<http://dx.doi.org/10.5007/1984-6924.2019v16n2p144>

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

RINGOOT, R; MAROCCO, Beatriz; A individualização autoral em jornalismo: Séverine, Eliane e Alexandra repórteres a flor da pele. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 13, 2015, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: SBPJOR, UFMA, 2015.

SALVO, Fernanda Ribeiro. Cultura contemporânea e narrativas jornalísticas: a construção da diferença nas reportagens de Nana Queiroz e Fabiana Moraes.

Revista Intetexto, Porto Alegre, UFRGS, n.45, p.55-75, maio/ago. 2019.
DOI: <http://dx.doi.org/10.19132/1807-858320190.55-75>

SERELLE, Marcio. A reportagem autorreflexiva: o encontro com o Outro entre textos e paratextos jornalísticos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 25, n. 3, p. 1-15, setembro, outubro, novembro e dezembro de 2018: ID30164.

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2018.3.30164>.

VEIGA, Márcia; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. *In*: XVIII

ENTRE FORMA E TÉCNICA: elementos do jornalismo literário no livro “O nascimento de Joicy”

ENCONTRO NACIONAL ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 14, 2019. Rio Grande do Sul.

Anais... Rio Grande do Sul: COMPÓS, PUCRS, 2019.

VEIGA DA SILVA, Márcia. O encontro entre subjetividade e alteridade na crítica das práticas jornalísticas: aproximações de pesquisa. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 14, 2016, Palhoça.

Anais...Palhoça: SBPjor, Unisul, 2016.



ANÁLISE AUDIOESTRUTURAL DO PODCAST: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA FORMATOS SONOROS

PODCAST AUDIOSTRUCTURAL ANALYSIS: A METHODOLOGICAL PROPOSAL FOR SOUND FORMATS

Roseane Arcanjo PINHEIRO¹

Izani Pibernat MUSTAFÁ²

Gessiela Nascimento da SILVA³

Universidade Federal do Maranhão | Brasil

Resumo

O *podcast*, formato sonoro que surgiu no Brasil em 2004, pode ser compreendido como uma das transfigurações do cenário comunicacional que resultou em diversas formas de produzir e distribuir conteúdo, e conseqüentemente, inquietações no campo acadêmico. Neste ponto, parte-se da hipótese que as pesquisas *stricto sensu* em Comunicação (2007-2019), encontradas no repositório da Capes, não utilizam metodologia específica para análise do *podcast*. Como resultado, apresenta-se a Análise Audioestrutural do Podcast (AAP), uma mescla de aspectos quantitativos e qualitativos para estabelecer o perfil do *podcast*, estrutura do episódio e do que se trata esse material. A AAP trata-se de uma proposta metodológica que visa compreender a dinâmica desta mídia.

Palavras-chave

Formato sonoro; Análise Audioestrutural do Podcast; Metodologia; *Podcasting*.

Abstract

The podcast, a sound format that appeared in Brazil in 2004, can be understood as one of the transfigurations of the communication scenario that resulted in several ways of producing and distributing content, and consequently, concerns in the academic field. At this point, it is assumed that the *stricto sensu* researches in Communication (2007-2019), found in the Capes repository, do not use specific methodology for podcast analysis. As a result, we present the Podcast Audiostructural Analysis (AAP), a mix of quantitative and qualitative aspects to establish the podcast profile, the episode structure and what this material is about. The AAP is a methodological proposal that aims to understand the dynamics of this media.

Keywords

Sound format; Podcast Audiostructural Analysis; Methodology; *Podcasting*

RECEBIDO EM 11 DE JULHO DE 2021
ACEITO EM 16 DE NOVEMBRO DE 2021

¹ Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Professora de Jornalismo e do PPGCOM da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. Coordena o Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp). Contato: rosenae.ap@ufma.br

² Doutora em Comunicação Social pela PUCRS. Professora de Jornalismo e do PPGCOM da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz. Coordena o Grupo de Pesquisa Rádio e Política no Maranhão (RPM) e o GT História da Mídia Sonora da Associação Brasileira de História da Mídia (Alcar). Contato: izani.mustafa@gmail.com

³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico do Maranhão (FAPEMA) e integra os Grupos de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (Joimp) e Rádio e Política no Maranhão (RPM). Contato: gessielansilva@outlook.com

Introdução

Intensidade nas mídias, novas possibilidades de transmissão e consumo são reflexos da internet nos meios de comunicação. Na atualidade, os *podcasts* estão atrelados a estes fatores, mas também, ao crescimento. No Brasil, a relação de Danilo Medeiros desde a infância com o rádio e sua programação na década de 1980, foram os condutores para o surgimento do Digital Minds, primeiro *podcast* nacional, lançado em outubro de 2004.

Agregado ao blog homônimo, o Digital Minds mesclava conteúdos entre o universo *geek*, música e tecnologia, porém encerrando as atividades dois anos depois, tendo o último episódio publicado em agosto de 2006. Já em 2007, Medeiros lançou o Digitalminds Podcast 2.0, no entanto, removido após três episódios publicados

Já no cenário acadêmico, as pesquisas científicas produzidas no período de surgimento do *podcasting*, buscavam assimilar o que era este formato, suas funções, transmissão, semelhanças ou diferenças entre o rádio – questões que posteriormente foram sendo trabalhadas.

No artigo *Para além da emissão sonora: as interações no podcasting*, Primo (2005, p. 2) levanta o seguinte questionamento: “trata-se de uma forma de rádio?”. Porém, o autor explica que mesmo trabalhando com áudio, existem diversas características que os diferenciam, uma delas é o fato dos programas de *podcasts* (naquele momento) serem vinculados a um blog, oferecendo uma participação dialogal.

Vanassi (2007, p. 63) pontua que no rádio, a audiência não responde igualmente àquele que emite o conteúdo. Mas, com o *podcasting*, a informação desenrola outros fluxos de participação, com um processo midiático baseado na emissão do áudio que utiliza a internet para seu

Roseane **PINHEIRO** · Izani **MUSTAFÁ** · Gessiela da **SILVA**

funcionamento e propagação, podendo “suportar textos escritos e até imagens em seus programas”.

Sobre as comparações com o meio de ondas hertzianas, Medeiros (2005, p. 3) comenta que esta questão tem sido discutida com frequência, mas seria o *podcasting* “uma rádio via internet?”. Considera-se que é um fenômeno advindo da internet, na qual cabe ao ouvinte observar seu amadurecimento e mudanças, já que vem “modificando as fronteiras da transmissão de produtos sonoros” (MEDEIROS, 2005, p. 1).

Mesmo surgindo em 2004, compreende-se que o formato sonoro em questão é um objeto recente de investigação em instituições brasileiras. Os estudos acadêmicos acerca do assunto, ainda, levantam inúmeros questionamentos: quais os principais teóricos; a melhor definição e classificação; qual metodologia contempla a temática, dentre outras.

Com isso, a pesquisadora parte da seguinte hipótese: as produções *stricto sensu* em Comunicação presentes no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) não apresentam metodologia específica para tratamento deste fenômeno, o *podcast*. Couto e Martino (2018, p.49) ainda relatam que tais dificuldades não são específicos dos estudos sobre a podosfera, mas “soma-se o fato de se tratar de um fenômeno relativamente recente [...] e parece ainda não ter suscitado um agrupamento crítico de estudos que permita dimensioná-lo em suas linhas gerais”.

Por considerar tal pressuposição, os dados nacionais sobre o *podcast* e o estado da arte apresentado no tópico seguinte, os objetivos específicos desta pesquisa partem para a identificação das teses e dissertações sobre o assunto; análise expositiva do ferramental proposto em cada trabalho e apresentação da proposta metodológica intitulada Análise Audioestrutural do Podcast (AAP).

A pesquisa sobre *podcasting* no Repositório da Capes (2007-2019)

O *podcasting* reconfigurou o meio comunicacional e mercadológico, adquiriu características e tornou-se objeto de investigação em instituições brasileiras. Com quase duas décadas de existência, o objeto recente nas investigações acadêmicas provoca nos pesquisadores uma necessidade de compreender suas dinâmicas e processos.

A hipótese norteadora deste artigo apresenta-se da seguinte forma: as teses e dissertações desenvolvidas no Brasil, na área de Comunicação, presentes no Catálogo da Capes, não manifestam metodologia específica para análise de *podcast*.

Para evidenciar essa questão, fez-se um levantamento no repositório usando a palavra-chave “podcast” e os filtros: tipo (mestrado e doutorado acadêmico); grande área de conhecimento (Ciências Sociais Aplicadas); área de conhecimento (Comunicação). O resultado apontou para 14 materiais (13 dissertações e 1 tese). Ressalta-se que a palavra de busca deveria constar no título, resumo e/ou corpo do trabalho.

Ao observar os 14 trabalhos, entre teses e dissertações desenvolvidas no Brasil, o termo “podcast” ou “podcasting” surgiu a primeira vez no material intitulado *Cinema Digital: a transformação do olhar* (ROCHA, 2007). A dissertação não fez alusão aos teóricos sobre *podcasting*, mesmo que no decorrer da explanação, mencionasse a mídia como um novo formato para o cinema portátil.

Quatros anos após esta produção, a referência ao *podcasting* era sobre as adaptações do rádio ao ambiente da web. Trata-se de um cenário em que os padrões e características ainda estavam sendo traçados, mas que contavam com uma participação maior do público (OLIVEIRA, 2011). Nesta fase, o rádio estava sendo remodelado dentro da cultura digital. Os ouvintes determinavam e personificavam a emissora para montar sua própria programação. No entanto, Oliveira (2011, p.17) pontuava que mesmo com a

Roseane **PINHEIRO** · Izani **MUSTAFÁ** · Gessiela da **SILVA**

internet, o analógico não seria deixado, já que precisaria de “muitos investimentos para que haja total digitalização do rádio no mundo inteiro”.

Somente no ano seguinte, o assunto surgiu no centro na pesquisa *O imaginário do áudio e o podcast: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet* (ASSIS, 2012). O formato é apresentado pelo autor como algo que provoca uma experiência auditiva e estética totalmente diferente do rádio, e até mesmo da webrádio, mas, também deixa claro que o “podcast já recebeu diversas definições, umas mais precisas, outras menos” (ASSIS, 2012, p. 10).

O Nerdcast, do site Jovem Nerd, foi o primeiro programa a ser objeto empírico de estudo, em nível de pós-graduação. O podcast em questão, criado em 2006, apresentado por Alexandre Ottoni e Deive Pazos, possui uma duração longa, com mais de 90 minutos e ranqueia o primeiro lugar em audiência desde 2018, com base na PodPesquisa (2018; 2019; 2020). As temáticas são voltadas para história, cinema, quadrinhos, tecnologia e outros.

Carvalho (2013), ao analisar o Nerdcast, sustentou a investigação em três pontos: conhecimento do objeto; processos de construção; interações entre produtores e usuários. “A proposta é observar o desenvolvimento ao longo do tempo, estabelecendo relações entre as diferentes versões deste podcast” (Ibidem, p. 5), seja ele em forma de áudio ou nas matérias do site. A autora concluiu que o programa passou por inúmeras transformações tecnológicas, e que a relação produtiva entre quem produz e consome foi a chave para construção da identidade do Nerdcast.

Sobre o portal Jovem Nerd, Benatti (2019) analisa os processos transmídias que se propagam em diversos espaços, por exemplo, no podcast (Nerdcast), YouTube (canal NerdOffice) e site de notícias (Jovem Nerd), envolta do segmento da cultura nerd. Os resultados desta pesquisa

relacionam-se, em partes, com os apresentados por Carvalho (2013) - a construção dos variados canais e a participação do ouvinte (audiência).

Murta (2016), pesquisou sobre o Podcasteros de Game of Thrones, e retrata o podcasting como um cenário que reconfigura o ambiente de conversação entre quem conecta e a rede de interesse, os fãs. O “ambiente é formado por vínculos efêmeros e temporários e marcado pela diversidade discursiva de seus membros”, sendo este o espaço que “aproxima os fãs interlocutores dos fãs ouvintes” (MURTA, 2016, p. 5).

O rádio, enquanto base para os estudos de mídia sonora e em convergência com o podcasting, foi tema nas dissertações de Moura (2015), Oliveira (2018), e na tese de Malerba (2016). Ambos tratam o radiofônico (comercial e não comercial) como um relevante meio para comunicação moderna, que se tem reconfigurado perante a tecnologia, atuação no ambiente da internet e as articulações entre o social, econômico e político.

Outra perspectiva dos estudos sobre podcasting são os narrativos. Rocha (2018) e Costa (2017) tratam do Serial, um podcast de jornalismo investigativo, criado em outubro de 2014 e apresentado por Sarah Koenig, para retratar acontecimentos do passado. O narrativo, na sociedade contemporânea, provoca no leitor/ouvinte uma “intriga e reforça a capacidade de uma história em ser acompanhada e a partir daí gerar novos sentidos e novos acontecimentos na experiência prática humana” (COSTA, 2017, p. 60).

Seguindo esta linha, Fernandes (2019) analisa as estratégias de storytelling no programa Projeto Humanos (não ficcional), que se propõe ressignificar narrativas capazes de contar histórias em profundidade. Gonçalves (2019, p. 7), por sua vez, direciona os olhares e ouvidos para as experiências e diegeses do sujeito-viajante na KLM (Koninklijke Luchtvaart Maatschappij), uma companhia aérea holandesa, na finalidade de “observar como os relatos em primeira pessoa e os afetos estavam sendo utilizados estrategicamente pelo storytelling das empresas”.

Roseane **PINHEIRO** · Izani **MUSTAFÁ** · Gessiela da **SILVA**

No recorte, apenas o trabalho de Souza (2019) teve como objeto empírico o podcast Mamilos. Na dissertação, o autor permeia as características elementares do processo comunicacional no ambiente sonoro, prática jornalística, limites e possibilidades do programa. O Mamilos, por sua vez, constrói pontes e afetos entre as pautas, pontos e os indivíduos, sendo um “produto essencialmente sonoro capaz de fortalecer a cultura do ouvir e resistir ao vazio deixado pelo enfraquecimento das relações profundas entre os seres humanos” (SOUZA, 2019, p. 68).

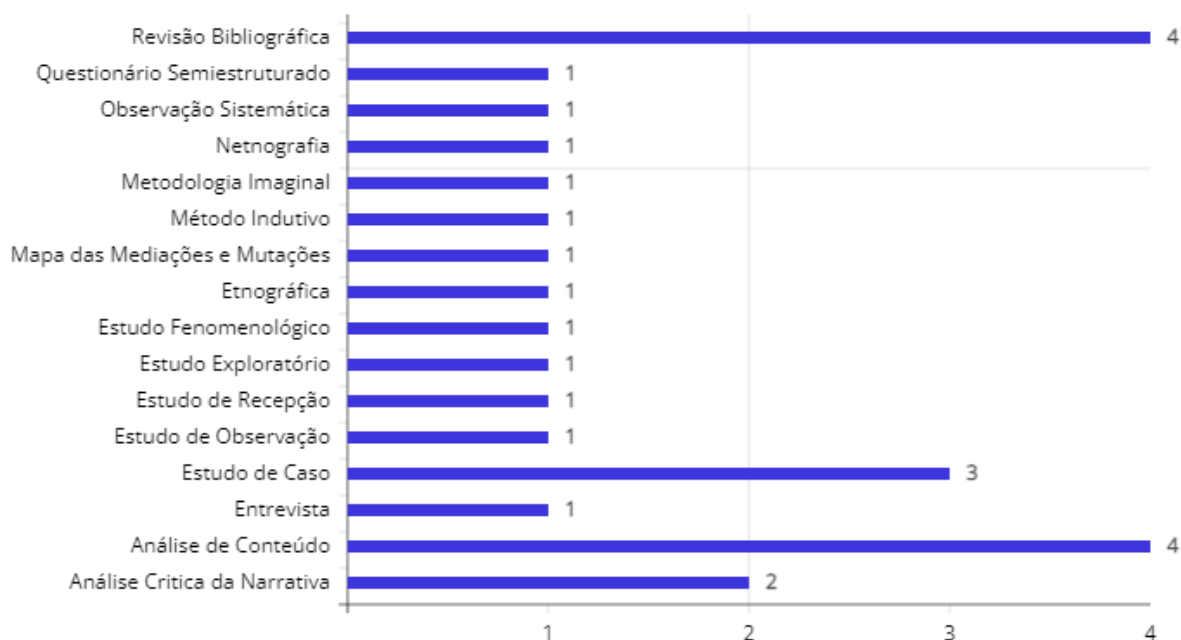
Quanto aos teóricos utilizados nos 14 trabalhos selecionados, Gustavo Vanassi, Luiz Artur Ferraretto, Micael Herschmann e Marcelo Kischinhevsky, são os mais citados. Sobre o aporte teórico, Couto e Martino (2018, p.62) citam que essa “variedade de definições parece acompanhar, em linhas gerais, a falta de consenso observada nas questões conceituais e metodológicas”.

O caminho metodológico é uma forma de instruir o pesquisador ao conhecimento necessário, independente da área, para que seja possível o planejamento da pesquisa, formulação das hipóteses e interpretação dos resultados. Martino (2018, p. 75) pondera que o método é um dos elementos da pesquisa, uma vez que “é a parte do projeto de pesquisa que descreve os procedimentos necessários para estudar o objeto e responder as perguntas feitas no objetivo”. Os podcasts narrativos podem ser ficcionais (fictícios, histórias criadas) e não ficcionais (fatos reais).

Nas teses e dissertações sobre o tema, no repositório da Capes, foi identificado que análise de conteúdo, revisão bibliográfica, estudo de caso e análise crítica da narrativa, foram os mais aplicados nos materiais. O ferramental “sobre podcasts parecem seguir esse tensionamento entre métodos tradicionais, como a pesquisa de campo e a análise de conteúdo, levando em consideração as diferenças nos processos de produção, recepção e participação” (COUTO; MARTINO, 2018, p. 54).

Gráfico 1: Metodologia nas pesquisas *stricto sensu* sobre podcast (2007 - 2019)

Fonte: As autoras (2021).



No estudo realizado por Murta (2016), por exemplo, foi aplicado análise de conteúdo na perspectiva de Laurence Bardin, para organizar os conteúdos de acordo com cada episódio do podcast e analisar os comentários. Na de Benatti (2019, p.53), além da coleta, examinaria as “unidades de registro das palavras utilizadas no portal Jovem Nerd, percebendo principalmente o uso de jargões, piadas e conteúdos ligados diretamente à cultura nerd”.

Ainda sobre esta mesma metodologia, Oliveira (2011) buscou identificar e catalogar os processos de radiomorfose e autopoiese. Costa (2017) usou os direcionamentos de Martin W. Bauer, da Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som, para definir as categorias analíticas que, na sequência, permitiriam a investigação de todo processo comunicacional - emissão, circulação e recepção.

Roseane **PINHEIRO** · Izani **MUSTAFÁ** · Gessiela da **SILVA**

Malerba (2016) e Carvalho (2013) empregaram como procedimento metodológico a revisão bibliográfica, conjuntamente com a etnografia e entrevistas estruturadas e semiestruturadas, que para Martino (2018) são métodos viáveis para conseguir dados. Já Gonçalves (2019), adotou o processo de revisão bibliográfica, no caráter interdisciplinar nas áreas de Comunicação, Marketing, Publicidade e estudo de caso para responder como as narrativas em múltiplas mídias dão suporte para a construção de um produto/marca.

Dentre um dos ferramentais mais utilizados, tem-se a análise crítica da narrativa, aplicada por Fernandes (2019, p. 14), na pesquisa nomeada Histórias reais sobre pessoas reais: um estudo sobre as estratégias de storytelling do podcast Projeto Humanos, que por meio de observação empírica e pragmática, “defende a compreensão crítica de como nós, humanos, articulamos sentidos por meio da comunicação narrativa”, nesta situação, o objetivo principal era interpretar a representação e construção da realidade feita pelo narrador.

No geral, as pesquisas buscavam abranger as rotinas e processos produtivos dos podcast, por meio da etnografia e observação (nem sempre participante), e com auxílio da netnografia, compreender como esses conteúdos se reverberavam nas 32 redes sociais, juntamente com comportamento dos usuários. E, articulações entre os mapas das mediações (articular valores e linguagem) e mutações (identidade e transformações), de Jesús Martín-Barbero, para medir as configurações comunicacionais, históricas, culturais e políticas.

Constata-se que o ano com maior elaboração de trabalhos é o de 2019 (4), seguido de 2016 (2) e 2018 (2). Já 2007, 2011 a 2013, 2015 e 2017 ficaram com apenas um estudo listado no repositório. Além disto, as Pontifícias Universidades Católicas de São Paulo e Minas Gerais, simultaneamente com a Faculdade Cásper Líbero e Universidade Federal do

Amazonas, contam com as maiores produções - duas em cada. A Universidade Tuiuti do Paraná e as Federais da Bahia, Juiz de Fora, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Carlos, estão com apenas uma.

Pode-se perceber que mesmo o fenômeno tendo chegado ao Brasil em 2004, as investigações científicas sobre o objeto só começaram a surgir em maior intensidade quinze anos depois. Isso leva-nos a refletir que, nos anos iniciais, as questões de definição do podcasting, teóricos e metodológicos utilizados para embasamento do estudo foram fatores decisivos para o desenvolvimento sobre o assunto nos Programas de Pós-Graduação do país.

Proposta da Análise Audioestrutural do Podcast

A Análise Audioestrutural do Podcast (AAP) surge como uma ferramenta metodológica para a apuração desta mídia sonora. A intenção é que a AAP possa ser utilizada para investigar diversas estruturas, e as categorias propostas sirvam de base e inspiração para inúmeras outras. A AAP não é uma proposta fechada, muito menos uma fórmula exata ou uma caixa, mas uma metodologia que pode ser aperfeiçoada.

Outro ponto que pode ser observado é que os estudos sobre podcasts ainda estão em construção e acaba sendo um espaço em potencial para o desenvolvimento de pesquisas em diversas vertentes e dinâmicas. Não se pretende aqui limitar ou sanar os questionamentos, reflexões e debates acerca do assunto, mas uma contribuição para o campo de estudo, uma vez que os métodos aplicados na podosfera seguem uma linha tradicional (COUTO; MARTINO, 2018).

A AAP propõe uma hibridização dos aspectos quantitativos e qualitativos para o desenvolvimento da pesquisa, sendo essencial para avaliar um grande volume de informações contidas no podcast e a compreensão do material alocado em categorias para traçar o perfil do podcast; características estruturais do episódio; análise sonora e descritiva

Roseane **PINHEIRO** · Izani **MUSTAFÁ** · Gessiela da **SILVA**

dos conteúdos abordados e as dimensões social, cultural, econômica ou política.

Com isso, para elaboração da AAP, das categorias e unidades de análise adaptadas ao formato sonoro, considerou-se as propostas de Análise de Conteúdo de Bauer (2002) e Bardin (2006) que recolhem e analisam textos, símbolos e imagens, mas também o som; e na Análise da Materialidade Audiovisual (COUTINHO, 2016) que classifica em unidades o texto, som, imagem, tempo e edição.

Categorização da Análise Audioestrutural do Podcast

A proposta metodológica surgiu mediante inquietação e necessidade da pesquisadora em reunir enfoques quantitativos e qualitativos que norteassem a compreensão do podcast, suas estruturas, episódios e o contexto da temática escolhida para análise.

Para aplicação da AAP faz-se necessário realizar o mapeamento do tema; seleção e recorte do conteúdo para coleta; análise das informações inseridas em cada categoria e interpretação de forma analítica, fazendo conexões pertinentes entre o tema, objetivos e teóricos.

As categorias centrais são norteadas pela ficha GuiaPod, composta por três momentos, sendo dois quantitativos e um qualitativo:

- i) **identificação do podcast**, para montar o perfil deste programa analisado, quem apresenta, tempo de duração e outras unidades;
- ii) estrutura do episódio, consiste nas informações relacionadas ao episódio (específico ou variado) selecionado, para elencar o assunto abordado, fontes e como elas são inseridas na classificação de Schmitz (2011), por exemplo;
- iii) **conteúdo**, refere-se da fase qualitativa e densa da metodologia pois o pesquisador fará uma contextualização

NOTICIABILIDADE, VALOR-NOTÍCIA E SELEÇÃO NOTICIOSA

do material, com escuta atenta e descritiva, a fim de identificar os pontos-chaves do conteúdo.

A Análise Audioestrutural do Podcast sugere uma categorização (totalmente mutável) dos aspectos quantitativos e qualitativos. As unidades de análise da categoria identificação do podcast, são:

- **Estrutura**⁴: relato, debate, narrativa da realidade, entrevista, instrutivo, narrativas ficcionais, noticioso e remediado (VIANA; CHAGAS, 2021) que abarca o formato central do programa;
- **Plataforma**: espaço em que o podcast está alocado é exclusivo (site) ou multiplataforma (diversos agregadores);
- **Tipo**: corresponde se a programação é por temporada (quando existe uma frequência, ordem), temporada única (sazonal ou temática) e sem definição;
- **Periodicidade**: relacionada à frequência do episódio, podendo ser diária, semanal, quinzenal, mensal ou sem definição;
- **Apresentação**: destina-se a identificar o host do podcast;
- **Participação**: com adaptação nos estudos de Lopez e Quadros (2015)⁵ podem ser trocas comunicacionais identificadas no conteúdo sonoro na forma de espontânea

⁴ Viana e Chagas (2021, p. 10-11), classificam a estrutura dos podcasts brasileiros em oito características: i) relato: crônica ou narração para promover uma reflexão sobre informações de interesse pessoal em temáticas de nicho; ii) debate: troca ou exposição de ideias entre participantes com ou sem convidados; iii) narrativas da realidade: história real com apuração em profundidade, utilizando de personagens com enredo marcado; iv) entrevista: direcionamento de perguntas a um ou mais convidados sobre um assunto específico; v) instrutivo: objetivo desenvolver, aperfeiçoar ou exercitar algo de interesse do ouvinte; vi) narrativas ficcionais: história ficcional utilizando personagens, enredos marcados por conflitos e arcos narrativos; vii) noticiosos: conteúdos diários em Daily News, boletins, resumo de notícias ou aprofundados; viii) remediado: oriundos de outras mídias (rádio, TV, internet) e inseridos na podosfera.

⁵ Lopez e Quadros (2015) propõem uma classificação para interatividade e participação radiofônica no cenário da convergência, onde os pontos acontecem fora e dentro do espaço sonoro, ou seja, nas redes e mídias digitais, e nos programas. No momento, a pesquisadora adaptou as divisões para uso no ambiente da podosfera, atendo-se apenas para 'participação', se elas ocorrem ou são apenas comentadas nos episódios divulgados, de forma simples, ampliada ou imediata

Roseane **PINHEIRO** · Izani **MUSTAFÁ** · Gessiela da **SILVA**

simples (sem interferência), ampliada (com interferência) ou imediata (interferência ao vivo);

- **Expansão:** o conteúdo se encontra em outros meios (sites, redes sociais) de forma completa ou adaptada;
- **Duração**⁶: o episódio possui até 15 minutos (curta), maior que 15 e menor que 70 minutos (média), e mais que 70 minutos (longa);
- **Design de imagem:** as capas podem ser temáticas ou seguir um padrão;
- **Design sonoro:** o programa apresenta ou não vinheta/música original;
- **Associação:** se o programa está agregado a uma empresa, universidade, ONG, independente.

Na segunda categoria, responsável por estabelecer a estrutura do episódio, encontra-se as unidades:

- **Tema/título:** relacionado ao que será investigado no objeto;
- **Palavra-destaque:** identificada de acordo com o título do episódio para análise;
- **Minutagem:** que se dedica a falar do assunto;
- **Repetição:** indicativo para reincidência ou não da palavra-destaque, o que promove um espaço para verificação da recorrência dessa pauta;

⁶ Para embasar a categoria 'duração' e as unidades de classificação, apoiou-se no Anexo I do Decreto n°. 4.121, de 07 de fevereiro de 2002, da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), para definição da durabilidade dos podcasts, considerando as produções videofonográficas em curta (igual ou inferior a 15 minutos), média (superior a 15 minutos ou inferior a 70 minutos) e longa (duração superior a 70 minutos)

NOTICIABILIDADE, VALOR-NOTÍCIA E SELEÇÃO NOTICIOSA

- **Identificação do episódio:** se o texto de apoio que aparece na descrição é personalizado, padrão ou sem identificação;
- **Fonte:** identificação do convidado;
- **Classificação da fonte:** na perspectiva de Schmitz (2011) em grupo (oficial, empresarial/institucional, popular, notável, testemunhal, especializada e referencial).

Quadro 1: Ficha GuiaPod da Análise Audioestrutural do Podcast

Identificação do Podcast	
CATEGORIA	UNIDADE
Estrutura (VIANA; CHAGAS, 2021)	relato, debate, narrativa da realidade, entrevista, instrutivo, narrativas ficcionais, noticioso e remediado
Plataforma	exclusivo; multiplataforma
Tipo	por temporada; temporada única; sem definição
Periodicidade	diário; semanal; quinzenal; mensal; sem definição
Apresentação	identificar os hosts do programa
Participação (LOPEZ; QUADROS, 2015)	espontânea simples; espontânea ampliada; espontânea imediata
Expansão do Podcast	blog/site; rede social; youtube-completo ou adaptado
Duração (ANCINE, 2002)	curta; média; longa
Design de Imagem	capa padrão; capa temática
Design Sonoro	vinheta/música original; vinheta/música não original; sem definição
Associação à	empresa; universidade; ONG; independente
Estrutura do Episódio	
CATEGORIA	UNIDADE
Tema/Título	relacionado ao que será investigado

	no objeto
Palavra-destaque	identificada de acordo com o título do episódio escolhido para análise
Repetição	se a palavra-destaque se repete ou não
Identificação do Episódio	texto de apoio personalizado; texto de apoio padrão; sem identificação
Minutagem	minuto que se dedica para falar do assunto/tema
Fonte	identificação dos convidados
Classificação da Fonte (SCHMITZ, 2011)	Grupo: oficial; empresarial/institucional; popular; notável; testemunhal; especializada; referencial
Do que se trata esse conteúdo	
CATEGORIA	UNIDADE
Análise do material	análise descritiva com anotações de pontos importantes (ou, análise de discurso, conforme escolha do pesquisador)
Contextualização do material	o conteúdo está na dimensão social; cultural; política; econômica

Fonte: As autoras (2021).

Na última e única categoria qualitativa da APP, do que se trata esse conteúdo, encontra-se duas unidades de análise, compostas por:

- **Análise do material:** pode ser utilizada conforme necessidade do pesquisador, de uma escuta atenta, descritiva e com anotações pertinentes para observação, mas também como análise do discurso, por meio da decupagem ou pergunta específica. A partir disso, estabelecer outras categorias que contemplem o caminho escolhido;

- **Contextualização do material:** quando o episódio se estabelece na dimensão social, cultural, política e econômica.

Vale lembrar que neste segundo momento, o pesquisador é livre para buscar um diálogo, por exemplo, com os produtores/apresentadores do objeto investigado a fim de esclarecimentos.

Os caminhos de aplicação da Análise Audioestrutural do Podcast

A Análise Audioestrutural do Podcast é composta por aspectos quantitativos e qualitativos. O pesquisador, por sua vez, possui independência acerca dos caminhos trilhados, sejam separados (quantitativo ou qualitativo) ou em conjuntos. Assim, quando se aplica a AAP, pode-se delinear apenas os aspectos de quantidade (quantos conteúdos falam sobre determinado assunto; correlação entre programas; total de ouvintes; frequência de publicação dos episódios) dentro da análise do conteúdo, por exemplo.

Herscovitz (2010, p. 123) destaca que a análise de conteúdo é um método de grande utilidade no campo comunicacional, podendo ser utilizada para constatar tendências/modelos de noticiabilidade, enquadramentos, mas também, para “descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos; identificar elementos típicos, exemplos representativos e discrepâncias, e para comparar o conteúdo jornalísticos de diferentes mídias em diferentes culturas”.

Por outro lado, a AAP também pode estar ligada somente aos enfoques qualitativos do estudo, que estão preocupados com os significados presentes em determinadas ações e falas, exploratórios-descritivos, análise de discurso, estudo de caso, etnografia - enfatiza-se que os números não são totalmente abandonados, sendo eles essenciais para auxiliar na compreensão dos fatores.

Roseane **PINHEIRO** · Izani **MUSTAFÁ** · Gessiela da **SILVA**

Martino (2018) reforça que o qualitativo lida com a subjetividade, motivações e elementos narrativos de quem é envolvido na investigação. Gil (2002), por sua vez, diz que esta escolha metodológica lida com o vaivém entre três pontos: observação, reflexão e interpretação, pois, na medida que a coleta, descrição e análise do material progride, o trabalho torna-se cada vez mais complexo.

Mesmo a Análise Audioestrutural contemplando esses dois lados (separados, se for escolha do pesquisador), trata-se de uma proposta metodológica para levantamento, categorização e compreensão do podcast, abrangendo aspectos quantitativos e qualitativos. A autora compreende que, juntos, chega-se a uma proposta (não completa, pois tudo é passível de transformações) ajustada para investigação do formato sonoro.

Referências

- ASSIS, Pablo de. **O Imaginário do Áudio e o Podcast**: re-imaginando o potencial da produção e distribuição de áudio na internet. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BRASIL. Ministério da Cultura. Agência Nacional de Cinema (ANCINE). **Minuta de in para classificação de empresa brasileira, produtora independente de obra audiovisual**. Disponível em: <https://sad.ancine.gov.br/consultapublica/manterDocumentoMDAction.do?method=detalhe&idNorma=23>. Acesso em 08 set. 2021.
- BENATTI, Júlia Pinheiro. **Estratégias transmidiáticas por meio do fracionamento de conteúdo**: uma análise do portal Jovem Nerd. 2019. 169 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2019.
- CARVALHO, Paula Marques de. **Procedimentos de construção de podcasts**: o caso Nerdcast. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

COSTA, Clara Isabel de Andrade. **Podcasts e construção de sentido:** acontecimento, narrativa e reverberações na série jornalística Serial. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2017.

COUTO, Ana Luíza S.; MARTINO, Luís Mauro Sá. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, Mariana-MG, v. 9, n. 02, pp. 48-68, jul./dez. 2018.

FERNANDES, Laís Cerqueira. **Histórias reais sobre pessoas reais:** um estudo sobre as estratégias de storytelling do podcast Projeto Humanos. 2019. 160 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Daniel Nunes. **O eu-viajante na comunicação contemporânea:** um estudo de caso das narrativas de viagem da empresa KLM. 2019. 92f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Mercado) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, 2019.

HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). Metodologia de Pesquisa em Jornalismo. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. - (Coleção Fazer Jornalismo).

LOPEZ, Debora Cristina; QUADROS, Mirian Redin de. O rádio e a relação com o ouvinte no cenário de convergência: uma proposta de classificação dos tipos de interatividade. **Revista FAMECOS:** mídia, cultura e tecnologia, vol. 22, núm. 3, julho-septiembre, 2015, p. 164-181. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

MALERBA, João Paulo Carrera. **Rádios Comunitárias no Limite:** crise na política e disputa pelo comum na era da convergência. 2016. 726 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de Pesquisa em Comunicação:** projetos, ideias, práticas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

MEDEIROS, Macello Santos. Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro. *In:* **Anais XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Universidade Estadual do Rio de Janeiro - RJ, setembro de 2005. Disponível em:

<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf>. Acesso em 20 dez 2020.

MOURA, Manoela Mendes. **Rádio Online:** um estudo ecossistêmico do meio radiofônico na Internet. 2015 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade Federal do Amazonas, 2015.

MURTA, Cintia Maria Gomes. **Um estudo sobre Podcasteros de Game of Thrones**. 2016. 133 f. Dissertação. (Mestrado em Imagem e Som) - Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som, Universidade Federal de São Carlos, 2016.

OLIVEIRA, Edilene Mafra Mendes de. **A divulgação científica radiofônica em tempos de Internet: um estudo das adaptações do Rádio com Ciência ao ambiente da web**. 2011. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.

OLIVEIRA, Paula Cristina Janay Alves de. **A NOVA ERA DE OURO DO RÁDIO?** Historicidades, tecnicidades e sensibilidades de podcasts brasileiros. 2018. 171 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

PODPESQUISA Ouvintes 2019-2020. **ABPOD**, 2020. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa-2019/>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PODPESQUISA Produtores 2020-2021. **ABPOD**, 2020. Disponível em: https://abpod.org/wp-content/uploads/2020/12/Podpesquisa-Produtor-2020-2021_AbpodResultados.pdf. Acesso em: 12 jan. 2021.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. *In: Intexto*. Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 13, p. 1-23, jul./dez. 2005.

SCHMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de notícias: ações e estratégicas das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SOUZA, Leandro Costa. **Os vínculos sonoros no ambiente comunicacional do podcast Mamilos**. 2019. 84 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de PósGraduação em Comunicação, Faculdade Cásper Líbero, 2019.

ROCHA, Diogo Tognolo. **Para além de uma dúvida razoável: Serial e a busca da verdade**. 2018 147 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

VANASSI, Gustavo Cardoso. **Podcasting como processo midiático interativo**. 2007. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade de Caxias do Sul. Rio Grande do Sul, 2007.

VIANA, Luana; CHAGAS, Luã José Vaz. Categorização de podcasts no Brasil: Uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. *In: Anais XIII Encontro Nacional de História da Mídia, Juiz de Fora - MG*, agosto de 2021. Disponível em: <https://alcarnacional2021.com.br/>. Acesso em: 14 set. 2021



A PESSOA COM DEFICIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA: uma abordagem do jornalismo inclusivo

THE PERSON WITH DISABILITY DURING THE PANDEMIC: an approach from inclusive journalism

Cilene VICTOR¹

Renata JULIOTTI²

Universidade Metodista de São Paulo | Brasil

Resumo

A pesquisa investiga em que medida a prática jornalística inclusiva promove uma cobertura capaz de dar visibilidade à pessoa com deficiência durante a pandemia e, conseqüentemente, produzir efeitos significativos, como a sua representatividade nos discursos e nas políticas públicas de enfrentamento da Covid-19. O referencial teórico contempla estudos no campo da mídia e da luta por reconhecimento e do jornalismo inclusivo. A metodologia recorre à análise qualitativa das coletivas de imprensa do governo do estado de São Paulo e da cobertura da grande imprensa, representada pelos veículos Folha de S.Paulo, Portal G1, O Estado de S. Paulo, e a Agência Brasil, no período de 11 de março a 20 de agosto de 2020. A invisibilidade do PcD, constatada no estudo, evidencia a urgência da prática do jornalismo inclusivo.

Palavras-chave

jornalismo inclusivo; pessoa com deficiência; luta por reconhecimento; pandemia; mídia.

Abstract

This research investigates how inclusive journalistic practice can promote coverage that enables the visibility of people with disabilities during the pandemic and, consequently, produce significant effects, such as their representativeness in the discourses and public policies to face the Covid-19. The theoretical framework contemplates the studies on media and the struggle for recognition and inclusive journalism. As methodology, it was used the qualitative analysis of the press conferences of the government of the state of São Paulo and the coverage of the mainstream media, represented by the vehicles Folha de S.Paulo, Portal G1, O Estado de S. Paulo, and Agencia Brasil, in the period from March 11 to August 20, 2020. The invisibility of people with disabilities, brought to light by this study, highlights the urgency of the practice of inclusive journalism.

Keywords

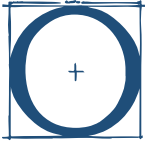
inclusive journalism; person with disability; struggle for recognition; pandemic; media.

RECEBIDO EM 20 DE AGOSTO DE 2021
ACEITO EM 14 DE DEZEMBRO DE 2021

¹ Professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Líder do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions. Contato: cilene.victor@metodista.br

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions. Bolsista CAPES. Contato: renata.juliotti@gmail.com

Introdução

 avanço da pandemia do novo coronavírus (Sars-Cov-2) no Brasil configurou um novo cenário de exclusão e invisibilidade para as pessoas com deficiência (PcD), levantando o questionamento sobre os espaços e narrativas desenvolvidas especialmente para esse grupo minoritário no momento da pandemia e especificamente no contexto do Estado de São Paulo.

Observa-se como a pandemia, que se estende por mais de um ano, aprofundou as desigualdades e as consequências das mudanças causadas nesse período para as pessoas com deficiência, que já vivenciam dificuldades no acesso a direitos básicos, como educação, transporte e saúde.

Em um cenário de crise humanitária, um dos desdobramentos da pandemia, essa realidade ficou ainda mais evidente em decorrência da escassez de políticas emergenciais para esse grupo, mas também pela histórica invisibilidade dos PcD na mídia, uma das mais importantes esferas públicas. Neste sentido, observa-se a urgência do debate sobre a inclusão social em meio a situações de risco e crises humanitárias que, normalmente, apresenta-se como um cenário no qual as pessoas com deficiência são frequentemente esquecidas.

Questiona-se, portanto, como essa minoria está presente nos discursos do governo do estado de São Paulo e na imprensa durante a pandemia. Associado a esse fator, as narrativas midiáticas também podem contribuir para a disseminação de estereótipos que promovem uma visão excludente e distorcida dessa minoria, somando-se aos impactos negativos da invisibilidade. Essa realidade tem sido observada pelo jornalismo

inclusivo, um campo de estudo ainda em desenvolvimento e uma prática em formação, como será discutido neste trabalho.

Nesta perspectiva, o objetivo da presente pesquisa é investigar em que medida a prática jornalística inclusiva pode promover uma cobertura que possibilite a visibilidade da pessoa com deficiência durante a pandemia e, conseqüentemente, produzir efeitos significativos de representatividade nos discursos do governo estadual. Para isso, foi realizada análise de conteúdo de 33 coletivas de imprensa do governador João Doria sobre a pandemia e da cobertura dos veículos Folha de S.Paulo, Portal G1, jornal O Estado de S. Paulo e Agência Brasil, por meio do filtro da expressão “pessoa com deficiência”. Ambas análises compreenderam o período de cinco meses, de 11 de março a 20 de agosto de 2020.

Como resultado, identificou-se que a prática jornalística inclusiva pode promover uma cobertura capaz de conferir visibilidade e representatividade das pessoas com deficiência durante a pandemia, chamando a atenção para a necessidade de criação de políticas públicas emergenciais para esse grupo exposto à situação de maior vulnerabilidade.

Deve-se ressaltar que este estudo, desenvolvido no escopo do grupo de pesquisa Jornalismo Humanitário e Media Interventions, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, foi parcialmente apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom) e no Seminário de Pesquisa e Extensão da Sociologia e Política – Escola de Humanidade (FESPSP).

Impactos da pandemia da Covid-19 na população com deficiência

O último levantamento da Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2011, aponta que uma em cada sete pessoas no mundo possui alguma

forma de deficiência, o que corresponde a cerca de 15% da população global.

Conforme as diretrizes da Organização das Nações Unidas (ONU) e estabelecido no Art. 2º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), entende-se a deficiência como as dificuldades de mobilidade, audição, visuais e de linguagem, e atrasos no desenvolvimento que afetam o comportamento, a expressão emocional e as habilidades de aprendizagem de uma pessoa. A condição pode ser biológica ou adquirida, ou seja, pode-se desenvolver alguma deficiência como resultado de uma doença, abuso ou lesão.

No Brasil, segundo o último Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 23,9% da população possui alguma deficiência, constituindo quase 46 milhões de brasileiros. De acordo com a Base de Dados dos Direitos da Pessoa com Deficiência, da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SEDPcD), no Estado de São Paulo, entre 41.262.199 de paulistanos, mais de 3 milhões de pessoas têm deficiência, cerca de 7,29% da população do estado. Ainda segundo o levantamento, 7,10% da população dos 39 municípios da região metropolitana de São Paulo, que contabiliza 19.683.975 habitantes, tem alguma deficiência, o que corresponde a mais de 1 milhão de pessoas.

Em 2011, a OMS divulgou o Relatório Mundial sobre a Deficiência, adotado por diversos países como um manual sobre a deficiência e as questões relacionadas à saúde do indivíduo que a vivencia, com foco em “medidas para melhorar a acessibilidade e igualdade de oportunidades, promover a participação e inclusão, e elevar o respeito pela autonomia e dignidade das pessoas com deficiência” (SEDPcD, 2012, online). O documento contextualiza a condição como um fator complexo da sociedade, muito além do modelo médico utilizado por décadas.

Além da interrupção e dificuldades de acesso para essa parcela da população, a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) trouxe uma nova perspectiva para esse banco de dados. A chamada *síndrome pós-Covid*, também conhecida como *Covid longa*, diz respeito às sequelas a longo prazo ou permanentes causadas pela infecção do vírus. As pessoas acometidas por esses sintomas necessitam de reabilitação de diversas naturezas, como motora, psicossocial e pulmonar. Nesse contexto, faz-se necessário observar a definição do termo *reabilitação*, conforme definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS):

um conjunto de medidas que ajudam pessoas com deficiência ou prestes a adquirir deficiências a terem e manterem uma funcionalidade ideal na interação com seu ambiente, reduzindo o impacto de diversas condições de saúde. Normalmente, acontece durante um período determinado de tempo, podendo envolver intervenções simples ou múltiplas por uma pessoa ou uma equipe de profissionais. Isso pode ser necessário desde a fase aguda ou inicial do problema médico, logo após sua descoberta, até a fase pós-aguda e de manutenção (OMS, 2011, p. 100).

Portanto, a partir dessa perspectiva, e tendo em vista o modelo médico da deficiência, observa-se que mais pessoas podem ter desenvolvido um ou mais tipos de deficiência ao se infectarem com o vírus, o que influencia tanto na análise estatística sobre o número de pessoas com deficiência em determinada região, quanto nas políticas públicas emergenciais, que devem considerar o aumento da condição de diversos cidadãos que antes não se autodeclaravam como pessoas com deficiência, ressaltando que as barreiras e desafios enfrentados por pessoas com deficiência congênita e adquiridas são os mesmos.

A condição pós-Covid deve ser observada não apenas a partir do modelo médico, como pelo modelo interacionista (biopsicossocial) da deficiência, visto que as dificuldades atreladas ao status da deficiência podem

ser vivenciadas em diversos aspectos da sociedade, como empregabilidade, educação, cultura, acessibilidade e acompanhamento médico multidisciplinar.

Um exemplo da vulnerabilidade acentuada dessa minoria é o impacto no acesso à saúde, prejudicado pelo colapso no sistema público de saúde no Brasil. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2008) prevê a obrigatoriedade dos Estados em reconhecer o direito ao acesso à saúde da minoria.

Os Estados Partes reconhecem que as pessoas com deficiência têm o direito de usufruir o padrão mais elevado possível de saúde, sem discriminação baseada na deficiência. Os Estados Partes deverão tomar todas as medidas apropriadas para assegurar o acesso de pessoas com deficiência a serviços de saúde sensíveis às questões de gênero, incluindo a reabilitação relacionada à saúde (OMS, 2006, Art. 25).

Na educação, que já enfrentava problemas para implementar um sistema educacional inclusivo não segregativo, os prejuízos para alunos com deficiência no ensino remoto vão desde a falta de acesso a tecnologias especializadas de aprendizagem à perda de convívio e rotina. Além da vulnerabilidade socioeconômica e as dificuldades de acesso à internet para muitos desses estudantes, é importante ressaltar as dificuldades de acessibilidade tecnológica e, até mesmo, a capacitação dos profissionais da educação especial para lidar com a nova plataforma de forma interativa.

De acordo com os dados do o Censo da Educação Básica de 2019 e 2020, atualizados na plataforma estadual Base de Dados dos Direitos da Pessoa com Deficiência, “entre 2019 e 2020 o número de alunos com deficiência matriculados nas redes de ensino aumentou em 20%, sendo 174.363 alunos em 2019 e 210.409 alunos em 2020” (SEDPcD, 2021c, online). Realizada pela Fundação Carlos Chagas (FCC), a Universidade Federal do ABC (UFABC), a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA

a Universidade de São Paulo (USP), em julho de 2020, a pesquisa nacional Inclusão Escolar em Tempos de Pandemia, como foco nos professores da educação básica, constatou que:

para 42,8% dos docentes que atuam em Atendimento Educacional Especializado (AEE), a aprendizagem dos alunos com deficiência diminuiu na pandemia. Sobre acessibilidade nas aulas remotas, mais de 40% dos respondentes indicaram a opção "não se aplica", possivelmente por não haver aulas on-line, gravadas, via rádio ou TV, ou outros recursos tecnológicos. Mais de 20% dos docentes e profissionais de serviços especializados indicaram que não foram providenciados os recursos de acessibilidade para esses tipos de aulas; e, na classe comum, esse percentual se aproxima de 30% (FCC, 2020, online).

A empregabilidade dos profissionais com deficiência também foi amplamente impactada nesse período. De acordo com um levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), somente no início de 2020, cerca de 73,5 mil pessoas com deficiência perderam o emprego. O relatório "Inclusão no Mercado de Trabalho e a Pessoa com Deficiência" aponta que, enquanto o mercado de trabalho sofria uma retração a partir de março de 2020, primeiro mês da pandemia do novo coronavírus, para as pessoas com deficiência a situação já se agravava desde o início do ano. Entretanto, os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) indicam que de janeiro a agosto de 2020 foram fechados 849 mil postos de trabalho formais no país. Desse total, cerca de 20% (171,6 mil) eram ocupados por pessoas com deficiência e evidenciam que as empresas desligaram muito mais do que contrataram, demitindo no período 216 mil profissionais com deficiência, e contratando apenas 40 mil.

O impacto da pandemia para esse grupo levou a ONU a lançar um apelo mundial, objetivando a inclusão dessas pessoas nas ações de recuperação e resposta à crise. Segundo o conteúdo divulgado digitalmente

por meio da plataforma oficial da organização, o Secretário-Geral, António Guterres³ (2020), afirma que “mesmo em circunstâncias normais, é menos provável que as pessoas com deficiência tenham acesso a oportunidades de educação, saúde e renda ou participem de suas comunidades” (GUTERRES, 2020, online).

Ainda nesse apelo, a ONU acentuou as dificuldades enfrentadas por esse grupo, com destaque para a falta de informação no campo da saúde pública, as barreiras para o acesso e implementação de medidas de higiene, uma vez que as pessoas com deficiência estão “propensas a viver na pobreza e a sofrer taxas mais altas de violência, negligência e abuso, reforçando que a pandemia está intensificando essas desigualdades e produzindo novas ameaças” (GUTERRES, 2020, online).

Jornalismo inclusivo

Os estudos críticos de mídia são centrados nas Humanidades, um campo majoritariamente qualitativo que explora a atuação cultural, política e econômica das instituições como construtoras de significado e afirmação ideológica, além de desempenharem o papel de fontes para a formação e expressão da identidade social e individual. É nesse campo que estão os estudos do jornalismo inclusivo e sua contribuição para uma mudança sistemática e cultural na comunicação.

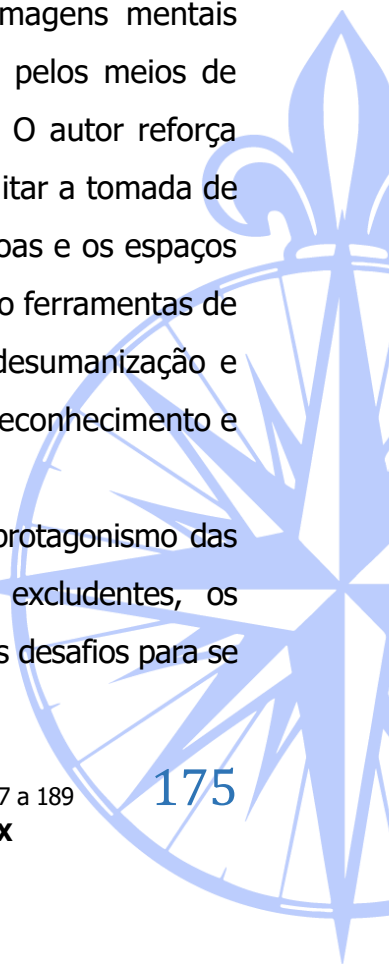
A história das lutas pelos direitos humanos entrecruza as fases históricas do jornalismo. Para que cada direito seja conquistado, é fundamental ele ser reconhecido, e essa validação faz parte dos processos comunicacionais. É nessa dinâmica social que o jornalismo assume o seu papel de guardião dos direitos humanos e civis, em especial das minorias,

³ Chefe da ONU: "Pessoas com deficiências estão entre as mais afetadas por esta crise". Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1712722>>. Acesso em 27/06/2020.

como as pessoas com deficiência, no caso específico desta pesquisa. No contexto das lutas por reconhecimento, na acepção de Honneth (2003), o jornalismo é um importante agente transformador, sobretudo pelo potencial de conferir visibilidade aos movimentos sociais e às suas lutas contra as diversas faces da iniquidade social. A visibilidade midiática dessa realidade vivida pelos grupos minoritários, como as autoras têm investigado em suas pesquisas, é um dos caminhos para o reconhecimento da marginalização e este, por sua vez, a condição primária para reverter o cenário da exclusão. Na luta por reconhecimento, o jornalismo exerce uma função pedagógica, de mobilização e de denúncia da injustiça social, visando mitigar os seus impactos e desdobramentos. Por esta razão, é imprescindível um olhar crítico e construtivo da atuação da mídia, especialmente no seu diálogo com os diversos grupos sociais e as comunidades. No caso da deficiência, as pesquisadoras têm identificado que somado à invisibilidade do tema está o recurso de uma narrativa midiática pouco plural, o que tende a perpetuar os estereótipos das pessoas com deficiência e dificultar o seu sentimento de pertencimento.

Lippmann (1998) define os estereótipos como “imagens mentais fixas e supraindividuais que são rapidamente difundidas pelos meios de informação e entretenimento” (LIPPMANN, 1998, p. 95). O autor reforça que essas imagens teriam uma função importante de facilitar a tomada de decisões em processos complexos para lidar com as pessoas e os espaços ao seu redor (LIPPMANN, 1998). Portanto, estereótipos são ferramentas de um estrato hegemônico, caracterizados pela função de desumanização e despersonalização, as quais são privadas a concessão de reconhecimento e direitos.

Nesse sentido, garantir a pluralidade de vozes e o protagonismo das pessoas com deficiência, inibindo assim as narrativas excludentes, os estereótipos e o capacitismo, é, sem dúvida, um dos grandes desafios para se



alcançar uma cobertura norteada pelos princípios do jornalismo humanitário e inclusivo.

Na concepção de Sasaki (1997), a inclusão social traz uma perspectiva ampla do conceito de igualdade e direitos:

Nesse sentido, a inclusão se constitui em um processo bilateral, no qual as pessoas excluídas e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, tomar decisões para sua solução e tornar realidade a equiparação de oportunidades para todos (SASSAKI, 1997, p. 66).

As sociedades democráticas veem a inclusão como um critério da legitimidade política de seus resultados. Young (2002) distingue duas formas de exclusão social: 'externa', onde grupos e indivíduos são abertamente excluídos para o processo de tomada de decisão, e 'interna', onde "os termos do discurso fazem suposições que alguns não compartilham, a interação privilegia estilos específicos de expressão e a participação de algumas pessoas é descartada como irregular" (YOUNG, 2002, p.53).

O jornalismo inclusivo, como prática comunicacional, fornece à sociedade um conhecimento informado de sua diversidade, bem como uma compreensão da relação entre o indivíduo e a sociedade. Segundo Moring et al. (2017), a ideia de inclusão no jornalismo está enraizada e é indissociável da noção política de democracia inclusiva.

Usado de forma intercambiável, a democracia inclusiva e a sociedade inclusiva, indicam um sistema político que vai além do reconhecimento formal da igualdade de todos os indivíduos e envolve a tomada de ações e medidas especiais para compensar as desigualdades de estruturas sociais injustas (MORING et al., 2017, p. 487, tradução nossa).

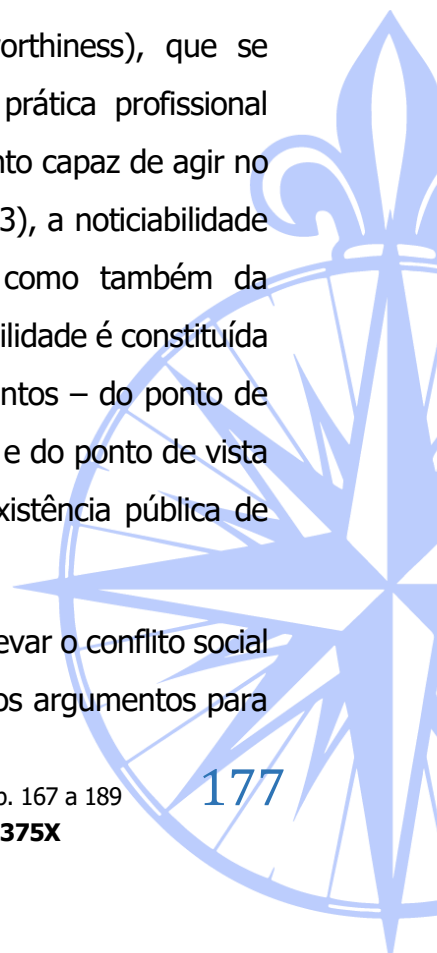
O conceito de jornalismo inclusivo carrega um potencial para amputar linhas ocultas do discurso da mídia e desvendar o processo de legitimação das perspectivas dominantes. Nessa perspectiva, a prática jornalística pode

ser definida como um conjunto de discursos normativos, políticas editoriais e modelos de conteúdo que visam a promoção da diversidade de vozes no domínio da mídia. Enraizada na noção política de democracia inclusiva e um sistema político que vai além do reconhecimento da igualdade formal de todos os indivíduos, a ideia de jornalismo inclusivo examina ações e medidas especiais que os jornalistas usam para abordar e responder às desigualdades de estruturas sociais injustas.

O objetivo dessa prática jornalística é desenvolver uma competência comunicativa inclusiva para permitir o pensamento reflexivo, a experiência do pluralismo social, político e cultural e o reconhecimento da alteridade e da postura crítica em relação ao processo de construção de identidades (RUPAR e PESIC, 2012). Como um recurso analítico, a narrativa inclusiva analisa a representação das pessoas na mídia em ambientes sociais. A escolha de fontes pelos repórteres e a decisão de incluir e excluir, correlacionar à diferenciação funcional, onde estabelecer quem está dentro e quem está fora de um limite, definem "incluído" apenas em relação a "excluído".

Nesse sentido, faz-se necessário compreender a relevância metodológica dos critérios de noticiabilidade (newsworthiness), que se configura como uma das ferramentas de análise da prática profissional inclusiva, a partir do princípio de todo e qualquer elemento capaz de agir no processo de produção da notícia. Na visão de Wolf (2003), a noticiabilidade é resultante da cultura profissional e seus valores como também da organização do trabalho. O autor explana que "a noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia." (WOLF, 2003, p.195).

Observa-se, portanto, o papel do jornalismo de elevar o conflito social a um patamar de discussão, onde a crítica constrói novos argumentos para



ênfatisar direitos básicos como o acesso à informação, democracia e cidadania. Nesse movimento, busca-se ressaltar o papel do jornalismo como agente social que garanta visibilidade às principais temáticas que permeiam a sociedade ou de forma negativa, criar barreiras para a inclusão por meio de estereótipos e narrativas capacitistas.

Logo, a interação entre jornalistas e grupos vulnerabilizados pode produzir discursos de consciência ou de invisibilidade do Outro. E para se chegar a uma compreensão da aplicabilidade e fundamentos de um jornalismo inclusivo é necessário entender como esse processo de inclusão funciona. Para desenhar os caminhos do jornalismo inclusivo, a crítica à mídia, por sua vez, deve exceder às velhas análises, como pontuado por Belarmino (2007, p.228):

Vale ressaltar, entretanto, que não se trata de compreender o sistema de interação social como crítico, dotado de um poder de reagir às produções midiáticas de forma competente, tal como fora idealizado naqueles estudos sobre o uso político dos meios de comunicação de massa. Tampouco nos defrontamos com um sistema de reação fraco, tal como o sistema de recepção proposto pela chamada teoria hipodérmica da sociedade, na sua hipótese dos efeitos ilimitados dos meios de comunicação.

Isso contempla desde a representação social à representatividade de grupos minorizados, passando pela sensibilidade do tratamento de temas subrepresentados, na perspectiva humanitária e na internalização do compromisso do jornalismo com a sociedade. A ideia de inclusão no jornalismo, como prática comunicacional, fornece à sociedade um conhecimento informado de sua diversidade, bem como uma compreensão da relação entre o indivíduo e a sociedade. Segundo Moring et al. (2017), a ideia de jornalismo inclusivo está enraizada e é indissociável da noção política de democracia inclusiva. A democracia inclusiva e a sociedade inclusiva indicam um sistema político que vai além do reconhecimento formal da igualdade de todos os indivíduos e envolve a tomada de ações e medidas

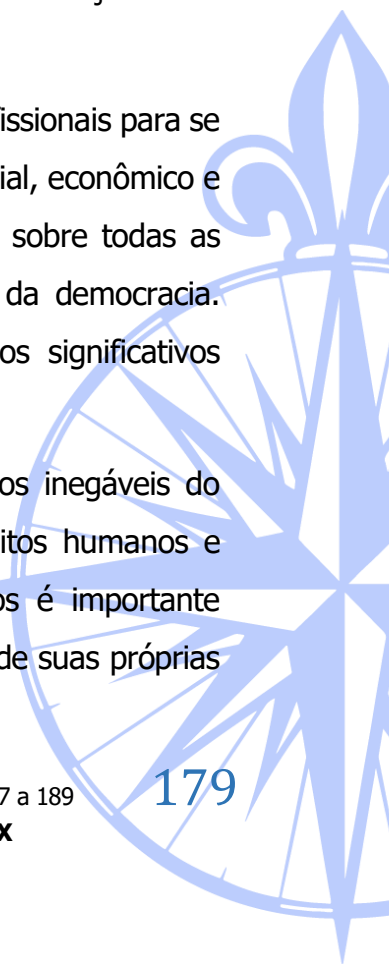
especiais para compensar as desigualdades de estruturas sociais injustas (MORING et al., 2017).

O princípio básico do jornalismo inclusivo, seja como uma teoria, um campo de pesquisa ou uma prática e atividade profissional, é promover uma fundamentação para a cobertura efetiva e responsável da diversidade humana na produção, consumo e distribuição de histórias, vivências e experiências diversas. Ele segue o mesmo prisma do jornalismo humanitário, que traz a perspectiva da notícia como prática humanitária, conectando o propósito da profissão com a essência do humanitarismo na cobertura jornalística (VICTOR, 2018).

Enquadrado num conjunto de estratégias que concilia a prática jornalística com a intervenção social, o jornalismo inclusivo ressalta um compromisso com a promoção da inclusão, baseado em perspectivas críticas dos estudos de mídia e nos princípios da diversidade e da não discriminação, para que possa atuar como um motor de transformação social. Para clarear os temas e abordagens dessa prática jornalística, faz-se necessário dividi-la em quatro princípios norteadores: inclusão, diversidade, representação social e representatividade.

Os princípios dessa prática inclusiva preparam os profissionais para se engajarem de forma crítica no desenvolvimento político, social, econômico e cultural da sociedade e garantir cidadãos bem informados sobre todas as “dores” da sociedade, necessários para o funcionamento da democracia. Esses objetivos universais, no entanto, enfrentam desafios significativos quando se trata da prática cotidiana do jornalismo.

Os princípios de inclusão não se limitam aos direitos inegáveis do indivíduo. Grupos e comunidades também gozam de direitos humanos e liberdades fundamentais. O princípio dos direitos coletivos é importante porque dá às minorias o direito à sua cultura e à formação de suas próprias



agendas públicas. Também inclui a responsabilidade dos Estados de proteger esses direitos e criar condições nas quais eles possam ser mantidos. Hoje, esses direitos coletivos fazem parte de critérios de direitos humanos aceitos internacionalmente. O potencial inclusivo do contexto brasileiro oferece um ponto de partida para explorar a interação global de comunidades menores, fora dos locais dominantes, em relação ao potencial educacional e político de cumprir os ideais de "boa sociedade".

A compreensão da importância de "amplificar as vozes" das minorias, considerando, inclusive, quem elas são e quais são suas histórias, pode colidir com normas, valores, tradições e cultura, tanto da mídia, quanto da sociedade. Essas normas e tradições podem e devem ser desafiadas, levando em consideração uma compreensão diversa do contexto político e social. É necessária uma consciência correspondente quando se discute e se defende a inclusão.

Jornalistas que atuam sob o prisma do jornalismo inclusivo devem entender que, além de fornecer conceitos definidos e diretrizes para a prática inclusiva, também devem estar cientes das diferenças normativas entre os interlocutores nas preferências por tópicos e fontes. Conseqüentemente, as discussões éticas nas redações são cruciais para alcançar um equilíbrio inclusivo neste campo de estudo em constantes transformações.

A cobertura jornalística, amparada majoritariamente nos discursos de suas fontes, o chamado jornalismo declaratório (PEREIRA JUNIOR, 2010; TRAQUINA, 2005), tende a repetir a prática da invisibilização das populações em situação de maior vulnerabilidade, como as pessoas com deficiência durante a pandemia. É o que discutimos a seguir, considerando a análise da fala do governador de São Paulo e da cobertura de veículos de imprensa.

PcD e a pandemia - análise das coletivas do governador de São Paulo

Em decorrência dos impactos da pandemia sobre as pessoas com deficiência e das fragilidades sociais, econômicas e políticas que ela tem acentuado, sobretudo nesse grupo populacional, esta pesquisa investigou em que medida os PcD foram representados nos discursos do governo do estado de São Paulo, por meio da análise qualitativa de 33 coletivas de imprensa e na cobertura da grande imprensa, especificamente Folha de S.Paulo, Portal G1 e O Estado de S. Paulo, e a Agência Brasil.

Ambas análises compreendem o período de 11 de março de 2020, data em que a Organização Mundial da Saúde decretou a pandemia da Covid-19, a 20 de agosto, totalizando um período de cinco meses. Foi utilizado o método de análise de conteúdo que, segundo Bardin (1979, p. 42), configura como “um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo (...)”.

Neste artigo, focamos na realidade de São Paulo, uma das unidades federativas com maior número de pessoas com deficiência, além de epicentro da Covid-19 no país. Os dados extraídos do último censo indicam que 40% dessas pessoas têm deficiência visual, 28,79% deficiência motora, 16,72% deficiência mental e 14,49% deficiência auditiva. Com o uso da ferramenta, a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SEDPCD) conseguiu identificar os distritos da capital com maior quantidade de pessoas com deficiência em situação de alta vulnerabilidade social.

Com o propósito de identificar a visibilidade da pessoa com deficiência nos discursos do governador João Doria, analisamos seis coletivas de imprensa sobre as medidas do governo para conter a pandemia e os seus impactos no estado. Como não identificamos nenhuma menção

aos PcD, decidimos ampliar a análise para todas as 33 coletivas de imprensa realizadas no período do estudo.

A análise revelou que não houve menções diretas a medidas ou iniciativas de apoio às pessoas com deficiência, com exceção de uma coletiva que contou com a presença da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência de São Paulo (SEDPcD), ou seja, do total de 33 coletivas, apenas uma fez menção aos PcD, como mostra a tabela a seguir.

Tabela 1: Coletiva de imprensa com governador João Doria – março a agosto de 2020

DATA	EVENTO	MENCIONA PESSOA COM DEFICIÊNCIA ?
11/03	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria, Secretário Municipal de Saúde – Edson Aparecido e Coordenadora de Vigilância em Saúde (COVISA/SMS) – Solange Maria de Saboia e Silva	NÃO
19/03	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
21/03	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
23/03	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
24/03	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
30/03	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
01/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria, Secretário Municipal de Saúde e Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Trabalho	NÃO
02/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Diretora do Departamento de Apoio à Atenção a Saúde/SMS – Athene Maria de Marco França Mauro	NÃO
05/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
08/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria, Secretários Municipais de Saúde – Edson Aparecido e Desenvolvimento Econômico e Trabalho – Aline Cardoso	NÃO
12/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria	NÃO
15/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
17/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
22/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde e Célia Leão da SEDPcD	SIM
26/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO

A PESSOA COM DEFICIÊNCIA DURANTE A PANDEMIA

28/04	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
03/05	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
07/05	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
17/05	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
26/05	Coletiva de Imprensa sobre Coronavírus, com Governador João Doria e Secretário Municipal de Saúde	NÃO
28/05	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretário do Governo Municipal – Rubens Rizek	NÃO
03/06	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários Municipais de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
05/06	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários Municipais de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
08/06	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários Municipais de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
26/06	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários Municipais de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
03/07	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
06/07	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
10/07	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
17/07	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretário Municipal de Governo – Rubens Rizek	NÃO
24/07	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários Municipais de Governo – Rubens Rizek, Saúde – Edson Aparecido e Educação – Bruno Caetano	NÃO
27/07	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários Municipais de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
05/08	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários Municipais de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO
28/08	Coletiva de Imprensa com Governador João Doria e Secretários Municipais de Governo – Rubens Rizek e Saúde – Edson Aparecido	NÃO

Fonte: As autoras, 2020

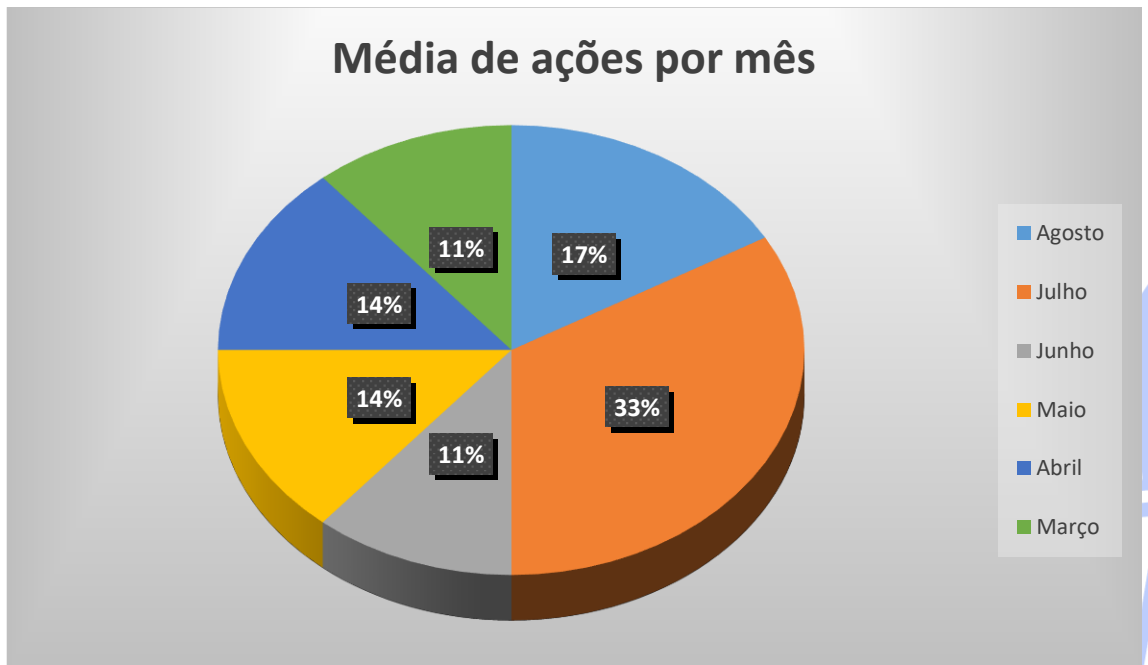
Vale acentuar que na perspectiva da comunicação ou do jornalismo inclusivo, a publicização dessas iniciativas é fundamental para garantir aos PcD o sentimento de pertencimento e de atenção por parte do estado, não apenas no caso específico da pandemia, mas também de outras emergências humanitárias (VICTOR, 2018). Há uma contradição entre a não menção aos PcD e a existência, ainda que modesta, de ações do estado voltadas a esse grupo.

Por meio da SEDPcD foram desenvolvidas 36 ações de apoio ao PcD, sendo que 60% delas já faziam parte do cronograma comum da pasta e

Cilene **VICTOR** • Renata **JULIOTTI**

40% foram para medidas emergenciais de atendimento no contexto de pandemia. Uma das mais importantes ações emergenciais estaduais foi a Resolução SS – 01, de 23 de junho de 2020. A medida amparada pela Lei Federal 13.146/2015, que instituiu o Estatuto da Pessoa com Deficiência, intitulada Internação de pessoas com deficiência, infectadas com a Covi-19, resguarda os direitos e a proteção dos acompanhantes, que devem ter idade entre 18 e 59 anos e não apresentar comorbidades, abrangendo toda a rede pública hospitalar do estado.

Gráfico 1 – Média de ações realizadas pela SEDPcD entre 11 de março e 20 de agosto de 2020



Fonte: As autoras, 2021, online.

Outra iniciativa foi o aplicativo Inclusão SP, da SEDPcD, que apresenta um mapa da deficiência no Estado, tornando possível clicar na região e obter dados de cada deficiência e ainda as respectivas ações locais da pasta. De acordo com a pasta, o aplicativo disponibiliza informações

sobre o número de pessoas com deficiência nas diversas regiões, além de um histórico sobre a secretaria e as principais ações realizadas pelo governo de São Paulo. O aplicativo foi disponibilizado para sistemas IOS e Android e pôde ser baixado pelo “SP Serviços”, loja de aplicativos do governo do Estado de São Paulo.

Atentas ao fato de que a invisibilidade da pessoa com deficiência em 32 de 33 coletivas do governo do estado de São Paulo, objeto desta análise, também poderia ser repetida na grande imprensa, realizamos no mesmo período das coletivas a análise de conteúdo dos principais veículos jornalísticos do país, Folha de S.Paulo, Portal G1 e O Estado de S. Paulo, e a Agência Brasil.

Por meio de recursos de inteligência artificial, especificamente *data scraping* (raspagem de dados) e de *data mining* (mineração de dados), usando para isso o software livre R Studio, foram levantadas reportagens e notícias nesses veículos com o filtro “pessoa com deficiência”, no período de 11 de março a 20 de agosto de 2020. A busca resultou em um total de 159 matérias associadas ao termo do filtro. O resultado quantitativo, no entanto, contrasta com o qualitativo, uma vez que o conteúdo se referia a editorias gerais, reservando pouco espaço para discussões diretamente associadas às pessoas com deficiência durante a pandemia.

A análise qualitativa identificou que a cobertura desses veículos não só reproduziu a invisibilidade dos PcD, como reforçou estereótipos. Nessa perspectiva, observa-se como o jornalismo tem um papel crucial como ator social para intermediar as causas sociais e trazer visibilidade para questões pouco debatidas nos órgãos públicos e governamentais, excedendo com isso o jornalismo declaratório. Quanto a maneira como os PcD foram abordados, a análise identificou que mais de 80% das matérias com personagens com deficiência recorreram aos estereótipos que a prática do jornalismo inclusivo visa refutar. Essa constatação demonstra as fragilidades

da grande imprensa na abordagem de pessoas com deficiência, especialmente em cenários de crises humanitárias, como a que a pandemia exacerbou. De acordo com Martins et al (2017), “[...] longe de ser irrelevante, a forma como perspectivamos a deficiência é essencial na forma como definimos os problemas e delineamos as soluções” (MARTINS et al, 2017, p. 54).

Partindo do princípio de que a mídia tem o papel social de dar visibilidade aos movimentos sociais, a cobertura midiática durante o período demonstrou o quanto a agenda da pessoa com deficiência ainda é negligenciada pela imprensa brasileira e suas fontes de informação. Maia (2019) discorre sobre o papel da mídia enquanto um local de disputas e discute as razões pelas quais as representações ficcionais e não ficcionais são importantes tanto para a abordagem teórica do reconhecimento, quanto para uma agenda de pesquisa social (MAIA, 2019). Neste sentido, a atuação da imprensa é crucial para promoção de um espaço destinado a esse grupo minoritário, visando criar um cenário de inclusão e representatividade social.

Consequentemente, um dos mecanismos da narrativa inclusiva é reafirmar o papel social do jornalismo na promoção da diversidade, respeito às diferenças individuais e na atuação humanizada no sentido de reduzir as desigualdades sociais, relacionando comunicação e luta por reconhecimento.

Considerações finais

O jornalismo exerce um importante papel na construção de identidade e visibilidade das minorias na sociedade. A imprensa pode promover uma cobertura que dê visibilidade às pessoas com deficiência durante a pandemia e produzir efeitos significativos de representatividade

nos discursos de governo, chamando a atenção para a necessidade de criação de políticas públicas emergenciais para esse grupo.

Os resultados da análise de conteúdo das 33 coletivas de imprensa e das 159 matérias jornalísticas, como recurso para amparar as reflexões sobre o jornalismo inclusivo, apontam que, apesar da existência de iniciativas do governo do estado de São Paulo voltadas aos PcD na pandemia, esse grupo da população seguiu na invisibilidade, mesmo diante de umas maiores crises humanitárias já enfrentadas pelo país. O jornalismo declaratório, ou seja, a reprodução demasiada da fala das fontes, sobretudo as oficiais, é uma das pistas para entender essa invisibilidade no discurso do governo e no da mídia. Significa dizer que se os PcD não estavam no discurso do governador, pouco provável que estariam presentes no discurso da mídia, especialmente se considerarmos a invisibilidade história e cultural dos PcD no jornalismo.

A garantia de direitos demanda mudanças na cultura das instituições. Esse é o ponto de partida para impulsionar a visibilidade e representatividade da pessoa com deficiência em todos os segmentos da sociedade. Para isso, é preciso repensar as políticas públicas de inclusão sob o prisma da luta por reconhecimento e promoção de espaços e lugar de fala, ou seja, é necessário e imprescindível amplificar a voz, mas sobretudo a presença desse grupo da população nos espaços de poder, como a mídia.

Do mesmo modo, é necessário garantir a escuta da sociedade, começando pela mídia. A imprensa tem um papel crucial na promoção de um espaço destinado a esse grupo minoritário para divulgar os impactos e desafios que enfrentam no dia a dia, criando um cenário de inclusão e representatividade social.

É nesse contexto que o jornalismo inclusivo tem papel determinante. Ele pode resgatar o compromisso da imprensa com os direitos humanos e civis, com a promoção da diversidade e o respeito às diferenças individuais. Sua atuação humanizada tende a reduzir as desigualdades sociais.

O jornalismo inclusivo ainda está nascendo, é um campo teórico em desenvolvimento e uma prática profissional com um longo caminho a percorrer, mas necessário e urgente diante das demandas das pessoas com deficiência e de sua luta por reconhecimento.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos). Inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho. Nota técnica, número 246, 20 de novembro de 2020. São Paulo: Escritório Nacional, 2020. Disponível em <<https://www.dieese.org.br/notatecnica/2020/notaTec246InclusaoDeficiencia.html>>. Acesso em 18/08/2021.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. Pesquisa Inclusão escolar em tempos de pandemia. Online, 2021. Disponível em <https://www.fcc.org.br/inclusao-escolar-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em 18/08/2021.
- GUTERRES, A. Pessoas com deficiências estão entre as mais afetadas por esta crise, 2020. **Portal UN**. Disponível em <<https://news.un.org/pt/story/2020/05/1712722>>. Acesso em 27/06/2020.
- HONNETH, A. Luta por reconhecimento – a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34, 2003.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censo Demográfico 2010. **Educação e deslocamentos: resultados da amostra**. Rio de Janeiro: IBGE; 2010. Disponível em <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em 06/08/2021.
- KOVACH, B; ROSENSTIEL, T. **The Elements of Journalism**: What newspeople should know and the public should expect. ed. 3. New York: Three Rivers Press, 2001.
- LIPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MAIA, R. C. M. **Mídia e lutas por reconhecimento**. São Paulo: Paulus, 2019.
- MARTINS, B. S. et al. Investigação emancipatória da deficiência em Portugal: desafios e reflexões. In: MORAES, M. et al. **Deficiência em questão**: para uma crise da normalidade. Rio de Janeiro: Nau, 2017.
- MORING, T. et al. Global interaction as a learning path towards inclusive journalism. **Journal of Applied Journalism & Media Studies**, v. 6, n. 3, p. 485-506, 2017.
- ONU (Organização das Nações Unidas). Declaração Universal dos Direitos Humanos. **ONU, 1948**. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>>. Acesso em 06/08/2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Model Disability Survey**. Geneva: WHO, 2021. Disponível em <<http://www.who.int/disabilities/data/mds/en/>>. Acesso em 05/03/2021.

PCD LEGAL. Página inicial, online. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**. Disponível em <<http://www.pcdlegal.com.br/convencaoonu/#.Xy84mChKjIU>>. Acesso em 08/08/2020.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 3ª. Petrópolis: Vozes, 2010.

SASSAKI, R. K. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. 5.ed. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE. Internação de Pessoas com Deficiência, portadores do novo Coronavírus. **Nota técnica Resolução SS/ SEDPCd-01**. São Paulo, 2020. Disponível em <<http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/notatecnicainternacaodeficienciacovid19.pdf>>. Acesso em 06/08/2021.

SEDPCD. Banco de Dados dos Direitos das Pessoas com Deficiência. São Paulo, online. Disponível em <https://www.basededadosdeficiencia.sp.gov.br/> . Acesso em 06/08/2021.

SEDPCD. Internação de Pessoas com Deficiência, portadores do novo Coronavírus. Nota técnica Resolução SS/ SEDPCd-01. São Paulo, 2020. Disponível em <http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/notatecnicainternacaodeficienciacovid19.pdf>. Acesso em 06/08/2021.

RUPAR, V.; PESIC, M. Development of Journalism Education and Rebuilding Democracy. In: Hamada, B. (ed) **Rebuilding Egyptian Media for a Democratic Future** [in Arabic], Cairo: Dar Alam al-Kuttub, 2012.

RUPAR, V; PESIC, M. The importance of journalism training and education for democratic media. 2011. **Rebuilding Egyptian Media for a Democratic Future**, Cairo University, Egypt, March 30-31, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo** Volume I: Porque as notícias são como são. 2ª. Florianópolis: Insular, 2005.

VICTOR, Cilene. Opacidade do sofrimento humano decorrente de desastre sob a perspectiva do jornalismo humanitário. **Folios**, Facultad de Comunicaciones, Universidad de Antioquia, n. 40, julio-diciembre 2018.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

YOUNG, M. **Inclusion and democracy**, Oxford: Oxford University Press, 2002.

